

meu doce
REI

SÉRIE OS COOPER LIVRO 3

GABRIELA LINS



meu doce
REI

SÉRIE OS COOPER LIVRO 3

GABRIELA LINS

Copyright © 2019 Gabriela Lins

Capa: Wiliam Nascimento

Revisão: Angélica Podda

Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra através de qualquer meio — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

*Dedico este livro a todos que acreditam que é
possível amar novamente.*

Prólogo

Aline Cooper

Às vezes me pergunto se mereço tamanha felicidade por ter a melhor família do mundo e o melhor namorado da minha vida. Bem, na verdade, James é meu primeiro tudo: primeiro beijo, primeiro amor, primeiro namorado, minha primeira vez, primeiro homem da minha vida.

São exatos cinco anos de relacionamento e parece que foi ontem quando ele me pediu em namoro; lembro do meu pai ter surtado quando eu cheguei em casa levando James comigo para pedir permissão para namorar comigo. Eu tinha apenas quinze anos e meu pai, no começo, não quis aceitar, mas aí entrou minha heroína, minha mãe! Ela tem o dom de convencer meu pai a tudo e eu acho isso incrível, o amor dos dois é lindo.

— Amor, você está bem? — pergunta James, me tirando dos meus devaneios. São exatamente 19:00 horas e estamos voltando da casa de James; ficamos o dia todo lá, e o que eu achei estranho foi meu pai ter deixado sem hesitar.

— Só estava pensando no quanto eu amo você. — Ele sorri; esse sorriso é lindo.

— E o quanto será que a senhorita Aline Ferreira Cooper me ama, hein? — pergunta, brincando sem tirar os olhos da estrada, afinal já é noite e está mal iluminada.

— Bem maior que o infinito — digo sorrindo.

— Eu acho que amo você o dobro do infinito. — Como eu o amo.

— Eu sei disso, baby — debocho.

— Nada convencida... Pelo menos não sou eu quem fica mais velho hoje. — Hoje é meu aniversário, estou completando vinte anos de idade e cinco de namoro.

— Ah, que engraçadinho. Não se esqueça que hoje também completamos cinco anos aturando um ao outro.

— Eu que o diga, você é muito chata — diz sério.

— E você é muito mandão — retruco.

— Irritante.

— Idiota.

— Chata.

— Teimoso.

— Linda.

— Gostoso.

— Eu te amo.

— Também amo você.

— Casa comigo?

— Deli.... Espera, o quê?! — Eu não acredito que ouvi isso.

— Casa comigo? — pergunta novamente. Deus, eu não acredito nisso! Nunca senti meu coração bater tão forte como agora.

Ele me pediu em casamento!

— Deus, por essa eu não esperava — murmuro em choque.

— Não sou Deus, sou James, querida. — Brinca.

— James, é sério, casamento é um passo muito grande.

— Eu sei. Eu ia pedir você quando chegássemos na sua casa, mas não consegui esperar. Então, você aceita?

— Isso é loucura.

— Loucura é o amor que sinto por você! É tão grande que às vezes me assusta. Eu te amo e daria minha vida por você se fosse preciso.

Nem preciso dizer que estou toda derretida e chorando feito uma doida, não é?

— Eu aceito, meu... — Quando ia terminar a frase, somos surpreendidos por três motos que nos fecham, fazendo James quase perder o controle do carro.

— Saiam do carro, agora! — grita um homem com uma pistola, apontando para o nosso carro. Olho para James, que parece nervoso.

— James, o que vamos fazer? — pergunto com medo.

— Nada, vamos somente fazer o que pedirem. Com certeza são assaltantes, então não vamos tentar nada. Confia em mim, meu amor, eu vou proteger você — disse ele abrindo a porta do carro e eu faço o mesmo; saímos os dois com as mãos na cabeça.

Mas antes de James sair, ele aciona um botão no carro que se conecta ao

celular reserva dentro do porta-luvas. O pai dele, que é ex-agente da CIA, mandou implantar isso no carro dele e disse que era para acionar a polícia mais próxima caso algo desse tipo acontecesse.

São no total de seis homens encapuzados, armados e todos tem suas armas apontadas para nós, o que me apavora mais.

Dois deles se aproximam.

— Passem tudo, a chave do carro também — fala o homem que, pelo que percebo, é o líder deles. Entregamos todos os nossos pertences a eles, mas o que mais me deixa com medo é o fato desse líder ficar me olhando de forma assustadora. Não olho para mais lugar nenhum, só escuto seus passos se aproximando mais de mim.

É agora que eu morro!

— Qual é seu nome? — pergunta próximo demais.

— Ali... Aline — gaguejo.

— Você é muito bonita, muito bonita mesmo, e já faz tempo que eu e meus amigos não temos uma mulher, sabe. — Oh Deus, isso não!

— Por favor, ela não. Levem tudo, mas ela não, por favor, eu... — Antes que James termine de falar, o homem que está próximo a ele lhe acerta um soco, o fazendo cair no chão; tento correr até ele, mas sou impedida por outro homem.

— Não! James! — grito em desespero quando vejo outro homem vindo e lhe acertando um chute nas costelas.

— Fique quieta, vai ser rápido — diz o líder, que me joga no chão fazendo minha cabeça bater com força; sinto uma dor terrível.

— Por favor, não façam nada com ele — peço chorando.

— Se ele colaborar vai sair daqui vivo, só queremos brincar um pouco com você, princesa. — O medo me toma; eu não quero passar por isso. Meu Deus, me ajuda!

— Por favor, não façam isso — suplico.

— Calma, lindinha, isso vai acabar logo, logo, e se não fizer, vamos matar seu namoradinho, então colabora — murmura; em seguida, manda

todos apontarem as armas para James. O medo que sinto de perdê-lo é grande demais, não posso permitir isso.

Quando o homem se aproxima de mim, tudo acontece muito rápido; James arranca a arma da mão de um dos homens, acertando o líder, que cai no chão com um tiro na cabeça; olho para ele, assustada.

— Corre Aline, agora! — ordena, correndo dos tiros dos outros homens; quando vou correr, escuto dois tiros bem próximos a mim e quando olho para trás, vejo James caído, me jogo no chão para ajudá-lo sem me importar com os assaltantes, logo escutamos o barulho de sirenes e dou graças a Deus por ser a polícia, mas infelizmente eles chegaram muito tarde.

Os assaltantes fogem em suas motos, deixando um deles morto no chão. Olho para James e percebo que ele levou dois tiros, um na barriga e outro no peito.

Esses tiros eram para acertar em mim!

— James, meu amor, por favor fica comigo, tudo vai ficar bem. — Choro, coloco a mão no seu rosto e sinto o quão gelado ele está.

Deus, por favor, não deixe que ele morra!

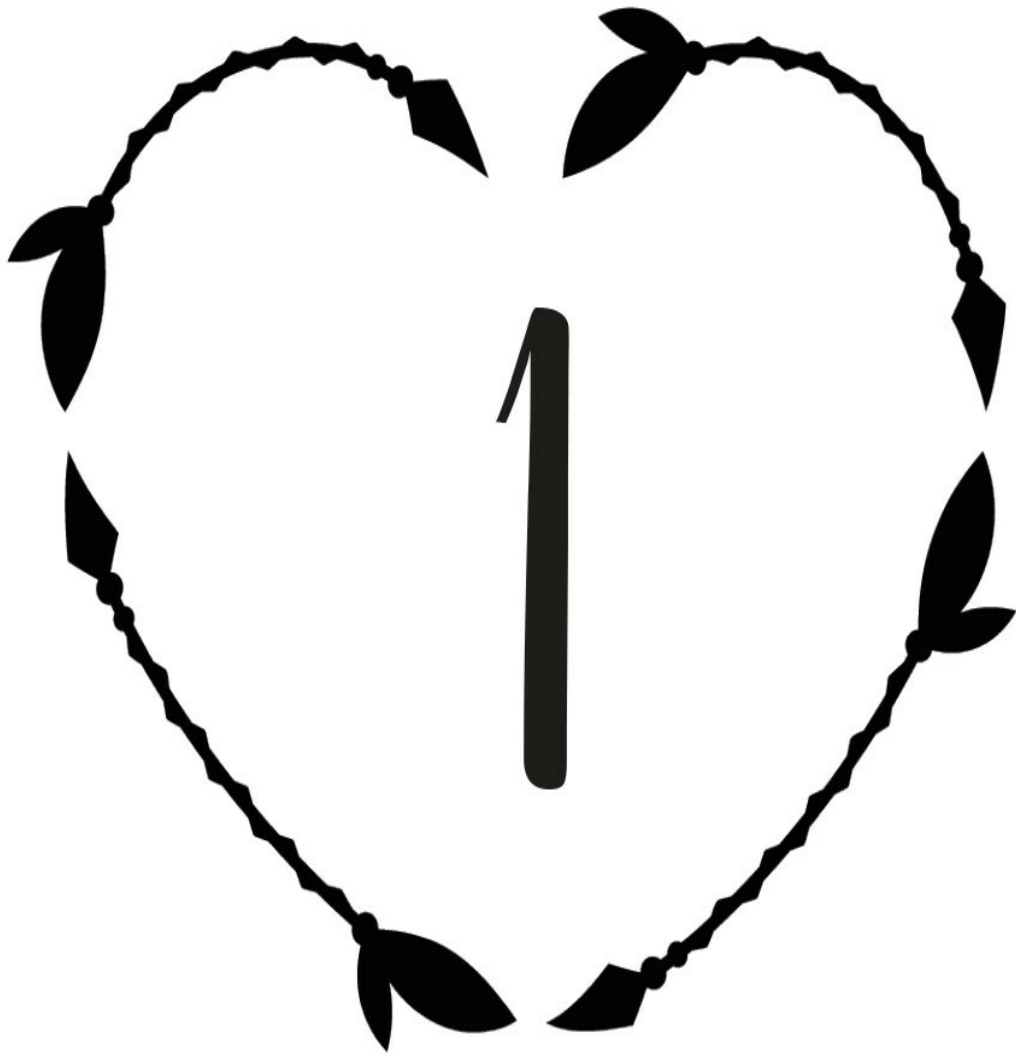
— Eu disse que iria te proteger, meu amor — sussurra.

— Não fale, por favor, você tem de ficar bem, não gaste suas...

— Eu sempre vou te amar, Aline, o dobro do infinito. — Dito isso ele fecha os olhos, sua respiração para e sua pele, que antes já estava bastante fria, fica mais ainda.

Não!

— James! Acorda, pelo amor de Deus! Fica comigo, meu amor. Você prometeu ficar comigo. Nós temos de nos casar, meu amor, acorda! Não faz isso comigo, eu amo tanto você... Por favor, não me abandona... JAMES! — choro mais ainda, desesperada.



Aline Cooper

Às vezes eu queria poder voltar no tempo e, pelo menos, ter tentado salvar James daqueles assaltantes. Só Deus sabe a saudade que sinto, a falta que ele me faz, a dor que sinto ao lembrar que ele deu a vida para me salvar... Já haviam se passado quatro anos desde aquela terrível noite e eu ainda não aceito a ideia de que ele se foi, sendo que havia me prometido sempre ficar ao meu lado; me recuso a acreditar que o grande amor da minha vida havia sido assassinado diante dos meus olhos.

James tinha acabado de me pedir em casamento, não se passaram nem dois minutos e ele foi retirado de mim de uma forma tão brutal e desnecessária... Minha mãe, Angel, e meu pai, Alex, meus irmãos, tios e primos, todos ficaram chocados com tudo que aconteceu. Sempre estiveram do meu lado para me ajudar a superar isso, mas eu não consigo, simplesmente eu não consigo. Entrei em depressão depois disso, tinha sempre pesadelos e só dormia à base dos remédios que o psiquiatra indicou; uma vez tentei me matar, tomando tudo quanto é tipo de remédio, fui parar no hospital e fiquei lá por um mês.

Desde esse dia, dois anos atrás, meus pais tiraram os remédios de mim. Eu queria que eles me entendessem... James foi meu primeiro tudo, primeiro beijo, primeiro amor, primeiro homem e primeiro namorado e estava caminhando para ser meu primeiro e único marido se não tivessem tirado ele de mim; fora também a culpa terrível que sinto, pois ele morreu para me salvar. A mãe dele ficou arrasada e até hoje me culpa pela morte do filho; ela nunca havia gostado de mim e tudo ficou pior depois da morte dele, mas a vida é assim, injusta e cruel, infelizmente.

— Aline, filha, posso entrar? — Escuto minha mãe perguntar do outro lado da porta.

— Sim, mãe — respondo, voltando a me concentrar nos meus desenhos.

Me formei em moda há dois anos e meu sonho sempre foi ser uma grande estilista; minha mãe tem uma boutique que faz muito sucesso em Nova York e tudo com roupas desenhadas por ela. Eu amava ir ver tudo de perto, mas hoje em dia não vejo mais sentido. Sei que deveria tentar seguir em frente, mas é muito difícil. James foi alguém extremamente importante na minha vida, é muito doloroso lembrar de como ele foi morto, do porquê, e me dói até a alma... Eu vi meu namorado morrer em meus braços!

— O jantar já está pronto, minha filha, Rita preparou seu prato favorito — diz ela, se sentando do meu lado.

— Obrigada, mãe, mas não estou com fome — respondo sem olhá-la.

— Mas você ama lasanha.

— Sim, mãe. Só não estou com fome.

— Já é a terceira vez, Aline. Você não comeu nada hoje, minha filha, só fica enfurnada nesse quarto, meu amor.

— Mãe, me deixa sozinha, por favor. — Peço, agora a olhando.

— Não, não vou deixar. Você é minha filha e me preocupo com você, pelo amor de Deus!

— Mãe, por favor, eu não estou bem, quero ficar sozinha.

— Aline Ferreira Cooper, não vou sair desse quarto até termos uma conversa civilizada e normal de mãe e filha como sempre tivemos.

— Não começa, a gente já conversou sobre isso. — E lá vamos nós de novo.

— Eu imagino a dor e a saudade que você tem de James, mas, você não pode parar de viver por causa disso.

— Não estou parando de viver, eu só não quero jantar, será que entende isso, dona Angel Cooper? — Caminho em direção à janela do meu quarto e sinto ela se aproximar.

— Não entendo mesmo. Eu sinto saudade da minha menininha que adorava passar o dia conversando comigo, ou na minha boutique, me ajudando com os meus desenhos. Sinto falta da menininha que amava sair comigo para tudo que era canto, eu sinto saudade da minha filha. — Ela desabafa, e eu digo sem olhá-la.

— Acontece que sua “menininha” cresceu e hoje é uma mulher de vinte e quatro anos.

— Não estou falando nesse sentido e sim de que você, desde a morte de James, se fechou para todos, incluindo a sua família.

— Ninguém nunca vai me entender — murmuro encarando o jardim.

— Eu entendo sim, meu amor. — Sinto seus braços me rodearem.

— Naquela noite, James havia me pedido em casamento. — Solto de uma vez e olho para ela, sentindo as lágrimas descenderem. Minha mãe me olha surpresa, porque desse detalhe ela não sabia. Na verdade, ninguém sabia.

— Ele o quê? Mas por que você nunca nos contou isso?

— Não faria diferença, não iria trazê-lo de volta.

— Me desculpa filha, eu não sabia disso, deveria ter nos contado — murmura, me abraçando bem forte.

— Eu o amava e ainda o amo tanto, mãe, que chega doer no meu coração saber que nunca mais vou vê-lo; olhar suas fotos e ver que tudo que vivi com ele agora só são meras lembranças...

— James não iria querer te ver sofrendo desse jeito... Eu sei que jamais poderá esquecê-lo, mas você não deve parar a sua vida por isso. A vida continua e sei que aonde você for, ele sempre estará com você.

— Obrigada, mãe.

— É meu trabalho como supermãe, não é?

— Sim, só a supermãe. — Abro um sorriso discreto.

— Então, filha, promete para mim que tentará superar isso? Não só por mim ou pelo James, mas por você mesma...

— Posso tentar.

— É, já é algum começo.



Depois da conversa com a minha mãe eu me senti mais... leve, nunca me senti tão revigorada depois de quatro anos, e como havia dito que iria tentar, nesse momento estou jantando com a minha família depois desses anos e confesso que me sinto bem. Minha mãe não para de sorrir, é visível a sua

felicidade em me ver reunida à mesa depois daquela terrível noite.

— Pai, quero aproveitar que estão todos reunidos aqui e dizer uma coisa — diz meu irmão Theodore, chamando nossa atenção.

— Pode falar, filho. — Minha mãe incentiva.

— Bom...como sabem, meu avô quer se aposentar do ramo dos cassinos e queria alguém para assumir seu posto no...

— A resposta é não. — Meu pai diz sério.

— Alex! Você nem o deixou terminar.

— Eu já sei o que ele vai dizer, Angel, e não quero meu filho metido com essas coisas.

— Mas pai, o senhor sempre disse que era para seguirmos nossos sonhos... Meu sonho é assumir os cassinos do meu avô John.

— Sim, eu disse isso, mas parece que você levou ao pé da letra. Christian falou que quer seguir meus passos, porque você não pode ser...

— Igual ao Christian? É sempre assim, o senhor está sempre me comparando com ele pai, mas acontece que não sou ele. Posso me parecer com ele, já que eu, ele e Aline somos trigêmeos, mas querer que eu seja ele já é demais.

— Alex, meu amor, ele está certo, você sempre o está comparando com Christian e isso não se faz.

— Angel, mas...

— Mas nada, assim como Christian e Aline decidiram o que querem ser eu acho que Theodore também tem esse direito. — E essa é minha mãe, sempre a justa e compreensiva.

— Obrigado, mãe.

— Não pense que eu estou de acordo com isso, mocinho. Sabemos que mexer com esse tipo de negócio pode trazer problemas, mas não posso te impedir. Você já é um homem, é formado em Administração, terá meu apoio porque sou sua mãe e meu dever é te orientar a ir pelo caminho certo.

— Eu não concordo. — Meu pai protesta.

— Pai, a mamãe está certa, ele tem direito de escolher o que quer. — Christian se manifesta.

Meus irmãos são lindos, eles se parecem muito com o meu pai, altos, fortes, com o cabelo escuro; Theodore deixou o dele crescer, ficando na altura dos ombros e tem uma barba rala, pele levemente bronzada, queixo quadrado e peitoral e ombros largos, Christian tem o cabelo curto e barba. Ambos com olhos iguais aos da minha mãe, claros, e já perdi a conta de quantas meninas se aproximaram de mim só para chegar perto deles. Christian sempre foi bem responsável e o mais reservado, digamos que ele é uma versão do lado sério do meu pai. Já Theodore é mais extravagante, nunca ligou muito para a vida alheia e sempre está discutindo com o meu pai. Ele é mais *farreiro*, sempre fora brincalhão e rodeado de mulheres, e, por incrível que pareça é também bastante responsável; digamos que ele é o lado extrovertido do meu pai. Eu já puxei mais a minha mãe, fico sempre entre ambos, não sou muito séria e nem muito brincalhona, digamos que sou o equilíbrio entre ambos.

— Eu já deixei a minha opinião sobre isso, Theo, sou seu pai e só quero te proteger. — Vejo Theo abrir a boca para dizer algo, mas minha mãe o corta.

— Theo, mais tarde eu e seu pai vamos conversar sobre isso, não é, amor? — indaga a minha mãe, lançando um olhar do tipo “se você não concordar eu te bato”.

— Sim, amor — responde meu pai, se dando por vencido.

— E você, Aline, sabe o que pretende fazer? — pergunta meu irmão Christian.

— Eu ainda não sei.

— Mas você estudou moda, meu amor, não quer abrir seu próprio ateliê como sempre disse que faria? — questiona minha mãe com um certo brilho no olhar.

— Talvez, mas eu ainda não me sinto preparada para isso, eu acho que no momento não seria bom.

— Claro, minha filha, nós te entendemos e eu fico muito feliz de ver você jantando conosco e interagindo também, estou muito orgulhoso. — Meu

pai fala e me dá um grande sorriso.

— Obrigada, pai.

— Seu pai e eu estávamos conversando sobre uma possível viagem — murmura minha mãe.

— Uma terceira lua de mel? — pergunta Christian.

— Não. Apesar que a ideia não é nada mal, mas não é para nós — explica meu pai.

— Então é para quem? — Dessa vez quem pergunta é Theodore.

— Para Aline. — Olho assustada para eles.

— Eu? Viagem para onde?

— Genovia. Sempre soubemos que era seu sonho visitar lá, então resolvemos te dar essa viagem de presente — diz meu pai.

— Fora também que vai lhe fazer muito bem ficar um tempo longe daqui — acrescenta minha mãe.

— Espera, vocês decidiram isso sem ao menos me consultar antes?

— Claro que não, Aline, estamos te dando essa viagem de presente de formatura, seus irmãos ganharam e nada mais justo você ganhar também — explica meu pai.

— Mas eu me formei há quase dois anos, está um pouco tarde para isso...

— Na época não falamos nada porque você ainda estava em fase de luto, mas agora, vendo você comendo conosco, eu não vejo motivo para não fazer essa viagem.

— Mãe, eu não sei se estou...

— Filha, por favor, você disse que tentaria melhorar por você mesma.

— Sim, mãe, mas uma viagem? Olha, eu sei que vocês têm feito de tudo para me ver melhor e eu agradeço muito, mas não posso aceitar essa viagem — digo já me levantando da mesa.

— Aline, aonde você vai? — Meu pai pergunta.

— Para o meu quarto, perdi a fome. — Saio sem me importar com os meus pais me chamando.

Eu sei que pode parecer ignorância minha, mas eu não posso aceitar pelo simples fato de não querer sair deste lugar. Aqui é onde tenho várias lembranças de James e eu não quero deixá-las nunca. James sempre foi e sempre será o homem da minha vida e nada e nem ninguém mudará isso.



Aline Cooper

Olhar as fotos de James é algo reconfortante, mas ao mesmo tempo perturbador. James foi e é alguém muito especial na minha vida, alguém que me mostrou o que é o amor, alguém que me fez feliz por cinco anos e que foi tirado de mim da pior forma possível.

— Amiga do meu *core*. — Sinto uma pessoa muito maluca se jogar em cima da minha cama, me tirando dos meus devaneios.

— Oi, Driana. — Driana é minha melhor amiga, ela me ajudou muito quando James morreu.

— Que *oi Driana o quê*, vaca, vim aqui te sequestrar. — Ela me encara com seus grandes olhos verdes.

— Deixa adivinhar. Minha mãe te ligou dizendo que eu não aceitei a viagem que ela e meu pai me deram de presente de formatura? — Ah, minha mãe é demais.

— Mas é óbvio que sim! Ir para a Genovia sempre foi seu sonho, porque não quer ir agora? — Sento-me na cama para poder encará-la.

— Não quero deixar minhas lembranças para trás. — Abaixo o olhar.

— Viajar para distrair a mente não quer dizer que você vá esquecer das coisas que te fazem lembrar do James, eu que o diga... Ele era o meu irmão, Aline. — Olho para ela, que agora tem um olhar triste.

— Me desculpe, Driana... Eu não queria...

— Tudo bem. James sempre vai fazer falta, sempre terá um lugar reservado para ele no meu coração, mas isso não significa que tenho de parar de viver. — Eu sei que ela está certa, só que...

— Parece tão errado. — Dou de ombros.

— Errado vai ser se você recusar esse incrível presente de formatura atrasado que seus pais estão lhe dando, e ainda vem com um brinde. — Abre um grande sorriso.

— Que brinde, furacão morena? — Ela me mostra a língua.

— Eu! — diz jogando seus cabelos longos e enrolados para trás.

Driana é uma negra linda, de olhos verdes, assim como seu irmão era, cheia de curvas e com tudo na medida certa. Sempre com roupas de diferentes estilos e seu cabelo vira e mexe muda.

— Espera, você vai comigo nessa viagem? — pergunto surpresa.

— É claro que sim, sempre quis conhecer a Genovia. — Faz careta.

— Você disse que nunca iria para lá. — Lembro muito bem quando eu disse a ela que meu sonho sempre foi ir à Genovia e ela disse que jamais iria a um lugar não conhecido.

— Agora, mais do que nunca, eu quero ir. — Sinto cheiro de macho na história.

— Tem a ver com homem, não é? — questiono, já sabendo a resposta.

— Menina, por que nunca me falou que os genovianos são uma tentação? Ontem encontrei um naquela boate perto da minha casa... — Sabia.

— Já abriu as pernas para ele?

— Não, o cara é muito... Antiquado, certinho demais, pelo que percebi. — Faz careta.

— Ele não é antiquado, você só não está acostumada com caras tão cavalheiros — provoco.

— Talvez. Conversamos a noite toda, nem um beijinho de despedida ele me deu quando me levou para casa. — Faz beicinho.

— Sério? Qual o nome dele? — pergunto curiosa.

— Raymond.

— Um nome diferente e forte. — Ergo uma sobrancelha.

— Sim. Ele é tão lindo! Nunca vi tanta beleza assim antes, toda vez que eu o pegava me olhando muito, eu corava. — Olho surpresa.

— O quê? Você corando com o olhar de um homem? Isso é novo. — Esse cara deve ser bom mesmo.

— Eu sei, isso é muito estranho, jamais me senti assim com homem algum. — Tampa o rosto.

— Acho que isso foi amor à primeira vista. — Ela ri.

— Isso não existe, minha amiga, só você mesmo para pensar nisso. — Revira os olhos.

— Embora o mundo hoje em dia demonstre o contrário, eu acredito sim no amor à primeira vista. Geralmente esse amor é o que fica marcado em nossas vidas para sempre — falo me lembrando de James.

— Eu não acredito. — Dá de ombros.

— Quando você estiver amando alguém, virá até mim só para dizer que eu estou certa.

— Espere sentada. — Se levanta dando um sorriso sarcástico.

— Quando vamos viajar? — Me levanto da cama, Driana olha-me assustada por minha atitude, mas logo vejo um enorme sorriso se formar em seus lábios carnudos; ela corre na minha direção e praticamente pula em cima de mim, me derrubando na cama. — Sua louca, você é pesada, sabia? — falei tentando tirá-la de cima de mim.

— Só não bato em você agora por dizer que sou gorda porque vamos ter nossa primeira viagem juntas e sem ninguém pegando no nosso pé. — Falou já em pé, pulando feito uma boba, e ao mesmo tempo batendo palmas.

— Você não respondeu a minha pergunta. — A lembro.

— Que pergunta? — Me olha confusa.

— Quando vamos viajar? Para quando a viagem está marcada?

— Bom, pelo que a sua mãe me disse, nosso voo sai amanhã bem cedo. — Arregalo os meus olhos.

— Amanhã? Mas tão rápido assim?

— Não me olha assim, seus pais que me disseram isso. — Faz sinal de rendição.

— Agora que estou pensando melhor, meu pai te acha uma louca sem juízo algum. Como ele aceitou que eu viajasse com você para outro país por um tempo indeterminado? — Meu pai gosta muito da Driana, a considera como uma filha, mas a acha muito irresponsável e que, de algum modo, ela possa ser uma má influência para mim. Mal sabe ele que a má influência era eu, quando adolescentes... Óbvio que mudei bastante de uns tempos para cá, mas tive meus motivos.

— Seu pai me ama — diz se jogando no pequeno sofá roxo que enfeita meu quarto.

Meu quarto é todo branco, com uma parede enorme de vidro que me dá uma bela visão do jardim da mansão. A cama *king size*, sempre com lençóis e

travesseiros brancos e roxos, tem do lado um criado-mudo, um abajur e um porta-retrato com uma foto de todos os Coopers juntos. O piso é de madeira, um *closet* enorme do lado esquerdo do quarto e do lado direito uma porta para o banheiro. As paredes estão cobertas de quadros com desenhos de roupas feitas por mim.

— Vou sentir saudade daqui, Driana — murmuro olhando em volta.

— Eu também vou, Aline, mas precisamos dessa viagem, não é só você que precisa esvaziar a mente... Precisamos correr atrás dos nossos sonhos, viver mais a vida.

— Você filosofando? Vai acontecer o apocalipse. — Driana ri.

— Sua boba, estou falando sério.

— Sim, eu sei. Quem sabe na Genovia eu encontre algo que me ajude muito nessa minha jornada...

Sabe quando você sente que a partir daquele momento sua vida jamais será a mesma? Que tudo que você vai viver dali em diante será intenso e novo? Pois é, eu senti isso nesse exato momento. Tenho a sensação de que a partir do momento em que eu sair dessa mansão, a Aline que todos conheceram não será mais a mesma... Essa sensação foi uma das melhores e mais reconfortantes que já tive depois da morte do James.



Deixar lembranças ruins para trás e só levar as boas, é isso que venho repetindo em minha mente desde que saí de casa. Nesse momento, meus pais, o pai de Driana e meus irmãos estão no aeroporto para se despedir de nós; será uma viagem longa, mas que valerá muito a pena, eu sinto isso.

— Eu nem acredito que minha filha vai viajar pela primeira vez, e sozinha! Acho que vou chorar. — Minha mãe diz, escondendo o rosto entre as mãos.

— Nossa menina cresceu, temos de aceitar isso. — Olho para o meu pai.

— Ei, eu ainda estou aqui. — Christian e Theodore riem.

— Oh, minha filha, eu vou sentir tanto a sua falta. — Dona Angel me abraça.

— Eu também, mamãe — falo no seu ouvido.

— Eu também, minha filha. — Escuto Kendrick, pai de Driana, dizer e logo em seguida a abraçar.

Lindsay, sua mãe, não quis vir. Ela me odeia, me culpa pela morte do seu filho e não concordou com a viagem de Driana comigo. Mesmo todos dizendo que não tenho culpa, eu sinto que se James não tivesse entrado na frente, nada disso teria acontecido; era para eu estar morta e ele vivo, junto com a sua família.

A família Miller se desfez de uma forma horrível depois disso, o casamento dos pais de Driana está indo ladeira abaixo e o relacionamento que Driana tinha com sua mãe, que era muito bom, agora se tornou ruim. As duas moram na mesma casa, mas mal se falam, e tudo isso por minha culpa.

— Para. — Olho para Christian, assustada.

— Parar com o quê?

— De se culpar. — Dessa vez Theodore falou.

— Como sabem que estou fazendo isso?

— Somos irmãos e, ainda trigêmeos! Sentimos isso e também a forma como olha para Driana e Kendrick te entregou.

— Não importa o que digam; de alguma forma, na minha cabeça, quem destruiu essa família fui eu. — Sinto meus irmãos me abraçarem juntos.

— Nós amamos você, e você não tem culpa de nada. — Embora não pareça, Theodore, Christian e eu sempre fomos bem unidos, só nos distanciamos quando James morreu. Eu me fechei para o mundo a minha volta, incluindo a minha família, e só agora percebi o erro que cometi.

— Me desculpem por me isolar. — Me abraçam mais forte e logo depois se afastam um pouco para me olharem.

— Nós te entendemos, Aline, imaginamos como deve ter sido difícil para você lidar com tudo isso. Não podemos julgar, não sabemos o tamanho

da sua dor, a única coisa que nós podemos fazer é estar ao seu lado — disse Christian.

— Vocês dois são os melhores irmãos que alguém poderia ter. — Abraço os dois mais uma vez.

— Nós sabemos — falam em uníssono.

— Prometem não fazer nenhuma burrada? — indago olhando para Theodore.

— Por que sinto que isso foi uma indireta? — Christian ri e diz.

— É porque não foi uma indireta, e sim uma direta.

— Hahaha, muito engraçado vocês dois.

— Senhor Cooper, o jato já está pronto para decolar. — Um dos seguranças avisa.

— Está na hora, meninas. Boa viagem para vocês. — Olho para meu pai e, sem me conter, praticamente pulo em cima dele para abraçá-lo. Ele me abraça forte, tirando os meus pés do chão, como sempre fazia quando me abraçava.

— Eu te amo, papai. — Sinto as lágrimas já tomarem conta dos meus olhos.

— Eu também te amo, minha princesa, com todo o meu coração. — Meu pai tem o dom de fazer tudo parecer que vai ficar bem. O seu abraço é igual ao da minha mãe, me transmite paz e me sinto muito protegida.

— Alex, as meninas tem de ir. — Minha mãe falou chamando nossa atenção.

— Às vezes eu ainda acho que você é pequena, quando cresceu tanto? — pergunta para si mesmo.

Saio dos braços do meu pai e, antes de me virar junto com Driana para dentro do jato, me despeço de todos dizendo:

— Até mais, amo vocês.

Saímos do aeroporto John F. Kennedy International Airport às oito horas em ponto, provavelmente quando chegarmos à Genovia já será o final da

tarde.

Genovia, ou oficialmente República Parlamentarista da Genovia, é um país que existe desde 1950 e é uma pequena ilha localizada no Oceano Atlântico Norte. Embora seja um país pequeno, é bem desenvolvido e rico. Quando ouvi falar sobre essa pequena ilha eu simplesmente me encantei, comecei a pesquisar sobre ela e fiquei fascinada pela beleza e classe que esse pequeno paraíso exala. Soube também que o responsável pela criação do país foi o rei Eduardo. Ele morreu em 1980, deixando o trono na mão de seu filho, Eduardo II, que morreu de uma doença grave há alguns anos, e passou o trono a seu único filho, não lembro bem o nome. Pelo menos ele morreu sabendo que o seu projeto estava pronto e indo muito bem.



Acordo sentindo alguém me cutucar e vejo que é Driana.

— Ei, flor do dia, chegamos — disse ela, já pegando as malas.

— Dormi por quanto tempo? — pergunto retirando o cinto.

— Tempo suficiente para chegarmos aqui. No momento em que sentou nessa poltrona você dormiu, não te acordei para ir ao quarto porque você parecia tranquila.

— Nunca dormi tanto assim, mas acho que foi porque à noite eu mal consegui pregar os olhos, estava muito ansiosa. — Pego minha mala e, com a ajuda do piloto e do copiloto, saímos do jato.

— Senhorita Cooper e senhorita Miller, há um carro aguardando vocês.
— A aeromoça nos avisa.

— Vamos logo, estou louca para ver mais desses homens lindos. — Driana fala não só me fazendo rir, mas também a aeromoça.

Minha mãe havia nos dito que comprou uma casa na capital do país, em um bairro com bastante segurança.

— Sua mãe disse que a casa já está toda mobiliada e com os mantimentos na despensa, ela disse também que contratou uma mulher para nos ajudar na organização da casa. Nesse caso, nós só precisamos nos preocupar em aproveitar esse tempo. — Estávamos dentro do carro, olho pela janela e a primeira impressão que tenho desse lugar é de ser muito acolhedor, aqui parece ser bem tranquilo. Tudo aqui é moderno, mas ao mesmo tempo simples e lindo, estou mais encantada ainda pela Genovia.

Quando o carro passa pelos enormes portões de grade escura, constato que a casa que meus pais haviam comprado não era uma casa, e sim uma mansão, em um bairro onde somente há mansões, umas mais bonitas que as outras.

— Era de se esperar que a casa que meus pais compraram não era uma simples casa, e sim uma mansão de milhões — falo ao entrar na suposta casa.

— Mas devemos admitir, sua mãe tem bom gosto. — Driana tem razão, minha mãe teve um excelente gosto ao escolher essa mansão. Na verdade, tudo que tem o dedo da minha mãe é de bom gosto.

A mansão é enorme, por fora é toda branca, por dentro as cores são variadas, em tons mais escuros, indo do vinho ao preto até chegar na cor mais clara, que é o branco. Os móveis são rústicos e ao mesmo tempo lindos e luxuosos.

— Senhoritas? — Uma senhora surge na sala. Ela está com um uniforme, aparenta ter uns quarenta anos, pele morena e olhos negros, o cabelo preso em um coque perfeito e um sorriso simpático no rosto.

— Olá. — A cumprimentamos.

— Me chamo Norma, sou a pessoa encarregada de ajudá-las com a organização da casa.

— Por favor, não precisa dessas formalidades. Eu sou Aline e ela Driana; minha mãe havia nos avisado sobre a senhora.

— Me chamem de Norma, me sinto mais velha do que já sou quando me chamam assim. — Driana e eu rimos.

— Tudo bem, Norma. — Abro um sorriso simpático.

— Estou fazendo o jantar, em uma hora ele ficará pronto. Só vim me

apresentar e perguntar o que gostariam de beber durante o jantar...

— Vinho — disse Driana.

— Sinto informar que o vinho está em falta, é o único item que não tem.

— Deixa que vou comprar, então. — Pego a minha bolsa.

— Quer que eu vá com você? — pergunta Driana.

— Não precisa, quando estávamos vindo avistei um mercado; não é longe, então dá para ir andando. Norma, pode levar as minhas malas para o quarto, peça para um dos seguranças te ajudarem.

— Claro, Aline, e pode andar tranquilamente, por aqui é quieto e seguro.
— Me despeço das duas e saio de casa.



Pelo que percebi, esse é um bairro nos arredores do palácio. Estava tão distraída que acabo esbarrando em alguém, minha bolsa cai e rapidamente me abaixo para pegá-la, mas antes que eu faça isso, a pessoa em quem esbarrei a pegou.

— Desculpe, eu machuquei você? — Uma voz grossa e forte fala. Olho melhor para o dono da voz, ele retira o capuz e quase caio para trás quando o vejo.

Isso não é um homem, é um deus grego.

— Não, eu também estava muito distraída. — Ele sorri.

Nossa, que sorriso lindo.

— Mesmo assim, peço desculpas.

— Tudo bem.

Como pode um homem ser tão lindo assim?

— Me chamo Benjamim. — Estende a mão, eu a pego e, nesse

momento, sinto uma sensação estranha, uma eletricidade, um formigamento pelo meu corpo. Rapidamente tiro minha mão do seu toque.

— Me desculpe... Eu... Eu tenho de ir. — Saio o mais rápido possível de lá, indo logo ao mercado.

Enquanto vou ao caixa e pago pelo vinho, aquele homem me vem à cabeça. A sensação que tive, jamais havia sentido antes.



Benjamin Nikolai

Ao chegar ao palácio, vou direto para o meu quarto e me jogo na cama para pensar em tudo que aconteceu comigo quando esbarrei naquela mulher linda.

E os olhos dela...

São lindos e hipnotizantes! Seu toque me causou coisas que jamais havia sentido por uma mulher, foi muito estranho e ao mesmo tempo bom e, pelo que percebi, ela sentiu o mesmo, pois praticamente saiu correndo, deixando seu celular para trás. Peguei o seu celular e vi que o papel de parede do aparelho é ela e mais dois homens que são idênticos, devem ser gêmeos.

Nunca fui um homem de me apegar ou ter relacionamentos, tais pensamentos nunca passaram pela minha cabeça; não por eu ser mulherengo, e sim porque não achei alguém que me fizesse mudá-los.

— Benjamin! — Escuto minha tia gritar ao entrar no meu quarto, já sei que vem bronca.

— Oi tia, estou bem e a senhora, como está? — ironizo ao me levantar para encarar uma Christa nada feliz.

— Não me venha com essa. Onde você estava, menino?

— Fui dar uma volta. — Seu olhar é mortífero.

— Dar uma volta?! Benjamin, você é rei de um país! Não pode sair sem a guarda real. — E lá vamos nós de novo.

— Detesto ser vigiado, e eu só fui dar uma volta pelas redondezas do palácio, não fui muito longe. — Vou até o meu *closet* para pegar uma cueca box.

— Mesmo assim. Odeio quando sai sem a guarda e muito menos sem avisar, sabe que te tenho como filho e vejo vários líderes de países sofrerem atentados, e eu...

— Tia, eu também a tenho como uma mãe, mas acontece que, às vezes, isso tudo se torna sufocante. — Me aproximo dela.

Minha mãe morreu quando nasci; fui criado pelo meu pai, Eduardo II, e meus tios, que viviam aqui no palácio. Minha tia perdeu seu marido em um acidente de carro há seis anos e um ano depois meu pai veio a falecer por conta de um tumor muito avançado que ele tinha e jamais nos contou; só descobrimos no dia de sua morte. Foram perdas muito grandes e que juntos, minha tia, meu primo Raymond e eu, conseguimos superar e seguir em frente; a única coisa que prevalecia era a saudade e boas lembranças.

— Da próxima vez que sair me avise, e deixe alguns dos guardas te

acompanhar, nem que seja de longe, tudo bem?

— Tenho escolha?

— Sabe que não — disse sorrindo e eu, sem me conter, sorri também.

— Tudo bem, Dona Christa, vou fazer o que me pediu.

— Celular novo? — Se referiu ao celular da moça em quem esbarrei mais cedo, que ainda estava em minhas mãos.

— Não.

— Então?

— Hoje mais cedo esbarrei em uma moça, ela deixou a bolsa cair, eu recolhi suas coisas e coloquei na bolsa, mas ela foi embora tão rapidamente que nem percebeu que havia deixado o celular no chão.

— Ela falou o nome?

— Não, eu me apresentei, mas ela não, mal conseguia falar. Acho que nem daqui ela é, o sotaque era diferente e todos sabem que eu sou o rei. Ela teria me reconhecido se fosse deste país... — Pego o seu celular para olhar a foto do papel de parede mais uma vez, focando somente nela.

— Aline Cooper.

— O quê?

— O nome dela — murmura naturalmente, olhando para a foto.

— Como sabe disso?

— A família dela é muito importante e conhecida no ramo de arquitetura nos Estados Unidos, e até mesmo fora. Ela é filha de Angel e Alex Cooper, se não me engano. Esses dois rapazes na foto são irmãos dela, eles são trigêmeos. — Olho surpreso para minha tia.

— Nossa, isso explica porque ela parece tanto com os dois. Já ouvi falar dessa família, só nunca tinha visto ninguém dela.

— Essa menina é muito bonita. — Olho para a foto mais uma vez.

— Sim, ela é, os olhos dela são de um azul tão lindo! — Minha tia abre um sorriso.

— Vejo que gostou dela.

— Não comece, tia. — Ela ri.

— O que será que ela veio fazer em Genovia? — Muda de assunto.

— Não sei, mas tenho de arrumar um jeito de devolver o celular dela.

— Veja na lista telefônica dela, talvez tenha algum número que você possa contatá-la. Está desbloqueado, pelo que percebi.

— Não vou vasculhar o celular de uma mulher, isso é invasão de privacidade.

— Se quer vê-la de novo, terá de fazer isso. — Ergo uma sobrancelha.

— Por que senti um duplo sentido na sua frase? — Ela me olha com a maior cara de inocente.

— Você que está ouvindo demais. Agora, se me der licença, vou ao meu quarto para ler um pouco. — Fica na ponta dos pés para beijar a minha bochecha e logo em seguida sai. Coloco o celular em cima da cama e vou ao banheiro tomar um banho.



Ao sair do banho e colocar uma roupa, trato logo de ligar para Trevor, um amigo que pode me ajudar nesse caso. Peço para ele localizar Aline Cooper e meu amigo pede para eu aguardar uma hora; é o tempo para me dizer se achou ou não. Enquanto aguardo, pego o celular dela e, quando dou por mim, estou acessando a galeria e começo a ver suas fotos. Acabo parando em uma na qual o foco é seu rosto; seu sorriso é lindo e o brilho que seus olhos transmitem é hipnotizante.

Não sei por quanto tempo fiquei olhando para essa foto, mas sou interrompido quando Ava, uma das empregadas do palácio, avisa que o jantar será servido; digo que já vou descer e que assim que estiver pronto pode servir. Logo escuto o meu celular tocar e vejo que se trata de Trevor, ele me

diz que ela havia chegado hoje em Genovia e que estava em uma mansão próxima ao *Palácio Real de Pyrus*, me passa o endereço e eu agradeço. Desligo o celular em seguida e fico ponderando se somente mando alguém entregar em suas mãos ou se eu mesmo devo fazer isso.

Até que vê-la de novo não seria uma má ideia.

Antes mesmo que eu perceba, já estou pedindo para um dos motoristas preparar um carro para mim e mais um de escolta, para ficar de longe. Saio do palácio e vou direto para o carro que me aguarda na saída.

Vou ver novamente aqueles lindos olhos azuis hipnotizantes.

A handwritten signature in black ink that reads "Aline Cooper". The script is fluid and cursive, with the first name "Aline" and the last name "Cooper" written in a single, continuous style.

Jogo praticamente tudo de dentro da minha bolsa em cima da minha cama e nada, meu celular sumiu ou deve ter ficado no chão quando eu esbarrei naquele estranho.

“Ou ele roubou” ... — Penso.

Não! Pare com isso, ele não parecia ser um ladrão. Embora estivesse vestido de calça e casaco com capuz, ele tinha boa aparência e me ajudou a pegar minhas coisas que caíram no chão; definitivamente aquele homem não me roubou.

Aqueles olhos.

Só em pensar nesse cara que logo sinto meu corpo todo se arrepiar. É estranho, jamais fiquei desse jeito por causa de um homem e menos ainda por um desconhecido. O toque dele foi algo inexplicável e intenso, algo que nunca havia sentido, e aqueles olhos, aquele sorriso em meio àquela barba

loira bem-feita... Não vão sair da minha cabeça tão cedo.

— Ainda não achou o celular? — pergunta Driana ao entrar no meu quarto.

— Não, com certeza deve ter ficado no chão. — Pego as coisas que joguei na cama e recoloco na bolsa.

— Então vamos voltar para ver se ficou por lá. Você disse que é bem perto daqui.

— Está louca? É tarde e obviamente alguém passou por lá e pegou o meu celular. Amanhã vou em uma loja e compro outro. — Me joga na cama depois de guardar tudo.

— E esse cara que você esbarrou? Será que ele...

— Para ser sincera, eu não sei. Se ele quisesse me roubar, teria levado tudo, incluindo a minha carteira, não só um celular. E ele não parecia ser um ladrão, me falou até seu nome.

Benjamin.

— Aline, tem uma pessoa querendo vê-la — avisa Norma, entrando no quarto.

— Me ver? Se identificou?

— Acho melhor você ir lá baixo ver. — A expressão de Norma é bem estranha, ela parece nervosa e surpresa com algo.

Driana e eu saímos do meu quarto praticamente correndo para saber quem é essa pessoa. Quando chegamos no final das escadas vimos um homem de costas, alto, vestido de calça jeans e jaqueta de couro. Sinto um arrepio pelo meu corpo, mas assim que o homem se vira, sinto minha respiração falhar e meus olhos se arregalarem.

— Benjamin. — Ele sorri e se aproxima.

Putá merda! Que sorriso é esse!

Olho para Driana, que está boquiaberta olhando para ele.

— Aline, é um prazer revê-la. — Seu sorriso se abre mais e eu quase derreto.

— Vossa Majestade, deseja algo? — pergunta Norma ao meu lado.

Majestade?

— Não, muito obrigado. — Norma sorri nervosamente e se retira.

— Vossa Majestade? Como assim? — Driana tirou as palavras da minha boca.

— Sou Benjamin Eduardo Nikolai Dostoiévski Petrov III, rei de Genovia. — Agora é minha vez de ficar boquiaberta.

Ele é um rei!

— Nossa, eu pensava que o rei era mais velho — comenta Driana.

— Devo levar isso como um elogio. — E mais uma vez ele sorri, só que dessa vez, me olhando bem nos olhos.

Não me olhe assim.

— Bom, mas entre, fique à vontade, Majestade. — Olho para Driana, entrevendo um sorriso malicioso em seus lábios.

— Não será necessário e, por favor, me chamem de Benjamin.

— Claro, Benjamin, mas assim como eu, minha amiga deve estar se perguntando o que você está fazendo aqui? — Percebo que Driana está olhando maliciosamente para Benjamin.

— Bom, mais cedo eu esbarrei na sua amiga e ela acabou deixando o celular cair e eu vim trazê-lo. — Estende o celular para eu pegar, mas nesse momento nossas mãos se tocam e aquela eletricidade vem junto, ainda mais forte do que mais cedo. Rapidamente recolho minha mão.

— Muito obrigada. — Sorrio sem graça.

— Disponha. — Ficamos por alguns segundos em silêncio, olhando um para o outro, eu engulo em seco, sentindo minhas bochechas ruborizarem. O olhar desse homem é muito intenso e intimidador.

— Preciso terminar de arrumar minhas coisas, vou deixá-los sozinhos, com licença. — Quando vou protestar, Driana logo se vira e sai rapidamente, subindo as escadas.

Vaca!

— Sua amiga é muito simpática — fala de repente.

— Sim, ela é. — Desvio o olhar.

— Eu estou te incomodando?

— Não, é só que... Bem... Como descobriu o meu endereço? — Mudo de assunto.

— Tenho contatos. Sempre consigo o que quero, senhorita Cooper.

— Parece que não descobriu só o meu endereço. — Ele riu.

— Precisava te entregar seu celular e a senhorita é de uma família bem conhecida, foi fácil achá-la. — Olho para o meu celular e percebo que ele está desbloqueado.

Será que ele...

— Seu celular já estava desbloqueado quando o deixou no chão, eu não mexi — responde minha pergunta interna.

— Tem certeza que não deseja nada? Algo para beber ou...

— A única coisa que desejo é que saia comigo amanhã à noite. — Arregalo os meus olhos.

— O quê?

— Quero que saia comigo amanhã à noite, passo aqui às vinte horas. — Ele se vira para sair e eu me apresso em dizer.

— Como pode dizer que quer sair comigo e nem sequer perguntar se eu aceito? — Sorriu.

— Perguntou o que eu desejo.

— Sim, mas eu...

— Não vou te morder ou fazer nada demais, só quero que saia comigo amanhã à noite.

— Por quê? Nem nos conhecemos. Sei que você é um rei, mas... — Me assusto quando ele leva uma de suas mãos até o meu rosto e coloca fios do meu cabelo atrás da minha orelha, tudo isso olhando nos meus olhos. Sem dizer mais nada se vira e sai, me deixando igual uma idiota perto da porta.

— Ei, ele já foi? — indaga Driana, parando do meu lado.

— Sim. — Me viro para sair e ela me segura pelo braço.

— O que aconteceu? Você está estranha.

— Não é nada... Vamos jantar? Estou morrendo de fome. — Mais uma vez ela me segura.

— Sabe que é uma péssima mentirosa. — Me dou por vencida e começo a falar.

— Ele me chamou para sair amanhã à noite. — Assusto-me quando Driana dá um grito, pulando feito uma louca.

— O rei da Genovia te chama para sair e você fica com essa cara de quem comeu e não gostou?

— Não é porque ele é um rei que sou obrigada a sair com ele... — Dessa vez consigo me afastar, mas ela vem atrás de mim.

— Você disse que viria para cá para se distrair.

— Sim, mas não esse tipo de distração. — Vou até a sala de jantar e vejo a mesa posta.

— Aline, não custa nada.

— Não vou e ponto final. — Me sento à mesa e ela faz o mesmo, se sentando de frente para mim.

— Você vai sim porque amanhã à noite vou sair, também tenho um encontro. — Olho para ela, surpresa.

— Estamos aqui só a algumas horas e já tem um encontro? Como conseguiu se nem de casa você saiu? — Ela ri.

— Lembra daquele cara da boate que eu tinha falado?

— Sim, Raymond, não é?

— Isso mesmo. Hoje, quando você saiu, ele me ligou, se desculpou por não ter ligado antes, disse que estava muito atarefado com o trabalho e, no meio da conversa, disse que estava na Genovia e eu falei que também estava. Marcamos de sair amanhã à noite e dei o nosso endereço a ele. Sete e meia da noite ele estará aqui. — Pega o vinho e se serve, quase enchendo a taça de

cristal.

— Você pode até sair amanhã, mas eu não. Mal conheço esse cara.

— Deixa de ser chata. Pelo menos uma vez nesses quatro anos, se dê uma chance.

— Uma chance? Olha, ele só me chamou para sair, não vai querer algo sério comigo. — E mesmo se quisesse, eu não ia querer.

— Então não custa nada sair com ele amanhã.

— Custa muita coisa — digo me lembrando de James.

— Eu sei que sente falta do meu irmão, Aline, mas acontece que a vida continua. Você não o estará traindo se sair com Benjamin.

— Você não entende? Eu nunca tive outro homem em minha vida a não ser James, sair com outro vai ser muito estranho. Ainda amo muito ele. — Respiro fundo para não começar a chorar.

— Vamos mudar de assunto. Viemos para cá para nos distrair e esquecer um pouco dessa tristeza, não ficar lembrando dela, certo?

— Certo.

— Só me responde uma coisa.

— Sim.

— Benjamin te causa sensações estranhas? — Automaticamente fico vermelha e eu nem preciso dizer nada, Driana já entendeu.

— Eu não acho certo — falo de repente.

— E eu não acho certo com você.

— Se eu sair com ele, não vou estar cometendo algum erro?

— Estará cometendo um erro se não sair com ele — bufo, me sentindo derrotada.

— Está bem, mas só será dessa vez. — Vejo um enorme sorriso se formar em seus lábios.

— Algo me diz que você não vai se arrepender. — Começo a rir.

— Prevendo o futuro agora? — Pego o vinho e me sirvo.

— Só intuição mesmo — diz ela, colocando um pedaço de carne na boca.

Espero mesmo não me arrepender.



Aline Cooper

— Aline! O que está fazendo deitada aí? — Me levanto rapidamente da cama ao me assustar com os gritos de Driana.

— Você me assustou, maluca!

— Não mude de assunto, o que está fazendo deitada na cama ainda?

— Eu estava descansando, mas uma louca entrou no meu quarto sem bater e ainda por cima gritando. — Ela bufa.

— São quatro e meia da tarde, Aline.

— E daí?

— Não me diga que esqueceu...

— Me esqueci do quê?

— Hoje você vai sair para jantar com Benjamin.

— Claro que não me esqueci.

— Então o que está fazendo deitada aí? Olha só para você. Seu cabelo está um ninho de pássaros preso em um coque malfeito, blusa maior que você e um short de lycra.

Nunca fui de andar muito arrumada, só mesmo em ocasiões especiais, pois não vejo necessidade em andar arrumada o dia todo dentro de casa.

— Ele só virá à noite, Driana, não precisa desse drama todo. E, para ser sincera, eu não estou muito a fim de sair.

— Eu sabia que iria fazer algo para não sair com ele, Aline. Você prometeu que...

— Eu não disse que não sairia com ele. — Ela me olha, confusa.

— O quê? Como assim?

— Eu achei melhor ficar em casa e, se ele quiser, fica aqui também. Você sabe que não gosto muito de sair, e eu ficaria mais à vontade estando em casa. Ele é um rei, não estou a fim de sair com a cara estampada em *sites* e revistas de fofoca.

— Bom, não é a mesma coisa que você sair com o rei da Genovia em lugares públicos, mas dá para aceitar. — Driana revira os olhos e eu rio.

— Agora, se me der licença, vou voltar a dormir. Passei a manhã toda batendo pernas pela cidade, agora só quero descansar.

— Você está muito preguiçosa, Aline. Por que não volta a desenhar novos modelos para a *grife* da sua mãe?

— Eu estou sem inspiração.

— Quem sabe essa noite você não consiga uma. — Sorri maliciosamente e se vira para sair do meu quarto.

Me deito na cama, não demora muito para eu cair no sono e, pela primeira vez desde a morte de James, eu não tive pesadelos.

— Aline. — Acordo ouvindo alguém me chamar, e quando vejo quem é, quase solto um xingamento.

— Driana, eu já não pedi para me deixar dormir? — Ela ri.

— São dezenove horas e trinta e três minutos, Aline. — Pulo da cama.

— Droga! Eu dormi demais.

— Não se preocupe, Benjamin veio junto com Raymond; eles estão lá embaixo e, pelo que me disseram, são primos. Fique tranquila que já falei para o Benjamin, ele concordou e até gostou da ideia. — Não sei porque, mas um sorriso largo surgiu em meus lábios.

— Ainda bem, diga a ele que em dez minutos estou descendo — digo indo em direção ao banheiro.

— Não sou sua secretária, mas vou avisar sim, é para algo bom. Ele está muito lindo. — Reviro os olhos e, assim que ela sai do quarto, respiro fundo e fico pensando o que eu e aquele cara podemos fazer sozinhos nessa casa...

Enquanto tomo banho, muitos pensamentos me vêm à mente, como por exemplo: há um estranho me esperando lá em baixo. Bem, ele é um rei, mas ainda assim não deixa de ser um estranho. Não estou convencida de que foi uma boa escolha aceitar isso, não só por causa de James, mas também pelo pouco tempo que estou neste país. Cheguei ontem para visitar e já tenho um encontro?

Um encontro e com o líder do país! Isso é algo que jamais passou pela minha cabeça.

Saio do banho e vou até o meu *closet*, pego uma blusa qualquer e um short jeans, seco o meu cabelo e deixo ele solto, calço um chinelo, pego o meu celular e saio do meu quarto.

Não é porque ele é um rei que sou obrigada a me emperiquitar toda.

— Aline, o rei está na sala de visitas. — Norma avisa.

— Obrigada, Norma, se quiser, pode ir dormir.

— Mas e o jantar? Eu tenho...

— Não precisa, eu posso preparar algo, sei cozinhar e muito bem. — Ela sorri sem graça.

— O rei está aí, seria melhor preparar algo à altura dele; sem ofensas.

— Não se preocupe, não acho que ele vá se importar com isso... Pode ir descansar, Norma.

— Obrigada, Aline. — Espero Norma subir as escadas e me dirijo à sala de visitas.

Assim que entro na sala, vejo Benjamin sentado em uma das poltronas vermelhas, não demora muito e logo os seus olhos se encontram com os meus e de novo aquela sensação me atinge em cheio, sinto um frio na barriga e meu coração dispara; isso é muito estranho, mas é bom.

Benjamin sorri e se levanta, vindo na minha direção.

Como um homem pode ser tão lindo assim?

— Oi. — Sua voz rouca ecoa pelos meus ouvidos, deixando todo o meu corpo arrepiado.

Meu Deus! O que está acontecendo comigo?

— Oi, Benjamin. — Tento soar firme, mas no final a minha voz falha.

— Você parece nervosa, está bem?

— Estou, eu... — Paro de falar quando sinto sua mão pegar na minha e, de novo, aquela corrente elétrica passa pelo meu corpo, só que muito mais forte do que antes.

— Fique tranquila, vamos só curtir e conversar um pouco, nos conhecermos melhor e, quem sabe, sermos amigos. — Quase derreti ao ver seu sorriso.

— Está bem. — Essa noite será longa e muito intensa.

— Vem, vamos nos sentar e conversar um pouco — concordo e o

acompanho até uma das poltronas, ele puxa uma para mais perto da que estou sentada.

— Quer comer algo? — pergunto.

— Se não se importa, eu posso pedir algo para comermos, você pode escolher — murmura tirando o celular do bolso.

— Uma pizza seria muito bom, preciso comer muito. — Ele ri.

— Pensei que pediria algo não gorduroso.

— Eu não me importo com isso, eu amo comer, quanto mais melhor. Não sou igual a essas mulheres que pagam horrores para comer um pouquinho de comida que nunca ouvi falar o nome.

— Também sou assim. — Olho para ele; está usando um suéter azul-marinho e um jeans escuro, seu cabelo loiro penteado para trás e sua barba aparada e sinto minha mão coçar para tocá-la.

Acho bonito homens de barba.

— Não parece muito — comento me referindo ao seu porte físico. Dá para ver seus músculos volumosos por baixo do tecido.

— É? E por que diz isso? — Minhas bochechas coram e eu tento desviar o olhar.

— Bom... Porque... Sabe... Você... Você. — Porra! Está difícil de sair uma frase. — Você parece... Malhar muito. — Finalmente!

— Nunca entrei em uma academia.

— Sério? — Olho surpresa.

— Sim, eu pratico diversas lutas, pego pesado nelas e raramente puxo algum peso.

— Eu fico cansada ao ouvir a palavra academia.

— Por quê?

— Sou meio preguiçosa para exercícios físicos. — Ele ri.

— Parece que está mais solta.

— É. — Sorrio sem graça.

— Bom, vou pedir duas e temos sorte, tem uma pizzeria bem próxima daqui que tem uma pizza maravilhosa.

— Pode pedir, vou até a cozinha ver se pego algumas coisas e podemos comer aqui mesmo, se quiser. — Sugiro.

— Não, se quiser eu vou lá e pego, fique à vontade para ligar do meu celular para a pizzeria.

— Não precisa se incomodar. — Me assusto quando ele leva as suas duas mãos até o meu rosto e diz, olhando bem nos meus olhos.

— Seria um grande prazer ajudar. — Minhas pernas ficam moles nesse momento.

Misericórdia!

— Tá — murmuro.

— Onde fica a cozinha?

— Tem um corredor perto das escadas, siga ele direto que você chega na cozinha.

— Está bem. — Benjamin sorri, me entrega o seu celular e se dirige para a cozinha.

Olho para seu celular e vejo que ele já havia digitado o número, aperto o botão e não demora muito para me atenderem, faço o pedido, que em meia hora estará aqui, agradeço e logo em seguida desligo.

Como sou muito curiosa, vou até a galeria de fotos do celular e fico chocada com a quantidade de fotos. Não há uma foto sequer em que esse homem não saia bonito. Fico olhando por alguns minutos a foto em que ele está sem camisa, mas quando passo essa, me assusto quando vejo uma foto de um... Não! Isso não pode ser dele, Deus!

Rapidamente, desligo o celular e coloco em cima de uma poltrona; ando de um lado para o outro para esquecer o que vi, mas está difícil.

Isso que dá ser uma bisbilhoteira!

Para quem será que ele mandou? Sei que hoje em dia está muito na moda mandar o famoso *nudes*, mas ele é um rei, isso poderia vazar e não seria bom para ele. Me assusto quando Benjamin entra na sala, ele nota o

meu nervosismo e então pergunta.

— Você está bem? — Olho para todos os lados, menos para ele.

— Sim, estou.

— Tem certeza? Aconteceu algo enquanto eu estava na cozinha? — Ah, você não faz ideia.

— Claro que não.

— Está bem. Cadê o meu celular? Já fez o pedido? — Olho rapidamente para o celular em cima da poltrona. — Certo, pode me ajudar a pegar as coisas? Embora não pareça, sou bem desastrado e não quero quebrar nada no nosso primeiro encontro. — Primeiro encontro?

Vão haver mais?

— Ok. — Saio andando rapidamente, passando por ele e sabendo que ele está logo atrás de mim.

Como um homem pode me deixar tão desconcertada? Isso nunca tinha acontecido. Bom, somente James fazia isso, mas, ainda assim, não dessa forma.

Vou direto ao armário e pego dois pratos, depois vou até a gaveta e pego os talheres, deixando tudo em cima do balcão.

Olho rapidamente para Benjamin, apenas para constatar que ele está me observando atentamente, sem tirar os olhos de mim.

— Pode ir na geladeira e pegar o refrigerante? — pergunto enquanto abro o armário de copos.

Sem dizer nada, ele se direciona até a geladeira, pega o refrigerante e coloca em cima do balcão.

— Vou levar os pratos, talheres e o refrigerante para a sala, você traz os copos?

— Sim — respondo e, quando o vejo sair pela porta da cozinha, solto a minha respiração, que nem fazia ideia de que estava segurando.

Por que fico desse jeito quando ele está perto?



Depois de alguns minutos, eu volto para a sala com os copos, ele está sentado na poltrona mexendo no celular.

Será que ele sabe que eu estava bisbilhotando a galeria?

Me aproximo dele e, antes de colocar os copos em cima da mesa da sala, escuto a campainha tocar.

— Eu atendo, deve ser a pizza. — Se levanta rapidamente, deixo os copos em cima da mesa e me joga no sofá.

Ah, essa noite vai ser longa.

— Aqui estão elas — anuncia ele ao entrar na sala.

— Finalmente. — Nunca fiquei tão feliz em ver pizza.

— O entregador ficou surpreso em me ver — comenta colocando as caixas de pizza em cima da mesa.

— Não é todo dia que você vai entregar uma pizza e dá de cara com um rei. — Ele ri.

— Concordo, às vezes esqueço que sou rei.

— Verdade, você parece tão simples, se não tivesse me dito eu não ia saber.

Quando ele abre uma das caixas, sinto a minha boca salivar ao sentir o cheiro divino de pizza.

— Nossa, acho que vou engordar muito hoje — murmuro, fazendo-o rir.

— Bom, vamos ao ataque. — Benjamin pega uma fatia grande e coloca no meu prato, logo em seguida coloca outra no seu. No momento em que vou pegar o refrigerante para nos servir, ele pega na minha frente.

— Deixa que eu sirvo.

— Não é necessário, você já serviu a pizza, agora é minha vez de servir o refrigerante. — Ele sorri.

Oh, porra de sorriso lindo!

— Deixe que eu faço isso, é um prazer servi-la.

Talvez eu possa estar sendo maldosa demais, mas juro que senti um duplo sentido nessa última frase.

— Está bem. — Ele abre o refrigerante e enche o meu copo, fazendo o mesmo com o dele.

— Refrigerante faz mal, sabia? — digo.

— Verdade, mas uma vez ou outra não fará mal, fora que combina muito mais com pizza. — Solto uma breve risada, e ele também.

— Verdade.

Pego um pedaço de pizza e no momento em que coloco na minha boca e mastigo, sinto como se fosse ao céu.

Isso está muito gostoso.

— O que achou? — pergunta ele.

— Está divina, nunca provei pizza tão gostosa.

— Eu disse que era boa.

— Boa é pouco. — Ele ri.

— Fico feliz que tenha gostado. — Leva um pedaço à boca.

— O que acha de depois assistimos algum filme? — sugiro.

— Por mim tudo bem.



Depois que devoramos quase todas as duas pizzas, Benjamin me ajudou

a colocar tudo na cozinha e ainda me ajudou a lavar a louça! A todo momento ele me fazia rir, e até me contou um pouco sobre ele.

Disse que sua mãe morreu no parto dele, ele só a conhece por fotos. Foi criado pelo pai e os tios, que são os pais de Raymond, cujo pai morreu em um acidente de carro e um ano depois o pai de Benjamin, por um tumor na cabeça. Ambos passaram a ser criados somente por Christa, e ele assumiu o trono quando havia acabado de se formar em Ciências Políticas. Raymond o ajuda na administração, sendo o príncipe.

— Deve ter sido muito difícil assumir a responsabilidade de cuidar de um país, ainda sendo bem novo — murmuro enquanto passo os canais em busca de algum filme interessante.

— Foi sim, eu praticamente perdi o tempo que podia ter me dedicado a fazer outras coisas, trancado em um escritório ou na sala do trono.

— Como assim?

— Eu perdi muita coisa assumindo esse posto, principalmente a privacidade. Não posso sair de casa sem que tenha dezenas de seguranças atrás de mim. Lá fora, nesse momento, tem vários seguranças, mas dei ordens para não entrarem, senão já viu, não é?

— Deve ser frustrante.

— Sim, mas fico feliz em fazer o que estiver ao meu alcance para fazer desse país um lugar melhor; ver a alegria dessas pessoas não tem preço — diz ele, se acomodando no sofá.

— Gosta de ajudar as pessoas? — questiono.

— Sim, sempre fui assim. Meu pai me dizia que, embora eu fosse seu espelho na aparência, quando mais jovem, por dentro eu era o espelho da minha mãe. — Posso ver sua emoção ao falar dela.

— Acho que ela ficaria orgulhosa do homem que você se tornou, e seu pai também. Antes de vir para cá, pesquisei muito sobre o país e soube que, desde quando você assumiu o trono, o país subiu para um alto nível de qualidade de vida, com baixo índice de pobreza, de desemprego, de violência e assim vai. O trabalho que você vem fazendo até agora parece estar dando certo.

— Verdade, e quero continuar assim. — Finalmente encontro um filme bom, de ação e muitos carros.

— Ainda bem que está no começo.

— Gosta de filmes assim? — pergunta surpreso.

— Amo, e você?

— Adoro, mas achava que você queria ver outro tipo de filme... Você parece ser do tipo de menina de corações e flores. — Olho para ele.

— E eu sou, mas curto muito um filme de ação. — Ele sorri.

— Bom saber.

Benjamin Nikolai

Aline dormia profundamente com a cabeça no meu colo e aproveitei para admirar seu lindo rosto.

Ela é tão linda.

Levo uma de minhas mãos até ela, tirando alguns fios do seu cabelo escuro do rosto, e me assusto com o som do celular tocando. Aline começa se mexer e sei que pode acordar a qualquer momento.

E isso é o que eu não quero.

Pego o celular e atendo sem ver quem é.

— Alô.

— Quem é? — Uma voz de mulher pergunta.

— Você ligou para o meu celular e pergunta quem é?

— Este celular é o da minha filha. — Tiro o celular do ouvido e vejo que, na verdade, o celular que atendi não foi o meu, e sim o de Aline.

Merda!

— Me desculpe, eu não vi que o celular era o da Aline e atendi pensando ser o meu.

— Certo, agora me diga. Quem é você? — E agora?

— Ah... Sou um amigo dela.

— Sério? E o que faz a essa hora na casa da minha filha? Pelo que eu saiba, deve ser quase duas horas da manhã na Genovia.

Olhei rapidamente para o meu relógio de pulso e vi que ela estava certa. Nossa, eu nem vi a hora passar.

— É que...

— Cadê a Aline? — Me interrompe.

— Está dormindo.

— Dormindo?

— Sim, senhora. — Aline se mexe mais uma vez e abre lentamente os olhos.

— Benjamin. Que horas são? — pergunta com uma voz sonolenta.

— Quase duas horas da manhã — respondi sabendo que sua mãe está ouvindo no outro lado da linha.

— Esse celular é o meu? — Ela se levanta.

— Sim, eu atendi pensando que era o meu, me desculpe. É sua mãe. — Estendo o aparelho para ela, Aline me olha de olhos arregalados e rapidamente pega o celular.

— Mãe... Não, eu estava realmente dormindo... Ele é só meu amigo... Não fique imaginando coisas onde não existem, dona Angel... Mãe, tem como conversarmos depois? Não! Não diga nada disso ao papai, conheço ele bem e sei que pegaria o primeiro voo para Genovia... Mamãe... Também te

amo. — Ela desliga o celular.

— Aline, me desculpe, não queria causar nenhum transtorno.

— Não se preocupe, você não causou, pelo contrário, acho que minha mãe gostou de saber que estou conhecendo outras pessoas. — Sorrio sem graça.

— Por quê?

— Ah, isso é uma longa história. Tem certeza que quer saber?

Levo minhas mãos até as suas e as seguro bem firme. Olhando bem nos seus olhos eu digo:

— O que tenha a ver com você me interessa mais que tudo.



Aline Cooper

Olho para Benjamin e pondero muito antes de começar a contar tudo sobre mim, inclusive sobre a morte de James.

— Aline, se não quiser falar, eu vou entender. — Dou um sorriso fraco.

— Eu preciso disso, Benjamin, preciso desabafar com mais alguém. — Olho para ele esperando que me desse o olhar que todos me dão, de pena.

Mas não, pelo contrário, eu vi de tudo no olhar dele, menos pena, e isso só me incentiva ainda mais a lhe contar.

— Há quatro anos eu perdi meu noivo em um assalto. — Ele arregala os olhos.

— Aline, eu sinto muito. — Respiro fundo e continuo.

— O nome dele era James, eu o conheci depois de me tornar amiga de Driana, ele era irmão dela. Conheci Driana na quinta série, e James era dois anos mais velho que eu, quando o vi pela primeira vez eu simplesmente me encantei, ele me tratou tão bem! Com o tempo, fui crescendo e percebi que meus sentimentos por James eram muito mais do que amizade. Eu queria contar para ele, mas tinha muita vergonha, então resolvi desabafar com Driana. Mas, para a minha surpresa, James acabou ouvindo tudo naquela noite. Eu fiquei tão envergonhada que saí correndo da casa da minha amiga e, como não morava longe, cheguei em casa rápido. Subi para o meu quarto, me tranquei e pensei: como vou olhar para a cara dele depois disso?

— Você tinha quantos anos?

— Faltava um mês para eu completar quinze anos, James tinha acabado de fazer dezessete. — Sorri ao me lembrar dele. — Fiquei dois dias sem aparecer na casa de Driana e, como eu e meus irmãos estudávamos na mesma escola que eles, foi muito difícil evitá-los. Não consegui por muito tempo, James veio até mim no refeitório e disse que precisava conversar comigo; eu fiquei sem reação na hora e tudo que saiu da minha boca foi a palavra sim. Ele pediu para me encontrar perto de uma árvore muito grande que havia atrás da escola, e eu fui. — Fecho meus olhos e lembranças daquele dia ensolarado me veem à mente.



Ando a passo lentos até atrás da escola, pensando em alguma forma de

desmentir tudo que disse à Driana. James deve estar me achando uma boba por ter me ouvido dizer aquelas coisas.

O que um garoto de dezessete anos iria querer com uma adolescente que ainda completaria quinze anos?

Ao chegar atrás da escola, avisto James de longe; como sempre ele está lindo, vestindo uma calça jeans, uma jaqueta de couro, os óculos de aviador nas mãos, cabelo curto e barba por fazer. James é um sonho para qualquer garota daquela escola; para falar a verdade, ele é o cara mais popular do colégio inteiro.

Me aproximo a passos mais lentos ainda e quando finalmente eu chego perto dele, ele abre o sorriso mais lindo que já vi em toda a minha vida.

— Aline? — Só em ouvir a sua voz, sinto meu corpo todo tremer.

— James. — Ele estende a mão para mim e eu sem pensar duas vezes, aceito.

James me puxo para me sentar com ele no chão, que ele havia forrado com um pano quadriculado branco e preto.

— É... O que quer falar comigo? — Tento me manter firme.

— Você sabe, Aline.

— Sei o quê? — Ele franze o cenho.

— Não se faça de desentendida. Eu ouvi tudo que você falou para a minha irmã no quarto dela... Por sinal, devo me desculpar por ouvir uma conversar particular sua e de Driana.

— Está bem. — Engulo em seco.

— Por que está tão nervosa? — Olho para ele assustada.

— O quê? Eu não estou nervosa.

— Está sim, e sei que é pelo que ouvi.

— James, o que você ouviu... Não é nada do que você entendeu, eu...

— Então o que você disse para a minha irmã é mentira? — Desvio o olhar e respondo.

— Sim. — Vejo ele erguer uma de suas mãos até o meu rosto, fazendo-me olhar para ele.

— Olha bem nos meus olhos e diga que tudo que ouvi é mentira. — Engulo em seco mais uma vez e tento a todo custo não fixar meus olhos nos dele.

— Eu tenho de ir. — Tento me levantar, mas ele me impede.

— Aline, não fuja de mim.

— Eu não estou fugindo.

— Você fez isso durante esses dois dias e tudo porque sente vergonha do que falou para Driana e por eu ter ouvido.

— Não é isso, é só que...

— Sente vergonha do que sente por mim?

— Não! — falo bem alto e rápido, ele abre um sorriso bem grande.

— Então, olha nos meus olhos e repita o que você falou para Driana. Só que, desta vez, você dirá para mim. — Merda!

— Eu não consigo.

— Por quê?

— Eu não sei. — James pega nas minhas mãos.

— E se eu disser que gostei muito de saber que você gosta de mim? Ainda assim teria vergonha? — Olho para ele de olhos arregalados.

— O quê?

— Eu gosto de você, Aline Cooper. — Meu coração parece que vai sair pela boca, sinto uma súbita vontade de chorar.

— Você... gosta de... mim? — Mal consigo falar.

— Sim, Aline, eu não te falei nada porque achava que iria me rejeitar por ser mais velho ou simplesmente por não gostar de mim.

— Eu... Não sei o que dizer... Eu... — Sou surpreendida quando James me puxa para um beijo e automaticamente pensei: Deus! Eu estou beijando pela primeira vez!



— Depois daquele dia não nos separamos mais, e no dia do meu aniversário de quinze anos, ele me pediu em namoro.

— E seu pai não falou nada pela idade?

— Ah, meu pai sempre me viu como uma menininha, então todo cara que chegava perto de mim ele fazia questão de se unir aos meus irmãos e espantá-lo. — Ele ri.

— Todo pai é assim.

— Só que o meu exagera. James penou muito até conseguir ter algum tipo de amizade com ele. Depois de um tempo, James se tornou parte da família e meu pai passou a vê-lo como um filho. Até pensava em casamento para nós dois!

— Então ele não só conquistou o seu coração, mas o do seu pai também? O cara era bom. — Rio com suas palavras.

— Sim, ele era.

— E então ele se foi? — Dou outro sorriso fraco.

— Sim. — Respiro fundo para segurar as lágrimas.

— Aline, sabe que não precisa falar mais nada. — Eu o ignoro.

— Era o meu aniversário, estava completando vinte anos, e nesse mesmo dia James e eu estávamos completando cinco anos de namoro. Ele estava me levando para casa depois de passar o dia com ele; minha mãe havia feito uma festa para mim e meus irmãos, só estavam me esperando para começar. Estava de noite e James dirigia tranquilamente, estávamos conversando e, no meio na conversa ele me pediu em casamento, eu não pensei duas vezes e aceitei. Mas a minha alegria não durou muito, pois três motos nos fecharam e anunciaram um assalto. Nós dois descemos do carro, entregamos nossos pertences e até a chave do veículo, mas o líder deles se

aproximou de mim... Desde o momento em que me viu ele ficou me olhando. Perguntou meu nome, eu falei, depois me disse que ele e seus amigos estavam muito tempo sem uma mulher e que me achou muito bonita. James ficou desesperado e tentou intervir, mas um deles lhe deu um soco e ele acabou caindo no chão.

— Aline.

— Eu tentei correr até ele, mas não me deixaram chegar perto, e tudo que eu podia fazer era gritar. Eu estava apavorada! — Sinto as lágrimas descerem. — O líder me jogou no chão e eu chorei, implorando para que eles não fizessem nada com James; ele disse que se eu colaborasse, James iria sair bem. Eu supliquei, mas o líder me ameaçou e disse que o mataria; senti um pavor muito grande quando vi todos aqueles caras apontarem as armas para ele.

— Não me diga que...

— Quando o líder tentou me tocar, eu vi James arrancar a arma da mão de um deles e atirar no líder, que caiu bem na minha frente. James mandou eu correr e quando me virei para fazer isso, escutei dois tiros bem próximos de mim. Ao olhar para trás vi meu noivo caído. Eu me joguei no chão na mesma hora, e ele morreu nos meus braços... Eu senti sua pele ficar fria, seus olhos perderem o brilho e se fecharem. Naquele momento senti como se todo o meu mundo desmoronasse. A polícia chegou e os bandidos fugiram, tudo que sobrou ali foi eu segurando um cadáver. — Tento segurar um soluço. — Ele morreu no meu lugar, os dois tiros eram para acertar em mim... Era para eu ter morrido, não ele.

— Aline, ele deu a vida para te proteger, ele te amava e te provou isso.

— Mas eu não queria essa prova de amor, eu queria ele comigo, do meu lado.

— De qualquer forma alguém iria morrer.

— Sim, eu.

— Eu, no lugar dele, faria a mesma coisa. Eu jamais deixaria um bando de filhos da puta encostarem a mão na minha namorada, seria uma dor insuportável. Ele iria preferir morrer ao lembrar que sua namorada foi violentada bem na sua frente.

— A mãe dele me odeia, nunca foi com a minha cara e depois disso me odeia mais do que tudo. Os pais de Driana estão prestes a se divorciar e a culpa também é minha. — Me assusto quando ele me puxa pelos braços e me encara bem mais de perto.

— Chega! Pare de ficar falando essas coisas. Você não tem culpa de nada, isso foi uma fatalidade terrível e ele morreu para proteger a pessoa que ama. É o que fazemos quando amamos alguém, Aline. O divórcio dos pais de Driana é algo que não tem nada a ver com você, obviamente o casamento dos dois não ia bem mesmo.

— Benjamin...

— James não iria querer ver você triste ou se culpando; se ele deu a vida para salvar você, nada mais justo do que você viver esta vida. — É, o pior de tudo é que ele tem razão.

— Você está certo. Passei quatro anos vivendo um luto que não me deixou viver, e eu só vim para Genovia para tentar esquecer as coisas ruins e deixar as boas. — Ele solta os meus braços e leva as suas duas mãos até o meu rosto.

— Então faça isso, deixe somente as lembranças boas. Viva essa vida sem medo, sem fronteiras e faça jus ao amor que James sentia por você. Viva a segunda chance que a vida te deu. — Benjamin passa o polegar onde uma lágrima desce.

Me assusto quando as seguintes palavras saem da minha boca sem que eu consiga impedir.

— Então me ajude. — Ele sorri, meio surpreso.

— Se depender de mim, daqui para frente sua vida será a mais feliz do mundo. — E então Benjamin me abraça. Pela primeira vez, depois de muito tempo, senti uma sensação de paz e proteção, e o mais estranho, nos braços de outro homem.



Abro os meus olhos bem lentamente e me assusto quando vejo que estou deitada em cima de Benjamin; ele está dormindo. Levanto minha cabeça bem devagar para não o acordar, já que minha cabeça repousava em seu peito. Olho para ele e vejo o quão lindo Benjamin fica dormindo, parece tão tranquilo! Um sorriso espontâneo surge em meu rosto ao ver isto.

Estico a minha mão até a mesinha de centro e pego o meu celular, vejo que já passa das sete horas da manhã. Ainda bem que dei à Norma um dia de folga, senão obviamente ela me veria nessa situação um pouco embaraçosa.

— Bom dia, dormiu bem? — Assusto-me quando a voz rouca e grossa de Benjamin ecoa pelos meus ouvidos.

— Ah! Bom dia e... Sim, eu dormi bem... E você? — Aposto que as minhas bochechas estão extremamente vermelhas, ninguém mandou eu ser tão branca.

— Muito bem. — Perco o fôlego por alguns segundos quando ele abre um grande sorriso.

O efeito que esse homem causa em mim me assusta.

— Me desculpa por estarmos nessa situação. — Ele ri.

— Não precisa se desculpar, nem sei como acabamos assim.

— Nem eu. — Ficamos rindo por alguns segundos e logo depois o silêncio toma conta da sala; o seu olhar intenso mantém o meu preso.

— Não me olha assim. — Me finjo de desentendida.

— Assim como? — Ele sorri.

— Ah, senhorita Cooper, o que eu faço com você? — Dou de ombros.

— Temos de levantar. — Benjamin faz careta.

— Não vou mentir, ficar deste jeito com alguém é muito bom. — Eu sorrio, sem graça.

— Sim. — Fecho os olhos automaticamente quando sinto sua mão, quente e grande, acariciar meu rosto.

Isso é tão bom, mas sinto que é errado. James foi e sempre será o amor da minha vida, ele provou me amar muito quando deu sua vida para me salvar. Estar assim com outro homem é como se eu o estivesse traindo, porém, com Benjamin é algo tão intenso, tão novo e quente! Teve momentos nestes quatro anos que pensei que nem sequer gostaria de algum homem que não fosse igual ao James.

Me enganei, e tive de vir para Genovia para saber disto.

Abro os meus olhos e fico muito envergonhada por ver que ele ficou me olhando enquanto me acariciava.

— Posso te confessar uma coisa? — indaga com a voz rouca.

— Sim. — Ele me puxa mais para cima, deixando nossos rostos bem próximos um do outro.

— Quando eu te vi pela primeira vez, senti uma louca vontade de te beijar.

— Sério? — Desvio o olhar. Sinto um certo rubor em minhas bochechas.

— Sim, posso estar me precipitando, mas eu gostei muito de te conhecer, Aline.

— Eu também, Benjamin.

Ele aproxima seu rosto, sua boca está a centímetros da minha e nesse momento quero esquecer o mundo a minha volta e fazer algo espontâneo.

— Bom dia, casal lindo. — Me levanto em um pulo de cima de Benjamin. Olho para a entrada da sala e Driana estava parada lá, com um roupão de cetim, cabelos presos em um coque malfeito e uma caneca enorme que suponho ser café.

— Droga, Driana, que susto. — Esbravejo envergonhada por ter sido pega.

— Me desculpem empatar a foda de vocês, mas é melhor vocês irem para um quarto. — Benjamin ri.

— Do que está rindo? — pergunto.

— Sua amiga é muito engraçada. — Ele se levanta.

— Obrigada, Vossa Majestade. Agora, se me derem licença, tenho de acordar o outro. — Olho para Benjamin, que também me encara sem entender.

— Quem está aí?

— Raymond.

— Ele? Nossa, fiquei surpreso agora.

— Por quê? — questiono.

— Raymond é um homem bem diferente, não é muito de ir para cama assim, de primeira.

— Desculpe, Vossa Majestade, mas aos meus encantos... Ninguém resiste — diz e logo em seguida sai, nos deixando sozinhos de novo.

Sou pega de surpresa quando sinto os braços de Benjamin em volta da minha cintura, ele me vira para encará-lo.

— Onde estávamos?

— Na parte em que você disse que queria me beijar. — Ele morde os lábios.

— Posso te beijar? — pergunta de repente.

— Está me perguntando se pode me beijar?

— Sim.

— Antes você não ia pedir.

— Agora que parei para pensar e percebi que seria errado da minha parte.

— Por quê?

— Bom, ontem você desabafou falando do seu ex e...

— Vamos esquecer isso por um momento, por favor, se não acabo desistindo. — Jogo os meus braços em volta do seu pescoço.

— Tem certeza?

— Sim, eu quero que você me beije. — Sem mais esperar, nossas bocas estão coladas uma na outra, sua língua entra em contato com a minha e sinto meu corpo todo arrepiar. Seu beijo é calmo e, ao mesmo tempo, quente.

Nunca provei um beijo tão bom.

O beijo começou a ficar mais intenso, Benjamin agarra com vontade a minha cintura enquanto eu enrosco os meus dedos no seu cabelo. Quanto mais ele me beija, mais eu quero. Abro os meus olhos em meio ao beijo e me assusto ao ver a figura de James atrás dele, nos olhando com reprovação.

Eu estou beijando outro homem!

Junto todas as minhas forças e empurro Benjamin, que me olha completamente confuso.

— Aline, o que foi? Você está pálida. — Coloco minhas mãos sobre a minha boca, ainda não acreditando no que aconteceu.

— Isso está errado — murmuro.

— Errado? Como assim?

— Eu estou traindo o James.

— O quê? Traindo? Como assim, Aline?

— Eu beijei outro homem. A minha vida toda eu só havia beijado um.

— Me desculpe, mas você disse que...

— Eu sei! Mas eu achava que conseguiria e por um momento sim, mas no meio do beijo me lembrei dele, me desculpe. — Ele respira fundo, olha de um lado para o outro até fixar seus olhos em mim novamente.

— Certo, acho melhor eu ir embora. — Olho para ele assustada.

— Embora? Por quê?

— Foi um erro te beijar sabendo que ainda está de luto pelo seu ex-noivo. — Benjamin arruma a camisa e passa a mão no cabelo, tentando ajeitá-lo.

— Benjamin, me desculpe. Por favor, fique e tome café conosco.

— Aline, eu...

— Eu sei que pedi para me beijar e admito que gostei muito. Na verdade eu adorei o seu beijo e ficar abraçada com você. Pensei que seria fácil, mas é que... O James, ele... Foi alguém muito especial na minha vida e... Tente entender que nunca havia beijado nenhum homem que não fosse ele, para mim isso é muito novo.

— Tudo bem, me desculpe. Deveria ter me lembrado disso, nos conhecemos a dois dias e eu já estou agindo como um idiota.

— Ei, você não fez nada demais, não fez nada que eu não quisesse... Só que ainda é um pouco difícil. — Ele assente e logo em seguida me puxa para um abraço.

— Eu prometi a você que daqui para frente sua vida será a mais feliz do mundo, e eu cumprirei essa promessa, custe o que custar. — Beija a minha testa e me abraça mais forte.

Por que esse homem me deixa tão... diferente?

Por que sinto que estou traindo James?

Por que os meus sentimentos por este homem se tornaram mais fortes em tão pouquíssimo tempo?

Ah, minha vida está de pernas para o ar!



Benjamin Nikolai

— Então está tudo certo para a sua viagem à Inglaterra amanhã. Os homens da escolta já foram escolhidos, o jato particular foi vistoriado e a rainha faz questão que o senhor fique no Palácio de Buckingham.

— Ótimo, pode se retirar. — Phoebe, minha assistente, sai do meu escritório. Quando estou só, aproveito para finalmente relaxar e pensar no que ocorreu hoje mais cedo.

Aline é uma mulher extremamente interessante, atraente e inteligente,

mas muito quebrada. Ela ainda não superou a morte do noivo e parece que isso vai se estender por muito tempo. Sinceramente, estou pensando se é uma boa ideia continuar saindo com ela. Nunca fui um homem de compromissos sérios ou algo parecido, ela foi a primeira mulher com quem tive um encontro. Aline Cooper é diferente de qualquer mulher que eu já tenha conhecido, ainda mais no nível dela. Normalmente, mulheres na posição dela são fúteis, mesquinhas e sem conteúdo algum, e por ela ser assim, a atração se tornou maior... Essa mulher mexe bastante comigo e eu estou assustado, a conheci ontem!

— Ben, ocupado? — Raymond pergunta antes de entrar.

— Claro.

— Como foi o seu primeiro encontro com uma mulher sem sexo envolvido? — debocha, se sentando em uma cadeira.

— Foi estranhamente bom, Aline é uma mulher muito agradável, conversamos por horas e acabamos dormindo juntos na sala. — Ele parece surpreso.

— Olha, quem diria que Benjamin Eduardo III estaria assim por uma mulher.

— Assim como?

— Encantado. — Dou uma risada sarcástica.

— Não diga merda, conheci essa mulher ontem.

— Exatamente. E já está assim! Imagine daqui a uma semana... Vai pedi-la em namoro.

— Raymond, acho que você bebeu ou a droga que usou é muito forte. O cara romântico aqui é você. — Ele abre um sorriso.

— Ok, não vou dizer mais nada. — Levanta as mãos em sinal de rendição.

— Fiquei surpreso quando Driana disse que você estava no quarto dela, você não é assim. — Raymond solta uma respiração pesada.

— Isso não deveria ter acontecido.

— Ué, e por que não? Sei que você é conservador e...

— Eu amo outra pessoa — diz de repente.

— O quê? — indago extremamente surpreso.

— Quando viajei para Nova York e fiquei lá por dois meses, conheci uma pessoa e me apaixonei.

— Ray... Eu estou bem surpreso, mas por que saiu com a Driana? — Ele leva as mãos ao rosto, demonstrando muito nervosismo.

— Eu não posso contar.

— Por que não? Somos como irmãos, pode confiar em mim.

— Benjamin, não me leve a mal, mas isso ninguém pode saber.

— Mas nem eu? Não temos segredos entre nós. Pode confiar; por favor, me diga, estou preocupado com você.

— Eu tenho de sair. — Se levanta.

— Raymond, qual é... Somos melhores amigos.

— Tchau, Ben. — E sai, sem deixar que eu diga mais alguma coisa. Sim, algo de muito sério está acontecendo... E eu vou descobrir.

A handwritten signature in black ink that reads "Aline Cooper". The script is fluid and cursive, with the first name "Aline" and the last name "Cooper" written in a single, continuous style.

CINCO DIAS DEPOIS

Essa última semana passou voando, assim como o meu tempo com Benjamin. Nem acredito que faz uma semana que o conheço e que faz uma semana que estamos saindo. No começo foi muito estranho e ainda é; um

pouco porque na minha cabeça é como se eu estivesse traindo a memória de James. Posso estar falando besteiras, mas é que ele foi o único homem que tive na minha vida; ter outro ainda é muito novo para mim.

— Filha, não acho nada demais você se dar uma segunda chance.

— Eu sei, mãe, mas você sabe que o James...

— Aline, pare de falar no James por alguns minutos. Sei que ainda machuca a morte dele, mas a sua viagem foi exatamente para te ajudar com essa dor.

— Para falar a verdade, está ajudando muito.

— Então, meu amor.

— Mas mãe...

— Filha, enquanto o fantasma de James estiver sobre você, nunca será realmente feliz.

— Mãe.

— Me desculpe, eu estou sendo sincera.

— Vou desligar, vou ver se desenho um pouco.

— Claro, me mande os modelos depois.

— Tchau mãe, te amo.

— Também amo você, querida. — Desligo o celular.

Coloco o meu celular no bolso e vou até o atelier que minha mãe mandou fazer aqui nesta casa para mim. A sala é branca e azul, com diversos itens de costura espalhados em prateleiras, alguns modelos dos meus vestidos em manequins e alguns pufes azuis e brancos para se sentar.

— Ei, vai se trancar aqui agora? — pergunta Driana, já entrando.

— Não, faz tempo que não desenho, então...

— Faz bem, gosto de te ver assim. — Se senta em um dos pufes.

— Conversei com a minha mãe sobre James.

— E?

— Ela me disse o mesmo que você.

— Viu? E olha que James era meu irmão. — Eu não queria admitir, mas elas têm razão.

— Eu sei, mas isso é difícil para mim.

— Imagine para o Benjamin, que pelo visto está de quatro por você.

— Ele não está de quatro por mim.

— Só um idiota para não ver isso.

— E você e o Raymond?

— Não muda de assunto não, mocinha, estamos falando de você e do seu amado Benjamin.

— Não viaja, Driana.

— É sério, não acha que pode se apaixonar por ele um dia? — Penso por alguns segundos nisso.

— Acho, e também sinto que isso não vai demorar muito a acontecer.

— Então qual é a dificuldade de deixar o James um pouco de lado?

— Ele deu a vida por mim.

— Deu a vida dele, mas não para você desperdiçá-la como andou fazendo durante esses quatros anos.

— Falar assim não está ajudando...

— Falar de qualquer jeito não está adiantando.

— Driana. — Começo a desenhar.

— Sabe quando você vai se dar conta?

— Quando?

— Quando você perder o Benjamin.

— Não diga besteiras.

— Não é besteira, é realidade.

— Idiota.

Saio dos meus devaneios quando o meu celular toca e abro um enorme sorriso quando vejo de quem se trata.

— Oi, Ben.

— Ei, sentiu minha falta?

— Sim, senti.

— Que bom, porque eu também senti a sua. — Sorrio feito uma colegial.

— Virá aqui hoje?

— Eu não sei, tenho muito trabalho para fazer. Aquela viagem de um dia a Londres sugou meu tempo, mas foi necessário.

— Entendo.

— Mas vou fazer o possível.

— Eu sei que vai.

— Bom, só liguei para ouvir sua voz.

— Está bem. — Por um minuto a linha fica em silêncio.

— Tchau.

— Tchau. — E continuamos na linha.

— Desliga, Aline.

— Não, foi você quem me ligou, é você quem desliga, Ben.

— Não não, você.

— Não baby, é você.

— Não é... — Olho para Driana, que está com o meu celular em suas mãos.

— Eu desligo para vocês. — Ela me devolve o celular.

— Driana! Ele vai achar que desliguei na cara dele.

— Só manda uma mensagem e diz que fui eu quem desliguei.

— Por que fez isso?

— Vocês dois já estavam me enjoando.

— Ué, mas não era você uma das pessoas que queriam tanto que eu desse uma chance para o Benjamin?

— Uma coisa é dar uma chance, outra coisa bem diferente é ficar pendurada no celular falando essas baboseiras.

— Baboseiras porque não é você e o Raymond. — Ela faz careta.

— Primeiro, Raymond e eu não ficamos nessa melação toda que dá diabetes só de olhar... Segundo, ele e eu só saímos uma vez e nada mais.

— Quer dizer que desde aquele dia vocês não se viram?

— Não. — Desvia o olhar, e sei que está nervosa.

— Por quê?

— Aline, chega! Não quero falar disto. — De repente ela se vira e sai do ateliê batendo o pé.

Tem algo de errado aí.

Penso em ir atrás dela para saber o que está acontecendo, mas sei que agora seria inútil e Driana não me falaria nada; então, por hora, decido deixar isso para lá e volto a fazer o que estava fazendo.



Escuto alguém bater na porta no momento em que termino de desenhar o quarto modelo diferente de roupa para outono. Olho a hora no celular e me assusto.

Já passam das dez horas da noite, uau! Fiquei enfurnada aqui durante cinco horas.

Levanto-me e vou abrir a porta, é Norma.

— Oi, Norma.

— Aline, vim ver se precisa de algo. Estive aqui mais cedo com Driana para te chamar para jantar, mas quando ela te viu tão concentrada no que estava fazendo, me disse para não a interromper. — Nossa, eu estava concentrada mesmo, nem a vi entrar e sair.

— Tudo bem, Norma, obrigada. Não preciso de nada, e Driana?

— Foi para o quarto.

— Certo, pode ir dormir, se eu quiser algo para comer eu me viro. Vai lá descansar.

— Claro, mas antes que eu me esqueça, agora há pouco mandaram umas flores para você.

— Para mim?

— Sim.

— Onde estão?

— Na sala. — Saio andando a passos largos até a sala e quando chego lá, vejo um arranjo enorme de rosas vermelhas, as minhas favoritas.

— Veio com algum cartão? — pergunto a Norma, que está parada logo atrás de mim.

— Sim, aqui está. — Me entrega o cartão, é bem pequeno e tem uma caligrafia linda.

“Para uma mulher cheia de vida, estas rosas representam a paixão e o sacrifício.”

Leio umas três vezes o bilhete, mas não entendo a parte do sacrifício. Pego o meu celular do bolso e digito uma mensagem para Benjamin para saber o porquê das rosas e da frase estranha; obviamente foi ele quem mandou.

A mensagem chega rápido, mas logo me surpreendo quando a leio.

Anjo, eu não mandei flores.

Olho para a mensagem por alguns minutos. Norma diz que vai ir dormir, concordo e assim que ela sobe as escadas, me sento no sofá e encaro as

flores.

Se não foi o Benjamin quem me mandou essas rosas, então quem foi?



Me deito no sofá e fico encarando o bilhete sinistro mais uma vez, eu mal consegui dormir pensando em quem poderia ter me mandado e nem o café da manhã eu consigo tomar.

— Ainda com esse bilhete? — questiona Driana entrando na sala.

— Sim. — Entrego o bilhete a ela.

— Parece mais caligrafia de mulher do que de homem. — Mulher?

— Como pode ter tanta certeza?

— Não é menosprezando os homens, mas nós, mulheres, temos mais caprichos ao fazer algo do tipo, fora que a letra é muito perfeita. — Ela parece pensativa. — E essa letra, eu acho que já a vi, só não sei onde.

— Talvez seja coincidência.

— Talvez. Vai ligar para seu pai?

— Para quê?

— Ué, para contar o que aconteceu, ele pode...

— Não.

— Por quê?

— Conheço o senhor Alex Cooper, ele vai achar que isso é uma espécie de ameaça e vai querer mandar um monte de seguranças ou até mesmo vir pessoalmente e isso é o que menos quero. Já bastam os dois seguranças que ele colocou aqui, não quero mais.

— Mas Aline, devemos procurar saber quem foi que mandou isso.

— Não, vamos só esquecer.

— Está bem, mas só vou esquecer se você ligar para um dos seus irmãos. — A olho confusa.

— Para quê?

— Para algum deles te ajudar nisso sem o seu pai ou sua mãe saberem.

— Não acho uma boa ideia.

— Se você não ligar, eu ligo. — Ela estende o seu celular e pondero um pouco antes de pegar.

— Vou ligar para o Theo então, o Christian é igual ao meu pai e sei perfeitamente que ele pode contar, já o Theo é do contra. — Disco o número dele, que atende no terceiro toque.

— Alô?

— Theo.

— Aline, o que houve? Por que...

— Antes de fazer essas perguntas me diga se tem alguém com você.

— Não, eu estou no quarto sozinho, a mamãe e o papai saíram e Christian está no quarto dele, trabalhando como sempre. — Reviro os olhos ao ouvir isso.

Christian consegue superar meu pai e o tio Liam no quesito “viciado em trabalho”.

— Agora fala, o que aconteceu?

— É que ontem à noite eu recebi flores e junto com ela um bilhete.

— Mal chegou e já está arrasando corações...

— Não seja idiota e me escuta. No bilhete estava escrito algo muito estranho.

— O quê?

— *“Para uma mulher cheia de vida, estas rosas representam a paixão e o sacrifício.”*

— Bizarro.

— Sim, muito mesmo.

— Bom, não ligou para o papai para contar a ele?

— É exatamente por isso que te liguei. Driana achou melhor contar para o papai, mas eu sei como ele é... Vai mandar colocar um monte de seguranças aqui e isso eu não quero, então ela me disse para te ligar.

— Deixa-me ver... Você quer a minha ajuda?

— Sim.

— O Chris pode saber?

— Não! Ele é igual ao papai, pode muito bem agir como ele ou até mesmo contar.

— Certo, eu vou comprar uma passagem, chego aí pela noite.

— O quê? Por que quer vir para cá?

— Aline, como posso resolver algo assim estando longe?

— Eu sei, mas...

— Quer que só eu vá ou o papai também? — Idiota.

— Está bem, vou pedir para prepararem um quarto para você, mas como vai fazer para ninguém sentir sua falta?

— Sabe que nunca dei satisfação da minha vida para ninguém, não sabe? Não vai ser agora que vou fazer isso. — Theodore sendo Theodore.

— Ainda aquela discussão com o papai?

— Ah, quando chegar, eu te conto tudo. — Já sei que vamos ter uma conversa bem longa.

— Está bom, estou te esperando.

— Até mais, irmãzinha. — Desligo o celular.

— Por favor, diga que o Theo não está vindo para cá! — Driana diz fazendo uma cara muito engraçada.

— Está sim. — Ela se joga no outro sofá.

— Meu senhor Deus! Tudo, menos isso. — Dou risada com o drama dela.

— Não seja boba, Driana. — Ela me olha como se eu tivesse dito algum absurdo.

— Seu irmão é muito irritante e sempre arruma alguma forma de me tirar do sério. Prefiro mil vezes o Christian, ele sim é um homem de verdade.

— Você transou com o Christian, Driana, por isso prefere ele. — Agora é a vez de ela rir.

— Seu irmão é o deus do sexo — suspira.

— Que nojo! Não preciso saber disso.

— Não falei nada demais.

— Mas e o Raymond? Pensei que a noite com ele tivesse sido a melhor da sua vida. — Seu semblante muda.

— Raymond e eu não foi algo bom. — Olho assustada para ela.

— Ele é ruim de cama?

— Não! Pelo contrário, ele é maravilhoso.

— Então?

— Acontece é que ele tem outra... Pessoa. — Arregalo os meus olhos.

— Como?

— Calma, não é que ele seja comprometido, é que na cabeça dele, ele tem outra pessoa. — Respiro aliviada.

— Então por que ele te chamou para sair e... Por que vocês...

— Ele me convidou para sair, pois achava que podíamos ser amigos, acabamos bebendo além da conta e, na hora, o desejo e a bebida falaram mais alto e aconteceu. No dia seguinte ele me pediu perdão e disse que não deveria ter acontecido aquilo porque estava apaixonado por outra pessoa.

— Nossa, Driana, por que não me contou isso antes? — Me sento do seu lado.

— É bobagem. Para ser sincera, eu não me importei com isso porque eu

não sinto nada por ele, mas me senti usada, mesmo ele se desculpando. — Eu a abraço.

— Talvez mais uma conversa entre vocês resolva isso. — Ela se afasta um pouco e me encara.

— Sim, você tem razão.

— Aline, o rei está aqui — avisa Norma ao entrar na sala.

— Mande-o entrar. — Não demora muito e ele aparece, sinto meu coração disparar.

— Eu vou deixá-los sozinhos. — Driana mal termina de falar e sai em disparada para as escadas.

— Ela está bem? — questiona Benjamin.

— Ela só está com alguns problemas, mas já vão se resolver, nada demais. — Ele me puxa pela cintura e me dá um beijo rápido. Isso para mim ainda é muito novo.

— Essas são as flores? — pergunta apontando para elas.

— Sim, e esse aqui o bilhete. — Entrego a ele, Benjamin parece avaliar.

— Já contou a algum familiar seu? Talvez isso possa ser algo importante.

— Não acho que seja, só achei bizarro e sim, avisei meu irmão Theodore, que já está vindo para cá.

— Então quer dizer que vou conhecer alguém da sua família? Interessante... — Ele se senta no sofá e me puxa para sentar no seu colo.

— Meu irmão Theodore é muito diferente de mim e Christian, embora sejamos trigêmeos. Eu resolvi seguir os caminhos da minha mãe, Christian os do meu pai e Theodore... Bom, ele quer assumir os negócios do meu avô John.

— E que tipo de negócios são esses?

— Cassinos. — Ben me olha surpreso.

— Nossa, é bem diferente.

— Sim, e isso está causando uma grande briga entre ele e meu pai. O senhor Cooper quer que Christian e Theodore assumam a presidência da empresa, junto com meus primos, mas acho que Tânia e Bryan não querem isso.

— Eu acho que já entendi, o seu pai quer o espelho dele nos seus irmãos?

— Isso! Mas eu entendo o Theo, nós temos o direito de ser quem quisermos, mas também não apoio essa de cassinos, afinal, esse meio é bem perigoso. Meu avô John já fez muita coisa para poder sobreviver nesse meio.

— E você tem medo de que seu irmão faça isso também?

— Sim. — Ele segura na minha mão.

— Como você disse, nós temos o direito de ser quem quisermos, independente do que seja. A única coisa que se pode fazer neste caso é apoiá-lo e orientá-lo para que siga limpo por esse caminho. — Benjamin tem razão, o Theodore sabe o que é melhor para ele.

— Você está certo, obrigada. — Ele sorri.

— Bom, mudando de assunto, eu estava pensando em te chamar para sairmos, um jantar em um restaurante, mas vejo que hoje não será possível, então amanhã?

— Claro.

— Às sete horas em ponto. — Beija meu rosto. — Finalmente consegui um tempo para te ver, ultimamente estou tendo muitas coisas para fazer.

— Eu imagino, afinal você é o rei.

— Sim, um rei muito feliz de poder ver a mulher mais bonita do mundo. — Na mesma hora eu coro.

Deus! Por que algo tão bom parece tão errado?

— Eu estava falando com a minha mãe ontem, estávamos conversando sobre você.

— Jura? E o que falaram?

— Você já deve imaginar... Ela disse que tenho de esquecer James e te

dar uma chance. — Ele ri.

— Não esquecer, apenas não deixar que isso te coloque para baixo.

— Eu sei, só que é tão difícil... — Me assusto quando ele me deita no sofá e cobre o meu corpo com o seu.

— Eu prometi que iria te fazer feliz e é isso que vou fazer. Sei que James vai ter um lugar muito especial no seu coração e posso conviver com isso; ele morreu pelo amor que sentia por você e eu o admiro muito e respeito demais os seus sentimentos por ele. Sei que pode parecer loucura o que vou dizer, mas eu simplesmente não consigo mais ficar longe de você. Durante essa semana custou para eu admitir isso a mim mesmo, pois, algum tempo atrás, eu nunca imaginaria me ver nesta situação. — Obviamente eu estou com um sorriso enorme no rosto.

— Você é muito especial para mim, Benjamin. — Ele acaricia meu rosto.

— Você também é muito especial para mim, Aline. — E com isso selamos nossos lábios. Sinto meu coração disparar ao sentir seu toque em meu rosto. Minha barriga está com aquelas famosas borboletas no estômago.

As sensações que este homem me causa, às vezes me assustam tanto.



Aline Cooper

— Aline, seu irmão chegou. — Escuto Norma dizer. Pulo correndo da cama e quase rolo as escadas, de tão rápido que corro.

Assim que vejo Theo parado de costas na sala de estar, abro um enorme sorriso.

— Theo. — Ele se vira e, ao me olhar, sorri. Corro para abraçá-lo e acabo me jogando em seu colo, ele me levanta do chão e cai na gargalhada.

— Eu senti tanto a sua falta, baixinha — murmura. Me recomponho.

— Também senti a sua, maninho. — O puxo para se sentar do meu lado no sofá.

— E aí, cadê o tal bilhete? — Levanto-me rapidamente, indo até meu quarto e voltando alguns segundos depois com o pequeno papel. Entrego nas mãos dele, que parece analisá-lo bem.

— E então? — pergunto.

— Bom, realmente é meio bizarro o final desse bilhete e se o papai, ou até mesmo o Christian, ver isto, vai querer fazer o possível para descobrir quem mandou.

— Eu sei.

— Já tentou descobrir algo?

— Os seguranças disseram que foi um funcionário de uma floricultura próxima daqui quem entregou.

— Você foi até lá para descobrir algo?

— Não.

— Bom, amanhã posso ir lá e vejo isso.

— Obrigada, Theo. — Sorrio agradecida.

— Estou fazendo só a minha obrigação de irmão mais velho.

— Você só é mais velho dois minutos! — Ele ri.

— Mas não deixo de ser.

— Mudando de assunto, como andam as coisas entre você e o papai? — Ele respira fundo antes de falar.

— Continuam na mesma; ele acha que devo ser igual a Christian, mas ele tem de entender que eu só pareço com ele fisicamente.

— Não o culpe, Theo, ele só quer o bem para os filhos dele.

— Não, ele quer que sigamos os seus passos, que façamos o que ele faz, assim como o tio Liam e ele fizeram em relação ao vovô Caleb.

— Quer que eu converse com ele?

— Se a mamãe não conseguiu dobrá-lo imagine você! Sei que você e a mamãe sempre conseguem o que querem do papai, mas dessa vez não dá. — Toco o seu ombro.

— Não o culpo, esse negócio de cassinos é algo perigoso. Você sabe das coisas que o vovô John já fez para chegar onde chegou e até mesmo para sobreviver.

— Papai também já fez isso, tio Liam também e até mesmo o vovô Caleb.

— Eles fizeram isso para proteger quem amavam; sabe da história, Theo.

— Sim, mas...

— Concordo que deva seguir o que seu coração manda, fazer aquilo que gosta, mas deveria tentar entender o papai. O fato de ele não querer que entre nesse meio não é só porque queira que você siga seus passos, mas também porque é seu pai e se preocupa com o que possa te acontecer.

— Eu o entendo, é ele que não me entende.

— Isso porque você não chegou e disse que queria ter uma conversa séria com ele. — Seu silêncio já dizia tudo. — Sei que o papai tem um gênio difícil de lidar, mas não custa tentar ter uma conversa séria com ele. — Ele concorda.

— Você tem razão. — Aperto suas mãos nas minhas.

— Sempre tenho. — Theo abre um largo sorriso e eu também.

— Mudando de assunto radicalmente aqui, me fale sobre esse tal Benjamin. — Logo me afasto um pouco, ficando tensa.

— Mamãe está se saindo uma ótima fofoqueira — murmuro.

— Não mude de assunto, mocinha.

— O que quer saber sobre ele?

— Tudo.

— Dona Angel disse que ele é rei? — Ele arregala os olhos.

— Não. Para falar a verdade, a mamãe não nos deu muitos detalhes.

— O conheci assim que cheguei aqui, foi algo muito inesperado.

— Por quê?

— Porque eu nunca poderia imaginar que poderia ficar com alguém que não fosse o James.

— Ele sabe sobre James?

— Sim, e ele foi tão compreensível... Para falar a verdade, ele está me ajudando muito em relação a isso.

— Fico feliz em saber disso, mana, mas o que você sente por ele? E ele? O que sente por você?

Parei por alguns segundos pensando sobre os meus sentimentos por Benjamin. O que sinto por ele é algo muito forte e difícil de explicar, mas e ele? Será que sente algo por mim? E se for, será que é algo forte também?

— Ainda não defini o que sinto por ele, mas sei que é algo forte, intenso e... lindo. — Fico sem jeito com o olhar que meu irmão me lança. — Por que está me olhando assim, Theo? — Ele dá um meio sorriso.

— É porque eu nunca vi seus olhos brilharem tanto ao falar de algo ou de alguém, nem mesmo de James. — Olho para ele, confusa.

— O que quer dizer com isso?

— Já parou para pensar que o que você sente por esse cara talvez seja maior do que já tenha sentido por James? — Olho surpresa para ele.

— O quê?! Não! — digo rapidamente.

— E por que não?

— Ah... Bom... James foi meu primeiro namorado, o meu primeiro e inesquecível amor, Theo.

— Não estou dizendo que você está esquecendo ou esqueceu seus

sentimentos por James, e sim que você talvez sinta algo maior por esse tal Benjamin.

— Eu amava e ainda amo o James, que sentimento poderia ser maior que esse, Theo?

— Eu não sei, isso é o que você tem de saber.

— Gosto dele, Theo, gosto muito e ele me faz bem. Sempre que estou com ele sinto como se nada mais importasse, como se tudo e todos sumissem a nossa volta. Sinto como se uma paz grande me atingisse quando estou com ele. É novo, intenso demais e muito... — Paro de falar abruptamente ao me dar conta do que eu iria dizer.

Vejo Theo abrir um grande sorriso zombeteiro e eu, sem graça, desvio o olhar sem saber o que dizer.

— Muito maior do que já havia sentido antes. — Completa com um sorriso cínico no rosto e lhe dou um tapa no braço.

— Sim, você está certo. O que sinto por Benjamin é muito maior do que eu sinto por James — murmuro, sentindo-me culpada.

— Por que diz isso como se fosse algo errado?

— Sinto como se estivesse traindo James.

— Aline, isso é...

— Eu sei, mas é difícil para mim ainda. Estou tentando sair de um luto de quatro anos... Estou tentando me readaptar ao mundo após ficar quatro anos isolada, sofrendo em silêncio na esperança de acordar e tudo ser um pesadelo... Torcendo para que não fosse verdade que aqueles homens bateram nele e tentaram me tocar, de que minha última lembrança dele não fosse do seu corpo perdendo a cor, perdendo a temperatura em meus braços enquanto sangrava muito. De seus olhos perdendo o brilho enquanto se fechavam aos poucos. Dos médicos me dizendo que ele estava morto e que eu nunca mais iria vê-lo. De que o homem que acabara de me pedir em casamento não havia morrido no dia do meu aniversário. De que a dor que se formou em meu peito ao constatar sua morte fosse mentira... — Só percebo que estou chorando quando sinto braços me rodearem, me surpreendo ao ver que os braços que me rodeiam não são os de Theo, e sim os de Christian.

Quando ele chegou?

— Chris? — indago em um sussurro antes de retribuir seu abraço e logo sinto os de Theo rodeando a nós dois.

— Não importa aonde você vá ou esteja, nós dois vamos sempre te proteger e cuidar de você, maninha. Sempre vamos estar aqui para o que você precisar — fala Christian e eu sinto ainda mais vontade de chorar.

— Eu amo vocês.

— Nós amamos você, Aline — dizem em uníssono.

E assim ficamos por mais alguns minutos, até o furacão Driana entrar e interromper, arrumando briga com Theo, que revida com provocações. Chris tenta acalmá-los e eu... Bem, eu observo tudo com um enorme sorriso, sentindo-me aliviada e em casa.

THEODORE COOPER

Estou na sacada do meu quarto há mais de meia hora olhando para Driana, que conversava animadamente com a minha irmã no jardim, admirando-a. Ela simplesmente é linda, sua pele escura, seus olhos esverdeados como a noite, cabelo longo, enrolado, sua boca... Tudo nela é lindo.

— Vai ficar babando por quanto tempo aí na janela? — Me assusto com a voz de Christian.

— Seu idiota, você me assustou. — Ele ri.

— Estou há mais de dez minutos aqui te chamando e você nada de responder — diz se aproximando.

— Estava ocupado — murmuro voltando os meus olhos para o jardim, mas tanto Driana quanto a minha irmã já haviam saído dali.

Inferno!

— Quando vai contar a verdade para ela?

— Acho que nunca. — Me jogo em minha cama.

— E vai deixá-la continuar pensando que quem transou com ela naquela noite fui eu?

Sim, Driana passou a noite comigo, me chamando de Christian, dizendo que aquela estava sendo a melhor noite da sua vida. Me doeu muito ouvir ela dizer isso, sabendo que não era para mim e sim para meu irmão.

Ambos estávamos meio bêbados, mas eu sabia o que estava fazendo, assim como ela. Foi algo que aconteceu muito rápido, quando fui ver, já estávamos na cama sem roupa e, no meio do beijo, ela me chamou de Christian e eu, como idiota apaixonado, deixei que por uma noite, ela me chamasse por outro nome, tudo para ter o que eu mais desejava. Jamais esqueci aquela noite e ela também não, só que, na cabeça dela, a melhor noite que ela passou na vida foi com o meu irmão.

— Para quê? Para ela me ignorar e dizer que me odeia como sempre diz? — Solto uma respiração pesada.

— Ela só diz que te odeia porque você vive implicando com ela. — Ele responde tornando a se sentar na poltrona próxima da cama.

— Gosto de vê-la brava. — Sorrio automaticamente ao lembrar do seu rosto quando ela fica assim.

— Essa história já está indo longe demais, faço o possível para evitá-la, mas meu celular não aguenta mais tanta mensagem. — O quê?!

— Ela te manda mensagem?

— Sim, e agora que estou aqui, ela sempre vem tentar puxar algum assunto comigo.

— Ela realmente gosta de você. — Me senti um inútil agora.

— Ei, cara, ela só começou com isso por causa daquela noite... Alguma coisa aconteceu ali que despertou algo nela.

— O que você está querendo dizer com isso?

— E se ela passou a gostar de mim a partir daquela noite... Quer dizer, de você?

— Você está bêbado? Como ela passou a gostar de mim a partir daquela noite?

— Pensa, antes ela nunca me olhou do jeito que me olha agora; ela mal falava comigo e nunca sequer havia mandando mensagens ou ligado.

— É... Parando para pensar assim, você até que tem razão.

— Vai lá e diz logo a verdade para ela, Theodore. Odeio mentir e fazer isso está sendo um sacrifício.

— Ela pode me odiar ainda mais, não só a mim, mas a você também. — Ele parece pensar por alguns segundos e nem precisa dizer nada para concordar comigo.

— Eu ainda não acredito que concordei em entrar nessa mentira maluca, isso está ficando cada vez mais difícil de esconder.

— Preciso conquistá-la — digo de repente.

— Como? Você vive implicando com ela, fazendo piada de tudo que ela faz ou diz.

— Vou parar. — Ele ri. — Do que está rindo?

— Você adora fazer piada de tudo, até em horas ruins.

— Por ela eu mudo.

— Uau, Santa Driana. — Mostro-lhe o dedo do meio.

— E você, quando vai largar de ser *bicha*? — Agora é ele quem me mostra o dedo do meio.

— Vai se foder, seu bastardo! — Ele se levanta da poltrona, irritado.

— Está bem, foi mal, mas me responde: quando é que eu vou ver você com alguma mulher?

— Sabe que nunca. Diferente de você, sou bem reservado em relação a mulheres; o que faço com elas não lhe diz respeito.

— Falando assim você realmente parece que não gosta da coisa. — Ele dá uma risadinha andando até a porta e, antes de sair do quarto, diz sem me olhar.

— Se a Driana tivesse passado a noite comigo, ela obviamente ainda estaria andando com uma certa dificuldade, e olha que isso foi há um ano. — Antes que ele saia eu grito um “vá para o inferno”.



Ando a passos largos até o quarto de Driana, decidido a mudar a minha forma de tratá-la. Preciso conquistá-la e, se realmente o que Christian disse for verdade, vai ser mais fácil. Meu único medo então seria ela me odiar por ter me passado por meu irmão naquela noite.

Ao chegar perto do seu quarto, percebo que a porta está entreaberta. Sei que é errado invadir a privacidade dos outros, mas juro que ouvi a voz de um homem vir de lá de dentro.

— Agi de má fé com você, Dri, me perdoe. — Dri?!

Olho pela pequena abertura da porta e sinto minha respiração parar quando vejo um homem acariciar seu rosto; ambos estão perto um do outro, perto demais.

Ela não diz nada e, no momento em que penso em entrar para interromper, paro no mesmo instante quando o vejo lhe dar um beijo no canto da boca. Senti uma pontada no coração.

— Tudo bem. — Ela lança um sorriso para ele. UM SORRISO!

— Nos vemos amanhã?

Ela concorda e logo em seguida ele anda até a porta. Antes que ele saia, corro até um outro quarto que estava com a porta aberta e, assim que o vejo sumir no corredor em direção às escadas, vou até o quarto de Driana. Ela se assusta quando me vê.

Em um ato de desespero, eu a puxo para meus braços e sem aviso prévio, a beijo ferozmente. Ela tenta se afastar, mas desiste, deixando-me intensificar ainda mais o beijo.

Ela enrosca suas mãos na minha nuca e eu a puxo pela cintura para mais perto de mim, o encaixe continua sendo perfeito.

— Theo... — sussurra entre beijos.

— Vamos continuar porque sei que quando perceber o que está fazendo, vai se arrepender e me expulsar daqui. — Antes que ela diga mais alguma coisa, eu volto a lhe beijar.

Seu beijo, seu toque, seus lábios, parecem ainda melhores do que antes. Deus! Como consegui viver sem isso por tanto tempo? Essa mulher vai ser a minha doce perdição.



Aline Cooper

DIA SEGUINTE

Termino de me arrumar, olho-me no espelho e fico satisfeita com o resultado. Depois de muito tempo estou me arrumando, coisa que parei de fazer desde que James se foi.

Eu achava que não fazia mais sentido vestir uma roupa bonita, me maquiar e tudo o mais se não fosse somente para James..., ledô engano.

Observo como o vestido preto com mangas 3/4, um pouco justo e quatro dedos acima do joelho, ficou e amo o resultado. Pelo que percebi, ganhei uns quilos a mais, meus quadris ficaram mais largos, meus seios maiores, coxas mais grossas e meu bumbum... bom, ele também ficou um pouco maior. Estou surpresa comigo mesmo, antes eu era tão magrinha, nem havia percebido que engordei durante esse tempo em que estou em Genovia.

Olho meu rosto e sorrio para mim mesma ao constatar que ainda sei me maquiar, são quatro anos sem colocar uma maquiagem na cara e fiquei com medo de fazer alguma besteira. Olho meu celular e vejo que são quase dezenove horas, Ben falou que estaria neste horário aqui, pronto para me buscar.

Estou tão nervosa, afinal vou sair para jantar com um rei! Não é qualquer pessoa, e espero de coração não pagar nenhum mico, Deus me livre de o meu lado desastrado ressurgir das cinzas novamente... Rio com o meu próprio pensamento.

Saio do meu quarto indo direto para a sala de estar; ao chegar lá encontro Theo e Chris, que assobiam assim que me veem.

— Uau, que mulher é essa! Nem parece aquela pirralha que brincava na lama — diz Theo e eu faço uma careta.

— Realmente você está linda, irmã — confessa Chris, que me puxa para me dar um beijo na bochecha.

— Seu cabelo cresceu muito, está muito parecida com a mamãe.

Theo tem razão, meu cabelo era bem curto e agora está na metade das costas, cresceu bastante mesmo. Pensei que não conseguiria dar um jeito no emaranhado castanho escuro, mas consegui e ainda o deixei ondulado.

— Eita, quem é você e cadê a minha amiga? — Escuto Driana dizer ao

entrar na sala, mas logo vejo seu sorriso sumir quando ela olha para Theo, que a olha de uma forma estranha; ela fica ruborizada e desvia o olhar.

Hum, tem alguma coisa aí, pensei.

No momento em que abro a minha boca para perguntar o que estava acontecendo, perco o ar e o chão ao ver um belo homem entrar na sala.

Sinto minhas pernas bambas e aquelas famosas borboletas no estômago.

Ele está muito lindo, vestido de terno e gravata de um azul quase preto; o terno molda bem seus músculos, o cabelo loiro levemente penteado para trás e a barba um pouco maior o deixa extremamente sexy.

Fixo meus olhos nos seus, vejo sua íris azul brilhar deixando o tom de seus olhos ainda mais intenso e lindo.

Que porra é essa?!

Benjamin se aproxima de mim com o sorriso mais lindo que já vi. Fico surpresa quando ele pega em uma de minhas mãos e com cuidado planta um beijo delicado e doce nela. Sorrio timidamente sem saber o que fazer.

— Boa noite, Aline, devo dizer que estou surpreso, está mais linda que de costume. Arriscaria dizer que maravilhosa. — Ruborizo muito mais que o normal com seu elogio.

— Devo dizer o mesmo de você. — Ben dá um meio sorriso, mostrando um pouco de seus dentes perfeitos.

Ficamos em silêncio olhando um para o outro até que um pigarreio nos tira de nossa bolha individual.

— Prazer em conhecê-lo, Majestade, me chamo Christian, sou irmão de Aline — diz Christian o cumprimentando com um aperto de mão firme. Logo em seguida Theo faz o mesmo.

— Prazer em conhecê-los, Aline fala muito da família dela.

— Espero que bem. — Brinca Theo fazendo todos rirem, menos Driana.

— Acho melhor deixarmos eles irem — fala Driana, chamando a minha atenção.

É impressão minha ou ela quer se livrar de mim?

— Certo, cuide bem da nossa irmã, ela é nossa princesa. — Chris diz olhando para mim.

Ben olha-me também e responde, me deixando completamente surpresa e ruborizada.

— É a minha rainha também. — Se os braços de Benjamin não estivessem em minha cintura, obviamente eu teria caído, pois minhas pernas estão iguais a gelatinas nesse momento.

Ele disse... rainha?!

Driana abre um sorriso estúpido e quando abre a boca para dizer alguma besteira, logo a corto.

— Vamos, Ben, estou faminta. — O puxo pela mão e ele vem de bom grado.

Ao sairmos da minha casa, sou surpreendida ao ser puxada pela cintura e meu rosto quase bate no peitoral de Ben. Estou de cabeça baixa, mas logo sinto sua mão em meu queixo e, com cuidado, ele levanta o meu rosto para encará-lo.

— Não sabe como foi difícil me controlar e não te agarrar no momento em que te vi, você está muito linda. — Sorrio timidamente.

Ele aproxima seu rosto do meu e, quando nossos lábios entram em contato, sinto novamente aquelas borboletas no estômago e uma eletricidade que percorre todo o meu corpo.

Sua língua pede passagem e eu de bom grado deixo, intensificando ainda mais o beijo. Enrosco minhas mãos nos cabelos em sua nuca enquanto ele aperta firmemente minha cintura.

Quando o beijo acaba, estamos com as respirações entrecortadas e respiro fundo, tentando acalmar o meu coração que parece que vai sair pela boca.

— Vamos, se não nos atrasamos — diz me puxando delicadamente pela mão.

Ao chegarmos no carro, ele abre a porta de trás para mim e logo em seguida entra pelo outro lado com toda a sua graça. Assim que ele coloca o cinto de segurança, o motorista dá partida e os outros dois carros de escolta

dão partida também.

Quando o carro passa pelos portões sinto uma sensação estranha, um arrepio gélido que me causa calafrios.

Da última vez que senti isso... Não! Esqueça Aline, é só impressão sua.

NA MESMA ESTRADA

Vejo o carro sair, ligo o meu e, assim que os dois carros da escolta passam, os sigo a uma boa distância. Respiro fundo tentando acalmar o meu coração, mas não consigo; o ódio que sinto em mim ainda permanece vivo e a cada dia que passa ele vai crescendo mais e mais.

Não posso permitir que a felicidade de alguém seja construída em cima da minha dor, jamais!



O restaurante fica próximo ao palácio. Nem preciso dizer que assim que saímos do carro uma enxurrada de *flashes* e perguntas vieram para cima de nós. Dez seguranças fazem uma espécie de cordão de isolamento até a entrada do local, em uma tarefa muito difícil.

Benjamin a todo momento mantém sua mão em minha cintura em um aperto possessivo, e sei que esse gesto não passa despercebido pelas pessoas que nos circundam.

Quase dez minutos depois e conseguimos entrar no restaurante; a decoração do ambiente é linda, simples e ao mesmo tempo aconchegante, nada muito exagerado. As paredes são de um vermelho bem escuro, com alguns quadros de pontos turísticos da Itália, alguns lustres que parecem ser de cristal, o chão é formado por pequenos pisos brancos e pretos e agradeço mentalmente a Benjamin por ter escolhido um local como esse.

Continuamos a andar até chegar em uma mesa bem afastada de todos e, novamente, agradeço mentalmente a Benjamin, eu ficaria sem jeito de comer na frente de um monte de desconhecidos, ainda mais porque não estou com uma simples companhia e sim com o Rei deste país; então, toda a atenção será voltada a ele e a mulher que o acompanha.

— Você está bem? — questiona Benjamin, me tirando dos meus devaneios.

— Sim, só um pouco... tímida. — Ele sorri.

— Majestade, sua mesa conforme Vossa Majestade pediu. — Um homem vestido de terno e gravata escuro diz.

Benjamin se aproxima da mesa me levando com ele, e, como um verdadeiro cavalheiro, puxa a cadeira para mim e logo depois senta-se bem próximo.

— Obrigado, Matarazzo. — Benjamin agradece.

— É meu dever fazer com que todos os clientes sejam bem atendidos, especialmente o senhor, Majestade.

— Claro. — Ele murmura olhando para o cardápio.

— Vai querer o de sempre, Majestade?

— Sim, por favor, e traga o melhor vinho da casa. — Rapidamente o homem sai, sumindo entre duas enormes portas de madeira escura. — Odeio puxa-sacos. — Ri com suas palavras.

— Percebi, mas o homem só estava sendo educado.

— Acredite, ele consegue ser pior que isso. — Abre um sorriso fazendo-me sorrir também.

— Você costuma vir aqui? — pergunto lembrando que ele pediu o de sempre para o homem.

— É meu restaurante favorito, amo comida italiana, principalmente as massas.

— Eu tinha percebido isso na noite da pizza. — Ele ri.

— Você também não está muito atrás.

— Ben, você comeu uma caixa de pizza sozinho e ainda queria comer a outra.

— Isso é uma calúnia. — Finge estar ofendido.

— Esse lugar é lindo, eu adorei. — Ele coloca a mão em cima da minha, que pousava sobre a mesa.

— Que bom que gostou. Nesse pouco tempo de convivência percebi que, mesmo sendo de uma família rica, você é bem simples e isso a torna ainda mais linda. — Sinto um rubor nas minhas bochechas.

— Eu também percebi isso em você. — Ficamos alguns minutos em um completo silêncio, olhando um para o outro. Seus olhos azuis estão lindos e brilhantes.

Voltamos à Terra quando um garçom aparece com uma garrafa de vinho, ele nos serve, deixando a garrafa em cima da mesa, logo em seguida, outro garçom aparece trazendo nossos pratos.

— Não entendo nada de comida, ainda mais italiana — confesso sem graça.

— Isso é Tortellini de Bolonha. É feito com pedacinhos de massa fresca com ovos, recheados com uma mistura moída de *prosciutto*, mortadela, queijo parmesão e uma pitada de noz-moscada — explica Benjamin.

— Você entende bem.

— Eu adoro esse prato, vez ou outra peço para preparem para mim no palácio. Pesquisei muito sobre esse e outros pratos da Itália.

Pego um pouco com o garfo e levo à boca; quando mastigo, sinto uma festa na minha boca.

— Uau, isso é muito bom. — Ele sorri.

— Que bom que gostou.

Conversamos bastante entre garfadas e risadas e quando dou por mim, já passam das onze horas da noite; percebo de longe que o restaurante está com poucas pessoas.

— Nossa, nem vimos a hora passar — murmuro.

— Não sei você, mas sempre quando estamos juntos, eu perco completamente a noção do tempo. — Sorrio feito uma boba.

— Eu também. — Sem se importar se alguém nos veja, ele se inclina um pouco e dá um breve beijo em meus lábios.

— Aline, eu sei que pode parecer precipitado o que vou te pedir, mas acontece que passei esses últimos dias pensando no quanto eu quero isso e no quão especial você é para mim.— Fico sem ar quando o vejo levar sua mão até o bolso e me mostrar uma caixa de veludo escuro; meu coração dispara quando ele abre a pequena caixa.

— Ben... — Um anel prateado com uma pequena esmeralda no meio e diamantes bem pequenos em volta da linda e brilhante pedra verde.

— Aline, sei que para você isso pode parecer precipitado porque eu sei que ainda está ressentida sobre James, mas acontece que eu gosto muito de você e nada me faria mais feliz do que tornar o que temos oficial. Aline, eu estou, a cada dia que passa, me apaixonando ainda mais por você. — Meu coração dispara. — Senhorita Cooper, aceitar ser oficialmente minha namorada?

Sinto que meu coração vai sair pela boca! Meus olhos estão marejados e minha respiração entrecortada; jamais iria imaginar que ele faria isso, bom, pelo menos não hoje.

Fico pensando se realmente deveria aceitar, penso em James e no quanto meus sentimentos por ele continuam fortes, mas mesmo assim, sinto algo extremamente diferente por Benjamin, algo tão diferente e intenso, algo muito além de um simples gostar.

— Sim. — Benjamin arregala os olhos.

— O quê... Você disse?

— Eu disse que sim, eu aceito ser sua namorada, Benjamin. — Me surpreendo quando ele me puxa para um beijo de tirar o fôlego.

— Eu... Eu tive medo de você dizer não.

— Por quê?

— Ah, você sabe — diz com sua testa encostada na minha.

— Eu prometi a minha mãe que faria de tudo para voltar a ser um pouco do que já fui antes, e com você... Sinto que posso ser novamente feliz.

— Ah, Aline, como eu te adoro. — Abro um sorriso enorme.

— Eu também te adoro, Benjamin.



A noite correu perfeita, Benjamin e eu não nos desgradamos até chegar na minha casa. Felizmente, quando saímos do restaurante, não haviam tantos fotógrafos e repórteres na porta.

Eu estava animada e louca para contar à Driana sobre o pedido de Benjamin.

Demorou quase uma hora para me despedir. Sinto uma necessidade grande de ficar sempre perto dele, que prometeu vir aqui amanhã e anunciar oficialmente o nosso namoro a meus irmãos.

Entro em casa e, pela escuridão em que ela se encontra, vejo que todos devem estar dormindo; olho no meu celular e vejo que já é uma hora da manhã. Ando a passos largos até meu quarto, louca para tirar os saltos que estão me matando. Ao chegar na porta do meu quarto, eu a vejo aberta. Estranho, pois tenho certeza que a fechei antes de sair.

— Driana? — Entro chamando por minha amiga, mas nenhum sinal dela ou dos meus irmãos.

Ainda achando estranho tudo isso, me sento em uma poltrona e retiro os saltos, os jogando para um canto qualquer.

Quando levanto da poltrona, sinto um arrepio gélido pelo meu corpo e uma estranha sensação de estar sendo observada. Olho para a janela e a vejo aberta, o que acho ainda mais estranho, pois não lembro de tê-la aberto hoje. Ando até ela e a fecho rapidamente.

Deve ser coisa da minha cabeça, penso.

Tento tirar esses pensamentos da mente e me jogo na cama, sentindo meu corpo pesado; ao fazer isso, sinto algo amassar embaixo de mim, levanto, acendo a luz do abajur e vejo que se trata de um envelope de cor escura.

Sinto aquela maldita sensação novamente.

Abro o envelope e sinto meu corpo empalidecer. Havia uma foto e um bilhete.

A foto é minha, tirada enquanto eu dormia aqui no meu quarto. E está riscada com algo vermelho, que parece ser sangue seco.

No bilhete está escrito:

Sua hora está chegando, Senhorita Aline Ferreira Cooper, aproveite seus últimos suspiros.

Jogo tudo no chão, sentindo meu coração bater sem parar, minha respiração falha e um pavor tomar conta de mim.

Isso... Isso é uma ameaça de morte!



Aline Cooper

Levanto minha cabeça lentamente do chão, olho em volta e vejo que

estou em meu quarto, sinto meu corpo doer e só depois de um tempo, percebo que acabei dormindo no chão, ao lado da minha cama. Levanto rápido e sinto minha cabeça doer com tal ato, olho meu corpo e vejo que ainda visto a mesma roupa de ontem.

Me assusto quando vejo uma garrafa de vinho do meu lado, completamente vazia.

Como essa garrafa veio parar aqui? Eu bebi? Não me lembro de nada disso.

Vou até o banheiro e me assusto ao ver meu reflexo no espelho. Meu cabelo está bagunçado, a maquiagem totalmente borrada e o rosto inchado de tanto chorar.

— Porra! — praguejo ao sentir uma fisgada na cabeça.

Saio do banheiro à procura do envelope, na esperança de tudo ter sido um mero pesadelo, mas não era; o envelope com a foto e o bilhete estavam jogados no chão. Aproximo-me para pegar, mas paro quando vejo a porta do meu quarto abrir.

Driana e Theo entram e arregalam os olhos ao me ver.

— Deus! O que houve com você? — Driana se aproxima.

Minha cabeça dói ao ouvir sua voz.

— Não grita — murmuro, pondo a mão na cabeça. Me afasto para sentar na cama.

— Você bebeu ontem? — questiona Theo com a garrafa de vinho vazia na mão.

— Não, essa garrafa apareceu como um passe de mágica.

— O encontro foi tão ruim assim para chapar a cara desse jeito? Você está horrível. — Ignoro as palavras de Driana.

Ressaca me deixa de mau humor, interessante.

— O que é isso? — Escuto Theo perguntar e logo vejo do que se trata.

— Esse foi o motivo da minha ressaca.

Vejo meu irmão arregalar os olhos, ele passa o conteúdo do envelope

para Driana que têm a mesma reação que ele.

— Isso... Aline... Essa foto foi tirada aqui, enquanto você dormia e esse... Esse bilhete... — Driana não consegue terminar de falar.

— Parece que alguém quer me matar. A questão agora é, por quê? — indago para mim mesma.

— Aline, sinto muito, mas vou ter de avisar ao papai sobre isso. Sei que não queria falar nada, mas isso agora é sério. O que me impressiona não é o bilhete e sim a foto, tirada enquanto você dormia. Como alguém conseguiu entrar aqui sem ser visto e ainda tirar uma foto sua?

— É o que eu venho me perguntando, Theo.

— Vou descer e contar isso para o Christian, vamos ligar para o papai. — Ele sai sem deixar que eu diga mais nada.

— Vêm, Aline, é melhor você tomar um banho, está péssima. — Driana me ajuda a levantar da cama e eu não reclamo, estou precisando mesmo.



— Hoje era para ser um dia feliz, mas infelizmente não é — diz Benjamin. Liguei para ele, contando o que aconteceu e ele veio o mais rápido possível. Agora, meus irmãos, Driana, ele e eu estávamos na sala de estar, tentando descobrir quem poderia querer me fazer mal.

Meu pai saiu de Nova York pela manhã e já passa das duas horas da tarde, ele já deve estar chegando.

— Por mais ruim que esteja sendo agora, a notícia do namoro de vocês é muito boa — Driana fala.

— Nosso pai deve estar chegando, ele e a mamãe estão vindo. — Reviro os olhos.

— Não adianta fazer essa cara... — avisa Christian.

— Senhor. — O segurança entra na sala, chamando nossa atenção.

— Sim, Colton. — Christian toma a frente.

— Encontrei Marcos morto. — Arregalo os meus olhos.

Marcos era um dos seguranças que meu pai mandou.

— Como assim? Morto? — pergunto assustada.

— Anteontem ele ficou fazendo a segurança nos arredores da casa e eu cuidei da entrada. Só dei pela falta dele ontem, quando não o vi em canto algum; comecei a procurar e o achei agora há pouco, em uma parte bem escondida do jardim. Estava com um tiro na testa, mas também encontramos dardos tranquilizantes.

— O quê? Dardos tranquilizantes? Quer dizer que ele foi desmaiado com essas coisas e depois morto? — O segurança confirma.

— Estamos lidando com alguém muito esperto — murmura Theo.

— Sim, e pelo que estou vendo, ele ou ela está brincando conosco — completa Chris.

— Como assim? — Driana pergunta.

— Se ele ou ela quer matar você, poderia ter feito isso no momento em que entrou no seu quarto, sem ninguém ver ou desconfiar, ou até antes. — Benjamin diz.

— E?

— Ele ou ela quer provar de alguma forma que pode te matar quando quiser, sem que possamos evitar. — Theo complementa.

— Quer dizer que por mais seguranças que coloquem aqui, isso não vai adiantar?

— Querem que pensamos isso, mas sabemos que não é. Ele ou ela quer nos confundir e nos deixar apreensivos em relação a isso, mas não vamos fazer o que querem.

— E o que vão fazer? — Driana tira as palavras da minha boca.

— Vamos esperar o papai chegar, mas já temos uma noção do que ele irá fazer. Ou ele vai triplicar a segurança ou te mandar de volta para casa. —

Olho para Christian chocada.

— Mas nem pensar! Consegui finalmente seguir em frente, e agora vão tirar isso de mim?

— Maninha, não é isso é que...

— Não, definitivamente não! Se eu voltar, aquelas lembranças vão me assombrar e vou voltar a ser o que era antes... E, de qualquer forma, lá ou aqui eu vou morrer, aqui por um desconhecido e lá pela culpa e a dor de perder alguém tão querido! Se for assim, prefiro morrer aqui com as pessoas que eu gosto perto de mim!

— Não diga isso, Aline, só queremos te ajudar. Isso está sendo frustrante demais. — Olho para Benjamin e abro um sorriso sarcástico.

— Acha que para mim não está sendo? Alguém quer me matar e pelo que vi, essa pessoa tem um sangue muito frio... Pode me matar de inúmeras formas cruéis e o pior de tudo é não saber o porquê de essa pessoa querer fazer isso comigo. Morrer sem saber o motivo? É... Isso é frustrante demais. — Saio da sala ouvindo todos me chamarem, mas ignoro.

Por quê, Deus? Estava voltando a ter uma vida novamente e agora um desconhecido ou desconhecida quer tirar a minha vida, a vida que perdi há quatro anos... Isso é castigo, será que Deus veio me buscar? Será que viram que cometeram o erro de levar James no meu lugar?



Acordo no sobressalto e me assusto quando vejo minha mãe sentada na minha cama, me encarando. Ela me avalia sem demonstrar nenhuma expressão, exatamente como o meu pai fazia quando algo não estava certo, e ver minha mãe fazer isso é... ruim, muito ruim.

— Por quanto tempo eu dormi?

— Tempo suficiente para que seu pai e eu chegássemos e conversássemos com seus irmãos, os seguranças, Driana, Raymond e

Benjamin. — Seu tom de voz é suave e agora a expressão que faz mostra que a conversa não foi boa.

— Conheceu o Benjamin? — Tento fugir do assunto.

— Sim, e assim como Alex e eu, ele está preocupado e zela pela sua segurança.

— Mãe, eu sei que essa situação é difícil e vocês não imaginam o quão difícil está sendo para mim. Ser morta por algum desconhecido sem sequer saber o motivo é... Assustador. — Ela fecha os olhos e respira fundo.

— Eu vou chamar o seu pai. Ele e eu precisamos ter uma conversa muito séria com você, Aline e você vai ouvir sem dizer uma palavra, ouviu? — Por que sinto que isso é uma bronca?

— Ok. — Angel se levanta e sai do meu quarto. Aproveito esse tempo para pensar sobre tudo que vêm me acontecendo desde que cheguei à Genovia.

Conheci um homem incrível (o que há algum tempo achava impossível encontrar), ele é rei e é amado por todos do seu país (algo que demonstra que ele é um bom rei e se preocupa com os seus súditos), se mostrou ser um homem paciente e acima de tudo compreensível (coisas que me fizeram o admirar ainda mais). Além disso, me fez ver que a vida é muito mais do que um dia eu imaginei ser, e me mostrou que é possível amar novamente.

Sim, eu disse a palavra A porque é exatamente o que eu sinto por ele, amor, e só agora eu fui perceber isso; antes, a venda do luto não me deixava enxergar. Óbvio que James sempre terá um lugarzinho no meu coração por ter sido o primeiro homem da minha vida, e ainda por cima dar sua vida pela minha; como Benjamin havia dito, essa é a maior prova de amor, mas que é algo que machuca muito aquele que ficou, por isso ninguém quer uma prova de amor como tal.

Meus pensamentos são interrompidos pela chegada dos meus pais; eu ainda me encontro no mesmo lugar em que a minha mãe me deixou quando saiu.

Observo o meu pai, ele está nervoso, seus músculos estão tensionados e sua mandíbula travada, algo que só acontece quando o que vem por aí não é bom.

— Oi filha, como se sente? — Meu pai diz se sentando na minha cama e minha mãe faz o mesmo.

— Bem... Eu acho — murmuro.

— Seus irmãos nos deixaram a par de tudo. Antes de dizer o que decidimos, eu...

— Decidiram? Sem me consultar? Eu tenho o quê, dez anos?

— Aline, não fale assim com o seu pai.

— Não, mãe! Não é assim que as coisas funcionam.

— Aline, filha, eu sei que está sendo difícil para você, mas não é hora para questionamentos.

— Pai, eu sei que quer me proteger, mas é sobre minha vida que vocês estão falando e decidindo. Eu sei que isso é frustrante demais, mas a questão é que... — Paro de falar e fecho os olhos a fim de buscar algum sentimento em relação a isso e constato que... — Eu estou com medo — sussurro.

— Eu também estou, filha, com muito medo, mas não podemos deixar que o medo vença. — Minha mãe balança a cabeça, concordando com o meu pai, e eu me pego fazendo o mesmo. — Voltando ao assunto, quero perguntar por que não me avisou quando recebeu o primeiro bilhete?

— Para não acontecer o que está acontecendo agora. — Dou de ombros.

— Você só adiou o inevitável — diz minha mãe.

— Bom, nós conversamos e chegamos à conclusão de que ficar nesta casa só te deixará vulnerável, mesmo se aumentarmos a segurança. Um segurança foi morto sem que ninguém percebesse nada, o que prova que não há condições de ficar aqui até resolvermos a situação...

— Mas...

— Deixe seu pai terminar de falar, Aline. — Minha mãe interrompe, fazendo-me ficar quieta.

— Pensamos na possibilidade de você voltar para Nova York, mas não podemos fazer isso.

— Você conquistou uma nova vida aqui, e não seria bom tirarmos você

daqui, ainda mais porque você tem um namorado, muito bonito por sinal. — Dou um sorriso fraco, mas depois lembro do que meu pai falou.

— Se não vou poder ficar mais aqui nem voltar para Nova York, onde é que eu vou morar? — Ambos olham um para o outro e isso é um sinal de que eu não vou gostar da resposta.

— Benjamin nos deu uma ideia, seu pai não aceitou muito bem, mas viu que era a nossa melhor opção.

— Como assim?

— Você vai morar no palácio. — Angel fala de uma vez. Arregalo os meus olhos.

— O quê?! Eu... Eu não posso morar no palácio.

— E por que não? Conhecemos o Benjamin, ele parece ser um bom rapaz e coloca seu bem-estar em primeiro lugar. Confesso que ele ganhou uns pontos comigo... Eu não gostei da ideia de início, mas sua mãe me convenceu. Fora que lá a segurança é máxima, é uma fortaleza impenetrável e você estará bem segura.

— Não acha que morar no mesmo lugar que o meu namorado não é avançado demais? Começamos a namorar ontem! — Minha mãe ri.

— O mundo está evoluindo, meu amor, não é preciso casar para morar junto, e isso será temporário, não quer dizer que vá viver com ele para sempre, bem... Eu acho.

— Sua mãe tem razão.

— Alex, eu acho que eu deveria ter uma conversa de mulher para mulher com ela. — Minha mãe me olha entendendo meu espanto.

Meu pai olha de mim para a minha mãe.

— Ok. Vou estar lá em baixo, tortu... Conversando com esse Benjamin. — Faço uma careta.

— Pai, vai devagar. — Ele ri.

— Está bem, filha. — Alex me dá um beijo na testa e um beijo nos lábios da minha mãe; quando ele sai do quarto, minha mãe me olha apreensiva.

— Já sei o que vai perguntar — constato.

— Mesmo sabendo, eu vou perguntar. Vocês já transaram?

— Não! Claro que não!

— Por que diz como se fosse algo incomum? Qual o problema de fazer sexo?

— Não é isso, é que... Eu nunca... Fiz com ninguém a não ser o James, nunca tive outro homem, mãe — confesso.

— Deixa-me ver se entendi. Você não quer ir morar no palácio por medo de transar com ele?

— Sim e não.

— Como assim?

— Bem, eu mentiria se dissesse que ele “não molha a minha calcinha” ...
— Minha mãe ri e eu também. — Mas tenho medo de não... Não...

— Não atender as necessidades dele na cama?

— Isso! Benjamin parece ser um homem bom em tudo, e que, com certeza, tem uma vida sexual bem ativa, ou tinha até começarmos a ter algo. Tenho medo de não ser o suficiente para ele.

— Filha, é normal se sentir insegura em relação a isso. No começo, eu tive medo também de não conseguir fazer certo, mas o sexo não tem um manual, ele é feito no calor do momento com quem gostamos ou só desejamos, sem que saibamos o que as pessoas vão fazer conosco e vice-versa. É assim que descobrimos novas sensações e sentimentos, também diria posições... — Solta uma risada. — Você é linda e esse homem parece te adorar muito.

— Sim — murmuro.

— Não faça nada que não queria, só aquilo que você desejar, não se acanhe para agradar um homem em algo que você não gosta de fazer; assim como eles, queremos sentir prazer e gozar também. — Abro um sorriso. — Seja você mesma.

— Obrigada, mãe. — Ela pega nas minhas mãos e acaricia.

— Parece que estamos na sua adolescência de novo e eu te falando sobre sexo. Seu pai estava do outro lado da porta ouvindo tudo escondido. — Começo a rir ao lembrar disso, meu pai surtou quando ouviu minha mãe falar sobre sexo comigo pela primeira vez.

— É verdade. — Fico por um tempo olhando para a minha mãe e é como me ver no futuro. Eu me sinto orgulhosa por ter a melhor mãe do mundo.

Dona Angel passou por muita coisa nessa vida, teve perdas grandes, momentos de dor, traumas irreparáveis, humilhações e decepções, e mesmo assim ela não se deixou levar por isso, ao contrário, ela se reergueu; não importava quantas vezes caía, ela estava lá de volta, em pé, firme e forte.

Penso nos momentos que a minha mãe deve ter passado naquele lugar; ser estuprada todas as noites por um homem sujo, sofrer agressões e ainda perder um filho que, mesmo sendo fruto de um estupro, era um ser que não tinha culpa de nada. Constató que eu fui fraca e me acomodei ao luto, afastando todos de mim. Minha mãe foi uma verdadeira heroína da sua própria história, ela se salvou, não deixou que nada a levasse a uma vida cheia de amargura ou até mesmo ao suicídio, como eu mesma um dia pensei.

Eu sou uma droga de mulher que na primeira dificuldade já quero desistir! Nunca vou conseguir ser metade da mulher que a minha mãe é.

— Me perdoa por ter me fechado durante esses quatro anos... — digo de repente e ela me olha surpresa.

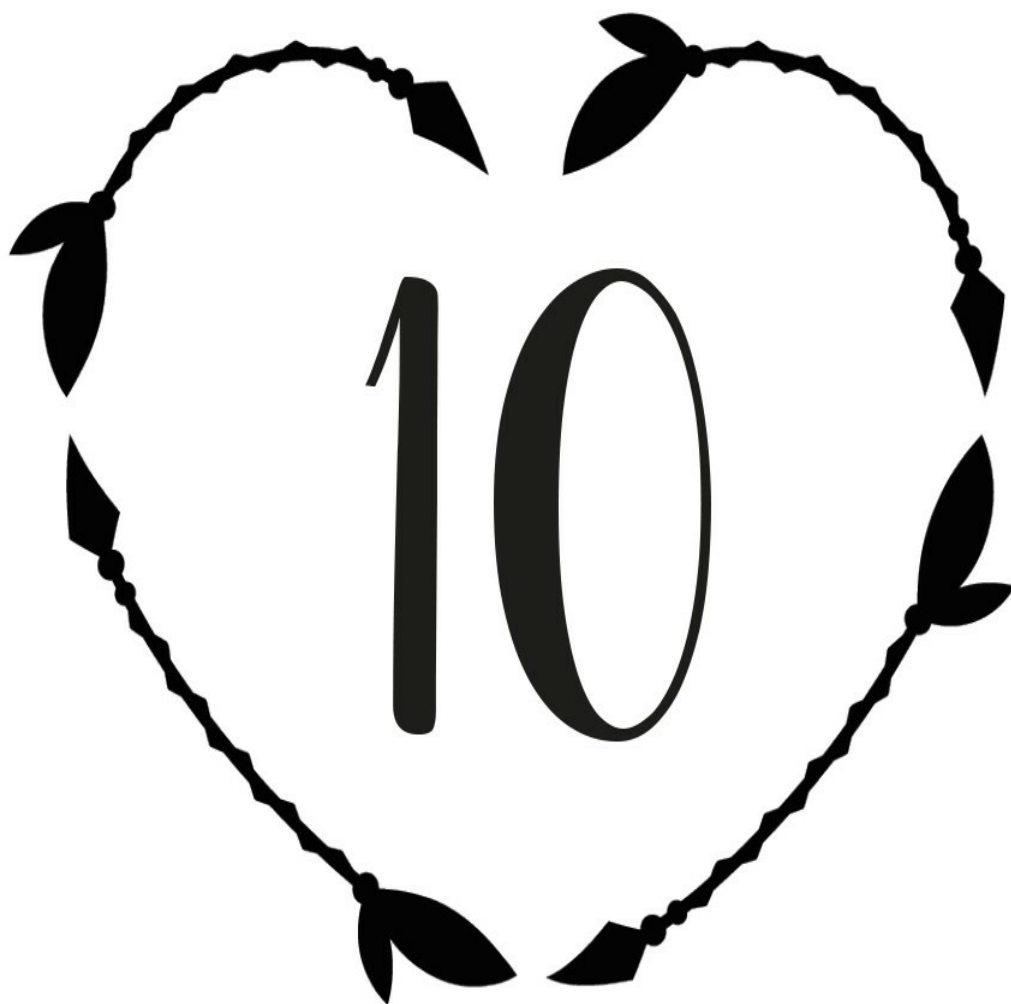
— Não precisa me pedir perdão, meu amor, você estava sofrendo e nós entendemos isso, só tínhamos medo das consequências.

— Tenho orgulho de te ter como mãe. — Posso ver os olhos dela brilharem e me reprimo mentalmente por não ter percebido que fiz as pessoas a minha volta sofrerem uma dor que era só minha.

— E eu de te ter como filha. — Sem dizer nada, praticamente pulo em cima dela e lhe dou um abraço desajeitado.

— Eu te amo, mamãe. — Ela me aperta em seus braços.

— Eu também te amo, minha menina.



Aline Cooper

Coloco a última peça de roupa dentro da pequena mala que minha mãe pediu para providenciar. Eu simplesmente não sei o que fazer, essa situação toda é tão frustrante... Ainda nem vi Benjamin e eu mentiria se dissesse que

não estou com um pouco de vergonha. Mal começamos a namorar e já estou lhe dando trabalho, não iria admirar se ele terminasse comigo.

Saio dos meus devaneios com alguém batendo na porta do meu quarto, logo vejo Benjamin entrar, vestido de terno e gravata cinza que, a propósito, está destacando muito bem seus músculos, cabelo levemente penteado para trás, barba aparada e olhos azuis brilhantes.

Não canso de admirar e ver o quão lindo ele é.

— Estou aprovado? — Sinto minhas bochechas corarem ao ser pega no flagra.

— Desculpe, é que realmente você está muito bonito — murmuro me sentando na cama.

— Não precisa se desculpar, afinal eu também faço isso sempre com você e somos namorados, não vejo problema em “olhar” um para o outro.

— Verdade. — Ben me surpreende ao sentar-se do meu lado e me puxar para seu colo.

— Seus pais me disseram que você não recebeu bem a notícia da sua nova casa. — Ele coloca a mão na minha coxa e, com o braço, envolve a minha cintura.

— Eu só não quero incomodar.

— Claro que não, linda, você jamais me incomodaria, pelo contrário, vou amar te ter mais perto de mim. — Me derreto toda ao vê-lo abrir um sorriso gigantesco.

— Eu sei que só está sendo gentil. — Sinto sua mão subir pelo meu corpo e ir até a minha bochecha, olho para ele na mesma hora.

— Eu gosto muito de você, Aline, e tudo que mais quero é protegê-la, não ficaria tranquilo em te deixar aqui depois do que houve. Eu não me perdoaria se algo acontecesse com você.

— Obrigada. — Me inclino um pouco e lhe dou um beijo demorado nos lábios.

— Além do mais, Driana e Norma vão ficar lá também.

— Ben, não precisava...

— Precisava sim, não poderia deixá-las aqui sozinhas. As duas serão boas companhias para você, afinal, por mais que eu queira ficar sempre ao seu lado, tenho compromissos e não posso faltar para com eles.

— Eu entendo, e obrigada de novo, você é um amor. — Ficamos em silêncio por alguns segundos e, com lentidão, seu rosto chegou perto do meu, seus lábios chegaram nos meus e, quando fui perceber, estava deitada na cama e ele por cima de mim.

Seus beijos descem, indo ao meu pescoço, e um gemido baixo sai da minha garganta. Benjamin levanta um pouco e tira seu paletó, o jogando no chão, logo volta a me beijar e acariciar meu corpo; seus beijos descem até chegar na pequena fenda da minha blusa, Ben olha para mim como se estivesse pedindo permissão e com um simples acenar de cabeça, ele sobe a minha blusa. Para ajudá-lo, inclino um pouco o meu corpo e levanto os braços, seus olhos brilham ainda mais quando caem em cima dos meus seios cobertos.

Enrosco minhas pernas em volta da sua cintura, encaixando ainda mais nossos corpos, e sinto claramente algo duro e grosso roçar na minha vagina por cima da calça.

— Ben... — Seu nome sai como um gemido, ele beija um de meus seios por cima do sutiã e aperta o outro.

— Você é tão linda — sussurra entre meus seios.

Ele levantou o corpo novamente e agora tira sua gravata e camisa, nem tive tempo de admirar seu corpo, mas pelo que vi, é perfeito.

Suas mãos vão de encontro à minha vagina que, ao me mexer, a senti toda molhada.

Senhor! Esse homem vai me levar à loucura!

Ele a acaricia por cima do tecido da calça enquanto beija e mordia o meu pescoço.

— Ben, Aline, eu... AI MEU DEUS! — Benjamin sai de cima de mim com rapidez e quando olho para a porta, vejo Driana e minha mãe nos encarando de olhos arregalados.

Cadê a droga do buraco para eu enfiar a minha cabeça? Não, quero que

um buraco negro se abra e me leve junto com toda a minha vergonha neste momento.

— Ma... Mãe, eu posso... Posso... — Porra!

— Desculpe, senhora Cooper, é que nós...

— Eu sei o que iam fazer, não vejo problema algum, afinal são adultos e namoram. Vamos embora, Driana, para terminarem. — Arregalo os meus olhos.

A vergonha que eu achava que estava grande, agora se tornou mil vezes maior!

— Mamãe! — Ela me olha e diz.

— O quê? Só disse que não...

— Está bem, não precisa repetir. — Escuto Driana rir.

— Isso é inédito, jamais poderia imaginar que um dia sua mãe te pegaria quase transando... Sua cara é a melhor. — A fuzilo com o olhar.

— Ainda bem que dispensei seu pai, ele que queria vir aqui.

Se fosse isso, eu não só estaria com a vergonha múltipla, como acho que haveria um corpo no chão também.

— Me desculpem mesmo, eu não queria que vissem isso, na verdade eu deveria ter respeitado a casa da sua filha, senh...

— Se me chamar de senhora mais uma vez eu te bato e não me importo se você é rei ou não. — Vejo Benjamin levantar as mãos em sinal de rendição, ele termina de se vestir e me entrega a minha blusa, surrando um “desculpe”.

— Bom, já que não vão transar, desçam conosco; seu pai quer conversar mais um pouco com Benjamin e depois com você, antes que vá ao palácio. — Minha mãe tem um certo dom de conseguir constranger as pessoas só com as palavras, ela já fez isso com os meus irmãos.

— Certo. — Depois de colocar a minha blusa, ajeito o meu cabelo e pronto.



Depois da longa conversa com os meus pais, meus irmãos e das despedidas, conseguimos sair da minha casa. Como meu pai havia dito, Theodore e Christian vão ficar morando aqui por um tempo; segundo Alex, eles conseguem se cuidar muito bem, uma idiotice, pois do mesmo jeito que meu pai treinou meus irmãos, ele fez o mesmo comigo. Eu sei me defender, sei atirar, lutar e tudo o mais, a única diferença é que eu sou o alvo desse desconhecido, já meus irmãos não.

Observo os portões dourados do palácio se abrirem quando o carro se aproxima, fico boquiaberta com tudo, só o jardim daria dez do da minha casa, que também é grande; a grama verde bem aparada, pequenas árvores espalhadas e arbustos cortados em diferentes formatos.

Ao chegar em frente à entrada do palácio, Benjamin sai e logo dá a volta para abrir a porta para mim, logo vejo Norma e Driana saírem dos outros carros. Ao todo, oito carros nos escoltaram até aqui e, pelo que vi, a segurança é mil vezes maior.

— Uau, isso é lindo! — murmura Norma, completamente admirada. O Palácio Real de Pyrus, sem dúvida, é lindo, tem um toque daqueles castelos medievais, mas a beleza que exala é extraordinária.

— Por dentro é melhor ainda — diz Benjamin segurando a minha mão.

Subimos alguns degraus até a entrada e assim que passamos por ela, nos deparamos com outro jardim, só que bem menor que o anterior, andamos por mais alguns instantes e, finalmente, entramos no palácio. Tive de pôr a mão no queixo para não o deixar cair.

Eu já tinha visto muitas fotos do palácio na *internet*, inclusive algumas do lado de dentro, mas ver pessoalmente é algo maravilhoso. Esse lugar, sem dúvida, é o mais lindo que já vi em toda a minha vida.

O hall é gigantesco, a escada nem se fala e pelo que percebi, o corrimão é feito de mármore, branco como a neve, e os degraus são cobertos pelo famoso tapete vermelho. Os móveis rústicos são simplesmente um luxo,

lindos. Olho para o teto e fico chocada ao ver cinco lustres espalhados.

— São diamantes, meu pai disse que minha mãe adorava diamantes e mandou fazer esses lustres em homenagem a ela. — Benjamin explica.

— Sêrio? Diamantes? Quem dera alguém fizesse isso por mim. — Driana diz olhando para mim e eu já entendi o que ela queria dizer; olho para minha amiga com o olhar do tipo “não me deixe ainda mais envergonhada pelo amor de tudo que você mais ama no mundo, sua vaca!”

— Minha tia saiu com Raymond, logo estará aqui e ficará feliz em finalmente te conhecer.

— Ela sabe que estou aqui? — pergunto preocupada.

— Claro, e já mandei providenciar seus quartos; Norma pode continuar atendendo exclusivamente você e Driana — concordamos. — Norma, seu quarto fica no andar superior, era o quarto da minha governanta, mas ela se aposentou, é um dos melhores do andar.

— Obrigada, Majestade.

— Me chame de Benjamin, por favor. — Vejo dois seguranças aparecerem e junto com eles, duas mulheres com uniformes iguais.

— Majestade, já levamos as malas para os quartos. — Um deles diz.

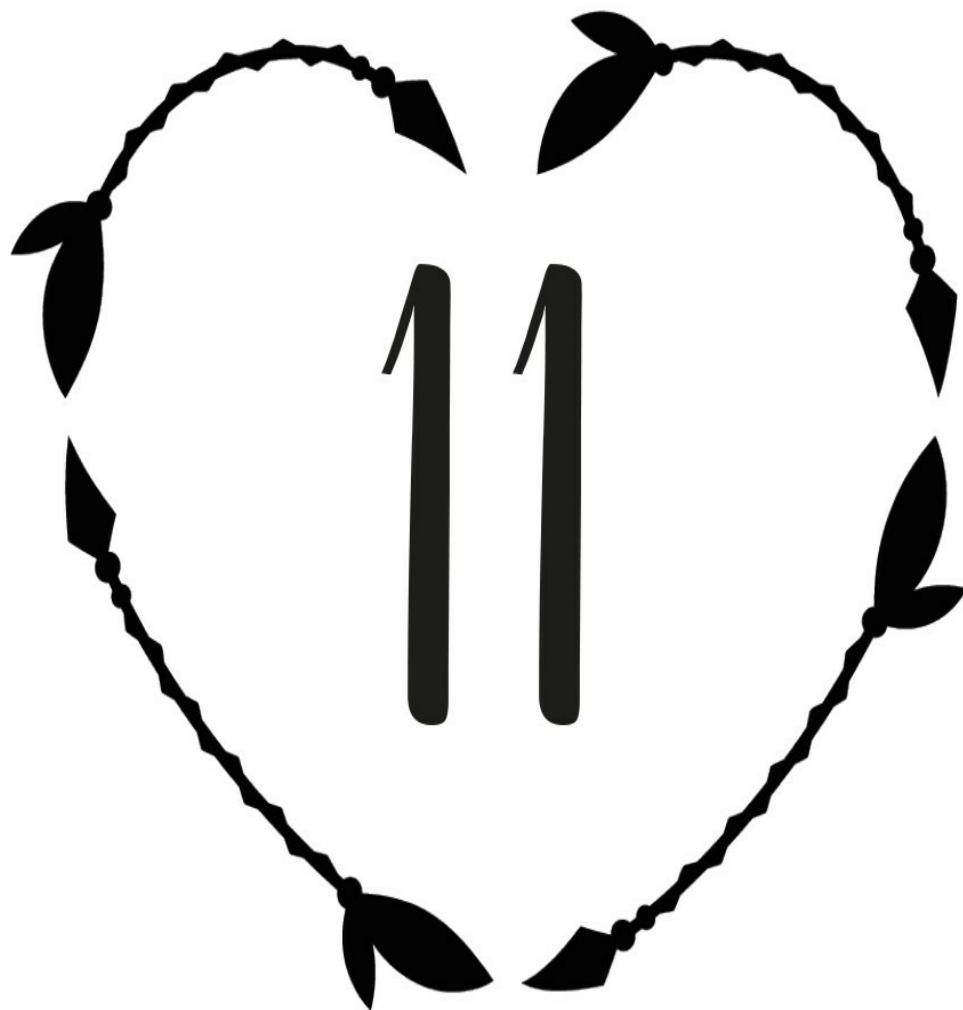
— Obrigado Nick, pode se retirar. — Os dois saem rápido, do mesmo jeito que apareceram.

— Estamos aqui para lhes mostrar seus quartos. — Agora uma das mulheres diz, bem simpática.

— Aria, leve Driana para o quarto dela e Molly, a senhora Norma. — Ambas a seguem em diferentes direções e quando Driana some no alto das escadas, sinto Benjamin me puxar pela cintura, virando-me para ficarmos frente a frente.

— E o seu, eu mesmo vou ter o prazer de mostrar. — Sem que eu diga nada, ele me beija, lento e apaixonado, sua língua dança dentro da minha boca, fazendo-me lembrar da umidade entre minhas pernas.

Esse homem vai me deixar completamente maluca.



Aline Cooper

— Esse é seu quarto. — Ben murmura dando passagem para que eu

entre.

Observo atentamente todo o quarto e fico chocada com o tamanho, o lustre que há no meio do teto de gesso é enorme e parece ser igual ao do hall; a mistura do bege com detalhes em azul resultam em um ambiente lindo e aconchegante, a cama bem grande e de dossel com estilo provençal tem lençóis, travesseiros e cobertas brancas e beges, há um *recamiér*, aquele móvel que costuma ficar ao pé da cama, de cor escura, igual à cama. Os móveis são iguais aos dos demais cômodos, rústicos e luxuosos. Magnífico!

— Ele é lindo! — exclamo olhando tudo, admirada.

— O meu quarto fica logo ao lado, essa ala é somente para a família real. — Viro-me para encará-lo.

— E por que estou aqui? — Ben se aproxima com um sorriso arrebatador nos lábios.

— Aline, vou ser sincero com você. Eu nunca namorei, nem sequer posso lhe dizer que um dia já ameí alguém a não ser a minha família. Se te pedi em namoro e se estou fazendo de tudo para protegê-la, não é à toa. — Pisco várias vezes, surpresa por suas palavras.

— O quê... O que quer dizer com isso? — Ele pega em ambas as minhas mãos.

— Que a minha intenção com você é a mais pura e sincera. Eu gosto muito de você, Aline, e te quero sempre ao meu lado. — Abro um sorriso tímido.

— Eu também Ben, gosto muito de você. — Suas mãos vão para a minha cintura e me puxam, fazendo meu corpo ir de encontro ao seu.

Nossos lábios se selam, em um beijo lento, terno e arriscaria a dizer até mesmo com amor. Nossas línguas se entrelaçam de uma forma tão gostosa e excitante...

Mas infelizmente, fomos interrompidos pelo toque do seu celular. Ele se desculpa e rapidamente atende.

— Alô... Sim..., mas essa reunião estava marcada para daqui a dois dias... Ok, eu já estou a caminho, peça a Valérie para que deixe tudo organizado. — Ben desliga sem se despedir da pessoa do outro lado da linha.

— Aconteceu algo? — Ele solta uma respiração pesada.

— A reunião para decidir sobre a expansão de novos hospitais era para daqui a dois dias, mas não sei o que houve que os arquitetos, os engenheiros e os responsáveis pelo projeto adiantaram; não me disseram por telefone.

— Mas talvez possa ter acontecido algo, melhor ir ver o que é. — Suas mãos vão de encontro ao meu rosto e, com delicadeza, planta um beijo demorado na minha testa.

— Eu queria ficar mais com você, mas acho que vai ser um pouco difícil. Tenho medo de não ser um namorado bom e presente.

— Benjamin, você é um namorado maravilhoso, e entendo perfeitamente o seu lado, afinal você é o rei. Sei dos seus deveres e obrigações; também sabia, antes mesmo de começarmos a namorar, que haverá momentos em que não estaremos juntos. — Abro um sorriso para tranquilizá-lo e me sinto satisfeita quando ele o devolve.

— Obrigado, linda.

— Eu que devo agradecer. — Ele cola seus lábios nos meus em um beijo rápido. Sem dizer nada ele se afasta e sai do quarto, deixando-me sozinha.



— Você já viu o tamanho desse lugar? Eu demorei meia hora para achar a cozinha! — Escuto Driana tagarelar do meu lado, estávamos em uma espécie de sala de jantar que mais parece uma casa inteira. Já passava das oito horas da noite e Benjamin ainda não havia chegado, ele deve ter passado o dia sem comer nada.

— Boa noite, meninas. — Vejo Raymond entrar na sala junto com uma mulher de boa aparência; na verdade, Raymond é a versão masculina dela. Pele clara, olhos cor de mel, cabelo castanho-claro até a altura dos ombros, com alguns fios brancos. Seus olhos vão de Driana para Norma e param em

mim.

— Mãe, essas são Driana, Norma e a Aline. — Agora entendi a semelhança. Ela abre um sorriso sincero e se aproxima de nós.

— Olá, me chamo Christa, sou a mãe de Raymond e tia de Benjamin. — Nos levantamos para cumprimentá-la.

— Prazer em conhecer a senhora, me chamo Driana. Sou amiga da Aline. — Driana estende a mão para cumprimentá-la, mas é surpreendida quando Christa a puxa para um abraço, ela fica sem jeito, mas logo depois retribui o gesto.

— É um prazer conhecê-la e por favor me chame de Christa, odeio formalidades. — Logo ela faz o mesmo com Norma que fica completamente sem jeito e quando chega na minha vez, ela fica alguns segundos me avaliando, algo que me deixa totalmente envergonhada.

— Mãe, não a deixe nervosa — murmura Raymond, sentando-se à mesa.

— Desculpe, querida, é que eu já tinha te visto por foto, mas agora, pessoalmente, vejo que é muito mais linda do que eu imaginava. — Sinto minhas bochechas ficarem totalmente vermelhas.

— Obrigada. — Minha voz sai quase como um sussurro.

— Ah, que é isso, não fique envergonhada, estou falando somente a verdade. Agora entendi o porquê de meu sobrinho se encantar desde o primeiro momento em que pôs os olhos em você.

— Eu também me encantei pelo seu sobrinho — confesso ainda muito envergonhada. Ela abre um sorriso amplo e simpático e me surpreende ao segurar ambas as minhas mãos.

— Acho que vamos nos dar muito bem e espero que você e meu sobrinho se casem logo e me deem netos, já que o tenho como a um filho. Raymond não colabora em relação a encontrar uma mulher e sossegar... — Vejo Driana segurar o riso, e Norma não ficou muito atrás.

— Acho que já chega, não é mãe? Não precisa ficar pressionando a Aline.

— Desculpe, querida, mas é que já estou velha, esse palácio é enorme e

faz falta as risadas e correria de crianças aqui. Tenho saudade de quando Benjamin e Raymond eram crianças, os dois aprontavam juntos... Uma vez Raymond e Benjamin deixaram todos loucos quando, com seis anos, correram pela casa pelados e cobertos de lama, sujando tudo, ninguém conseguia pegá-los.

— Cheguei na hora dos momentos constrangedores... — Todos viramos para a entrada da sala de jantar. Os olhos de Benjamin caem sobre os meus, ele caminha rapidamente em minha direção e, sem se importar com os ali presentes, me puxa pela cintura para um beijo um pouco inadequado para o lugar, já que haviam pessoas nos assistindo.

— Acho que não há falta de quartos nesse Palácio para esse tipo de “começão” em público. — Raymond diz, fazendo Norma e Driana rirem.

— Não seja inconveniente, Ray. — Christa o repreende.

— Majestade, o jantar já está pronto, posso servi-lo? — Uma das mulheres que nos receberam diz ao entrar na sala de jantar.

— Claro, Aria. — Sem dizer nada, ela se vira para sair.

— Aqui parece ter muitos funcionários — sussurro só para ele ouvir.

— Ao todo tem cem funcionários, isso sem contar com a guarda real, que é o triplo dos funcionários ou mais. — Arregalo os meus olhos.

— Uau, como faz para lembrar o nome de todos?

— Da maioria eu lembro, e quando não lembro, eu pergunto e faço o possível para não esquecer. Por isso, sempre que posso, revejo a lista de funcionários — explica.

— Isso parece ser assustador — murmuro.

— Bem-vinda ao meu mundo, doce Aline.



— Você está bem? — Driana pergunta.

Estávamos em meu quarto; Ben precisou ir ao escritório cuidar de uns papéis, e todos já haviam se recolhido. O jantar foi bem agradável, mas ainda assim...

— Eu não me vejo morando aqui — confesso.

— Aline, você já é podre de rica, não sei porque se sente tão acanhada se já cresceu nesse meio.

— Só que isso é demais! Ficar com Benjamin é aceitar tudo isso aqui, e possivelmente, me tornar rainha. — Só a ideia já me deixa assustada.

— Realmente é algo que parece assustador, mas você gosta dele e ele de você, não deve pensar nessas coisas.

— Eu sei... Só que, eu sendo rainha, vou ter muitas responsabilidades. Vou ter de esquecer meu mundo da moda.

— Não acho que isso vá acontecer — murmura deitando na minha cama. — Você está na ala real e, depois das coisas que você me contou que Benjamin lhe disse, não há dúvidas de ele quer que você seja a nova rainha da Genovia.

Rainha! Meu Deus, eu posso ser a rainha de um país!

Escutamos batidas na porta e logo em seguida Benjamin entra, cabelo molhado penteado para trás, camiseta cinza, calça de moletom e descalço.

— Desculpe, não sabia que estava ocupada — diz olhando para Driana, que já estava de pé.

— Não se preocupe, eu já estava de saída. — Quando ela chega na porta faz um sinal com as mãos, batendo, sem fazer som, as costas da mão na palma da outra e depois sai. Reviro os olhos... Só Driana mesmo.

— Oi. — Ele se aproxima e se senta na cama, bem próximo de mim.

— Você deve estar bem cansado — murmuro.

— Não é fácil comandar um país inteiro... Mesmo sendo pequeno, é um país e pessoas moram aqui e dependem de mim.

O puxo para deitar na cama com a cabeça em cima da minha perna e

começo a fazer carinho nele.

— Ben, eu gosto muito de você, e se realmente dermos certo vou adorar, mas não sei se estou preparada para isso tudo. — Ele levanta rapidamente.

— Quer terminar comigo?

— Não! Claro que não, eu só estou sendo sincera com você. — Ben solta a respiração, relaxando os músculos.

— Aline, não vou mentir para você e dizer que isso tudo é fácil, pois não é. Eu tive de aprender na marra tudo que sei hoje. Eu vou estar sempre do seu lado e sim, quero muito que isso dê certo, quero que se torne minha rainha e minha mulher. Não vou fazer nenhum pedido oficial agora, pois está muito cedo, mas fique ciente que eu te amo. — Arregalo os meus olhos.

— Você... Me ama? — Ele me surpreende ao se aproximar mais, vou me deitando na cama e logo ele já está em cima de mim, olhando bem em meus olhos.

— Eu te amo, Aline Ferreira Cooper.

Meu coração parece que vai sair pela boca com tamanha emoção! Ele disse que me ama!

— Eu também te amo. — Ele arregala os olhos.

— Quê?

— Eu te amo, Benjamin, não acredita?

— Claro que sim, mas eu achava que você iria demorar a dizer isso por causa do...

— Não esqueci ele, jamais vou esquecer. Antes de te conhecer achava que nunca iria conseguir gostar de alguém que não fosse ele e eu estava enganada. O que senti por James era amor, muito amor, mas por você.... — Paro brevemente e levo minhas mãos ao seu rosto. — É muito mais forte que isso e acho que *Eu te amo* é pouco perto do que sinto por você, Benjamin.

Ele abre um sorriso largo e lentamente se aproxima para me beijar. Quando nossas bocas se encostam, a sensação ficou melhor que antes; abrimos a boca ao mesmo tempo e de uma forma lenta e delicada enroscamos nossas línguas em um beijo calmo, terno e agora sim posso dizer, cheio de

amor.

Sim, eu quero isso, quero muito.



Aline Cooper

Ele passeia com sua mão pelo meu corpo, seus beijos descem, indo ao meu pescoço e um gemido baixo sai da minha garganta quando ele mordisca meu queixo. Uma de suas mãos entra embaixo da minha blusa branca e a ergue, deixando meus seios à mostra. Eu estava sem sutiã.

Ele me ajuda a tirá-la e logo eu estava nua da cintura para cima; seus lábios descem do pescoço ao vale entre meus seios, bem lentamente, quando finalmente chega em meu mamilo, o coloca na boca e um pouco forte e rápido o suga, enquanto massageia o outro. Seguro o lençol com uma mão enquanto pego no seu cabelo com a outra, jogo minha cabeça para trás quando ele faz a mesma coisa com o outro mamilo e logo em seguida desce pela minha barriga com lentidão, alterando entre beijos, lambidas e mordidas.

Benjamin leva suas mãos até o cócs da minha calça jeans escura, abre o botão e logo em seguida puxa o zíper. Com delicadeza ele me ajuda a me livrar dela, Ben dá uma breve olhada para a minha calcinha e sorri.

— Gosta muito da Minnie? — Olho confusa para ele, mas logo depois levo minhas mãos até meu rosto, completamente cheia de vergonha.

Eu estou com uma calcinha da Minnie!

Hoje definitivamente não é meu dia, primeiro minha mãe e Driana e agora isso... Cadê a porra do buraco para me sugar?

— Ben... Eu... Eu...

— Não se preocupe, achei bem bonita, mas o que me interessa mesmo é o que tem embaixo dela. — Sinto sua mão ir de encontro à minha vagina por cima do tecido da calcinha, seus dedos descem um pouco até que ele a põe para o lado e desliza o dedo indicador da outra mão, o toque me faz suspirar.

Ele coloca as mãos no cócs da calcinha e a tira com a minha ajuda, a deixando em cima da cama; começo a ficar nervosa, com vergonha e tensão ao mesmo tempo. Nunca fui tocada por outro homem além do James, isso é novo demais para mim, mas devo confessar que está sendo bom.

Ben se inclina, abaixando a cabeça, e seguro a respiração quando sinto a sua bem próxima da minha boceta. Fecho os olhos e jogo a cabeça para trás quando finalmente sua língua entra em contato com o meu íntimo.

Sinto ele ir de cima para baixo com lentidão com sua magnífica língua quente e molhada, começo a gemer e gemo ainda mais alto quando ele introduz dois dedos em mim sem parar de brincar com o meu clitóris. Levo a mão na boca, a mordendo e tentando reprimir um gemido ainda mais alto.

— Pode gemer, querida, somente nós estamos nessa ala do palácio. —

Ben murmura com o rosto na minha vagina, sua língua volta a atacar junto com seus dedos mágicos e dessa vez mais rápido. Começo a me contorcer, ao invés de gemidos, gritos saem da minha garganta, e com certeza eu devo ter rasgado os lençóis de tanto que estou puxando.

Eu vou enlouquecer de tanto tesão!

Começo a sentir aquela sensação que fazia anos que não lembrava, sinto minha boceta se apertar e pulsar, Ben não para um minuto sequer e parece que percebe que estou perto, pois aumenta ainda mais a velocidade dos seus movimentos maravilhosos.

— Ben... — Seu nome saiu entre os gemidos.

— Goze, meu amor. — É como se eu estivesse esperando o comando dele para então soltar todo meu orgasmo, sinto ele passar a língua com mais rapidez quando libero tudo.

Nossa, isso é excitante demais!

Meu coração está com batidas frenéticas, minha respiração entrecortada e com uma sensação de satisfação. Ben se levanta e fica em pé em frente à cama, começa a tirar a roupa e um “uau” saiu baixo da minha boca quando ele tirou a blusa, mas nada havia me preparado para o que tinha embaixo da calça de moletom.

Nossa Senhora das Mulheres com Homens de Paus Grandes! Isso não é um pau, é uma tora! Meu Deus, isso não vai caber de jeito nenhum. Será que vou conseguir andar depois disso?

— Aline, está tudo bem? — Ele parece preocupado.

— Está... Eu só... Quer dizer... — Aponto para sua intimidade. Ele ri, se debruça na cama e vem até mim. Deito-me novamente, ele vem por cima de mim colocando todo o seu peso em seus braços.

Com o joelho, ele abre as minhas pernas, ficando entre elas, chega com o rosto bem perto do meu ouvido e sussurra.

— Lhe apresento o cetro real. — E com lentidão, ele me invade, fazendo-me arfar com tal ato. Sinto-o dentro de mim e uma dorzinha vem de brinde, tento disfarçar a cara de dor, mas ele para quando percebe. — Desculpe, eu...

— Continue. — É tudo que consigo dizer.

— Tem certeza?

— Me apresente o cetro real. — Ben abre um sorriso lindo e logo em seguida me beija. Ele aproveita para continuar, sinto seu pau entrar devagar em minha boceta e um misto de dor e prazer é sentido nesse momento.

Quando finalmente está todo dentro de mim, ele novamente sussurra no meu ouvido.

— Eu te amo. — Começa a se movimentar devagar e absorvo tudo com avidez.

Começo a gemer alto quando seus movimentos aumentam, causando sensações que um dia pensei que nunca mais iria sentir, ou até mesmo melhores. Levo minhas mãos às suas costas e no momento em que ele aumenta a velocidade ainda mais, passo minhas unhas por elas, o que o faz gemer também.

Um vai e vem frenético é mantido com o acompanhamento do barulho de nossas virilhas se chocando e gemidos bem altos, tanto que pondero se as pessoas que estão em seus quartos nas outras alas do palácio não estarão ouvindo também.

Já não me importo mais.

Enrosco minhas pernas em seu quadril, o trazendo para mais perto; ele continua com seus movimentos rápidos e fortes sem tirar os olhos dos meus.

— Tão... Apertada... Tão... Gostosa. — Ele sussurra.

Novamente percebo aquela sensação que senti antes, quando ele estava fazendo um oral digno de um rei em mim. Posso sentir seu pau pulsar dentro de mim, minha vagina em resposta se comprime toda e ele geme alto com tal ato.

— Eu vou...— Não consigo terminar.

— Sim, goze bem gostoso no meu pau. — E novamente meu corpo obedece aos seus comandos e gozo feito uma louca. Logo em seguida sinto algo quente dentro da minha boceta e Ben ruge feito um leão ao se liberar.

Quando finalmente toda a liberação de ambos acabou, ele se deita na

minha cama, me puxando para bem perto, e coloco minha cabeça em seus braços.

— Senhorita Aline Cooper, eu estou completamente viciado em você.



Acordo com vários beijos sendo distribuídos pelo meu rosto, abro um sorriso maravilhoso ao lembrar de quem se trata, olhos extremamente azuis me encaram sorridentes.

— Bom dia, meu amor. — Acho tão lindo quando ele me chama assim.

— Bom dia, Vossa Majestade. — Ele ri.

— Deu ao seu rei a melhor noite que ele poderia ter na vida.

— Fico feliz, Majestade.

— Acho que vou te prender nesse quarto por mais um tempo. — Agora é a minha vez de rir.

— Isso seria maravilhoso, mas não seria justo com seus súditos. — Ele faz biquinho.

Oh senhor, que beleza de homem!

— Sim, e uma hora atrás eu precisava estar em uma reunião muito importante, mas foram tantas atividades noturnas que minhas energias foram sugadas. — Ben se aproxima para me beijar, mas é interrompido por uma batida na porta.

— Aline, estamos lhe esperando para o café; você também, Ben. — Driana grita do outro lado da porta de forma automática, sinto toda a pele branca do meu rosto avermelhar.

— Nós já vamos descer. — Ben responde e posso ouvir as risadas dela antes de sair.

— Não vou saber lidar com a ideia de descer e olhar para todos sem

sentir vergonha.

— Somos namorados, isso é normal.

— Sim, mas eu era bem nova quando namorava, nunca levantei de manhã depois de uma transa maravilhosa e fui tomar café da manhã com a família do meu namorado.

— Você é uma mulher, Aline, e deixou de ser menina há muito tempo.
— Acaricia meu rosto.

— Acho que deixei de ser quando decidi vir para Genovia.



— Bom dia, trabalhadores noturnos. — Driana diz quando Benjamin e eu entramos na sala para o café da manhã, me assusto quando vejo meus irmãos e meus pais.

— Pai, mãe, vocês não iriam embora ontem?

— Sim, mas conversamos e optamos por ficar mais alguns dias, querida. Seu tio Liam cuidará da empresa enquanto isso e Diana está encarregada da minha boutique.

— Mãe, sabe que não devem parar a vida de vocês por causa de mim.

— Somos seus pais, nosso dever é te proteger e acho que fiz certo em ficar mais alguns dias — murmura meu pai, olhando para Benjamin.

— Eles têm razão, querida, não acho que ficariam tranquilos longe de você nessa situação. — Ben diz e minha mãe abre um sorriso enorme.

Já vi que não foi só eu que ele conquistou.

— Bom dia, querido. Aline, separei um lugar para você perto de Benjamin. — Olho para onde Christa aponta e vejo que se trata do lugar perto da cadeira maior, que fica na cabeceira da mesa, e fico completamente sem jeito.

Esses lugares devem ter sido do rei e da rainha.

Sinto Ben pegar na minha mão e antes de me conduzir ao lugar, sussurra um “vai ficar tudo bem”.

— Vejo que a noite de vocês foi bem produtiva — diz Theo, o que faz meu pai olhar de cara feia para Benjamin.

— Acho que não devemos falar essas coisas à mesa. — Christian vem em meu socorro.

— Sim, acho que no momento devo dizer que estou muito feliz por finalmente meu Benjamin ter encontrado alguém e sossegado.

— Ele era muito mulherengo antes da minha filha?

— Não, Alex, ele só não pensava em namorar ou algo do tipo. Não que ele não queria e sim porque essa ideia não passava pela cabeça dele.

— Tive uma vida antes de conhecer sua filha, senhor Cooper, obviamente eu saía com outras mulheres, e creio que o senhor também teve uma antes da sua mulher. — Vejo minha mãe dar um sorrisinho debochado do tipo “touché”.

— Bom, já que a noite de vocês foi tão boa, já poderiam me providenciar um neto. — Engasgo com a minha própria saliva quando Christa diz isso.

— Acho cedo para dizer algo assim, mas também quero meus netos. — Agora minha mãe diz.

— Mamãe, você tem outros filhos também que podem te dar um e pela vida que eles têm, podem te dar muitos. — Vejo Benjamin sussurrar algo para um dos empregados e o mesmo sai em disparada da sala.

O que ele está aprontando?

— No momento certo ambos farão isso. — Minha mãe murmura.

— Vocês vão ficar aqui no palácio também? — pergunta Christa a meus pais.

— Não, vamos ficar na casa que compramos aqui, assim é melhor.

— As portas do palácio sempre estarão abertas a vocês.

— Muito obrigada, Christa. — Agradece minha mãe.

Olho para Benjamin, que parece inquieto em sua cadeira até novamente o empregado voltar e lhe entregar algo. Vejo ele se levantar de sua cadeira, chamando nossa atenção.

— Bem, ontem eu havia conversado algo bem importante com Aline e não vejo mais motivos para adiar o inadiável. Quero aproveitar que todos estão aqui e deixar claro minhas reais intenções com ela. — Arregalo os meus olhos quando ele se ajoelha bem na minha frente e me mostra um anel de ouro com uma pedra que suponho ser um rubi lindo. Vejo Christa, Driana e minha mãe levarem as mãos à boca com a surpresa. — Esse anel foi dado para minha avó, depois meu pai deu a minha mãe e agora eu estou lhe dando, como símbolo do meu compromisso com você. Aline Ferreira Cooper, você aceita se casar comigo e ser minha rainha?

— Ben... Você disse ontem que...

— Eu sei, mas eu te amo e você me ama, nos damos tão bem e eu sei que é pouco tempo, mas... — Ele faz uma breve pausa. — Não imagino a minha vida sem você. — Escuto suspiros na sala e sei que são das meninas.

Eu não poderia dizer não, ainda mais depois de tudo que ele vem demonstrando sentir e ser. Qualquer mulher morreria para estar no meu lugar e entre muitas ele me escolheu, assim como eu o escolhi. Jamais achei que amaria alguém depois do James, achava que estava fadada a ficar sozinha com a minha dor. Eu estava completamente enganada e tive de sair do meu país para achar o homem que mudaria isso.

— Eu aceito ser sua rainha.



Aline Cooper

UM MÊS DEPOIS

Fico encarando o belo anel que Ben me deu, encaro também o outro anel, o de namoro. Sempre tive do bom e do melhor nessa vida, cresci tendo de tudo, mas receber esse tipo de presente é novo para mim. James era filho de um ex-agente da CIA aposentado e sua mãe era policial, sempre fui feliz com as coisas simples que ele me dava e o fato de ser rica nunca o intimidou, muito pelo contrário; ele sempre batia no peito e dizia “um dia vou chegar ao seu nível e conquistar meus sonhos”. Ele tinha passado para uma universidade muito boa em Nova York e estava cursando arquitetura, meu pai adorou a escolha e, sem ele saber, mexeu alguns pauzinhos para ele conseguir um estágio em uma empresa da concorrência; seria muito óbvio se ele arrumasse nas nossas empresas, ele era muito orgulhoso e não aceitaria. James já estava no segundo ano de arquitetura quando tudo aconteceu, um sonho de anos foi interrompido por malditos assaltantes, malditos assassinos. O que mais me dói é saber que ele morreu para me proteger; ele cumpriu a promessa que fez dentro do carro e eu só não sabia que isso iria tão longe.

A notícia do meu casamento com o rei da Genovia se espalhou por todo o país muito rápido. Benjamin e eu éramos a notícia principal de todos os jornais do país e fora dele também; eu estava bem nervosa, todos querendo conhecer oficialmente a futura rainha, bom... Eles já sabem quem sou por causa da minha família, mas a imprensa é complicada, querem saber detalhe por detalhe, por isso Christa achou melhor organizar um evento onde serei apresentada oficialmente como a esposa do Rei. O evento será daqui a três dias, todos os meus familiares e amigos estarão presentes; meu pai já mandou preparar um avião para trazê-los de Nova York e eu estou bem nervosa. Para a minha segurança, o evento será na sala do trono do palácio, com muitas seguranças e uma revista bem rigorosa nos convidados. A ameaça de morte contra mim ainda é iminente, então todos estão bem apreensivos com esse evento.

Ben e eu passamos a dormir no mesmo quarto, o que quebra o protocolo da realeza, mas nós já o havíamos quebrado quando transamos pela primeira vez sem sequer estarmos noivos, apenas namorando. Acho isso bobagem, mas é um país conservador, o avô de Benjamin foi bem rígido ao criar tais

regras.

Estamos no quarto dele, mas Benjamin disse que quando nos casamos vamos passar a dormir no quarto que era de seus pais, onde só os reis e rainhas dormiam. Está fechado desde que seu pai morreu.

Saio dos meus devaneios com batidas na minha porta, digo um “entre” e Theo logo em seguida entra com uma cara nada boa.

— Podemos conversar? — Faço um gesto para que ele sente do meu lado na cama.

— Pela sua cara o negócio parece ser sério.

— Aline, eu fiz uma coisa ruim e não sei como consertar.

— Ruim? Seja mais claro.

— Tem a ver com Driana e Christian. — Começo a ficar confusa.

— Como assim Theo, o que você fez?

— Fazia um ano que James havia morrido, Driana ainda estava tentando superar a perda do irmão e eu a encontrei em um bar, sozinha. Resolvi fazer companhia para ela e nós dois acabamos bebendo mais do que devíamos. Eu lembro que chamei um táxi para a casa dela, quando chegamos lá eu ia pedir ao taxista que me trouxesse em casa, mas ela saiu me puxando do carro, insistindo muito para não ficar sozinha. Ela disse que os pais estavam viajando e me pediu para ficar com ela; acabou que eu mal entrei na casa dela e Driana começou a me agarrar, tentei o máximo possível não ceder, mas o desejo era mais forte que eu.

— Theo...

— Eu amo a Driana, sempre amei essa louca. Eu não consegui me conter, só a ideia de a ter em meus braços me deixou tão feliz, mesmo que por apenas uma noite. — Ele pausa e posso ver lágrimas se formarem em seus olhos. — Ela passou a noite toda me chamando de Christian, dizendo que o desejava e tudo; eu aceitei porque, por mais humilhante que fosse, eu a queria, não importava como. Eu acordei mais cedo, deixei um bilhete dizendo que eu havia adorado e que esperava algo mais... Eu não assinei o bilhete e desde então ela vive atrás do Christian, achando que o cara com quem transou era ele. — Fico completamente surpresa com toda essa situação.

— Theo, isso é surreal, quer dizer, você e ela se odeiam.

— Eu implico e finjo não gostar dela para não deixar que percebam.

— E funcionou..., mas a questão é que ela se apaixonou por você e não pelo Christian. Mesmo achando que foi para a cama com ele, é de você que ela gosta!

— O Chris me disse a mesma coisa.

— Theodore, você tem de contar a verdade para ela. O Christian sabe disso?

— Ele escondeu esse segredo comigo. — Fico chocada.

— Ela é minha melhor amiga e a tenho como uma irmã. Por mais ruim que tenha sido o fato dela te confundir com o Christian, ela foi enganada e por esses anos achou que transou com um quando na verdade transou com o outro. Vocês são gêmeos, mas há diferenças bem grandes em vocês dois; Driana estava bêbada, ela não ia saber distinguir assim.

— Ela vai me odiar e não vou suportar isso, eu a amo demais. — Leva as mãos à cabeça em um ato de desespero.

— Você precisa contar a ela, coisas assim uma hora são descobertas...

— Sua irmã tem razão. — Nós dois olhamos na direção da voz e vemos uma Driana com lágrimas nos olhos, parada na porta nos encarando.

Merda!

— Driana, eu...

— Não precisa dizer nada, eu ouvi tudo, só nunca mais ouse dirigir a palavra a mim, nem você e nem o Christian. — Dito isso, ela se vira e sai batendo a porta do quarto com força.

— Driana. — Theo se levanta para ir atrás dela, mas eu o seguro pela mão.

— Se for falar com ela agora só vai piorar as coisas. — Ele me olha desesperado.

— Mas Aline, ela vai...

— Te odiar ainda mais. Tudo que você tinha para dizer a ela você disse

aqui, e se ela realmente ouviu tudo, vai precisar de um tempo para colocar a cabeça no lugar, então a evite. Eu a conheço bem e sei que quando ela não quer não há nada que a faça mudar de ideia. Depois que isso passar, converse com ela. — Ele fica ponderando por alguns segundos até que se senta na cama e encosta a cabeça no meu ombro.

— Eu faço tudo errado. — E pela primeira vez eu vejo meu irmão chorar.

Ele realmente a ama mesmo.

— Prometo te ajudar, mas por favor não faça nada que vá piorar a situação. — Sinto ele sacudir a cabeça concordando. — Acho que é um defeito dos homens Cooper fazer alguma merda que magoe a pessoa amada. — Digo lembrando do meu pai e do meu avô.



Corro novamente para o banheiro, sentindo uma tontura fora do normal, e coloco tudo do café da manhã para fora. Saio da beira do vaso e vou até a pia para lavar a boca e escovar os dentes. Depois de fazer isso tudo, saio do quarto para respirar ar puro. Preciso melhorar, a festa é amanhã e eu não posso ficar doente.

— Filha, os vestidos para a festa chegam hoje. Estou tão animada! — Minha mãe parece eufórica. A encontrei no hall.

— Eu também, mamãe. — Continuo a caminhar para fora do palácio e ela me acompanha.

— Tem certeza? Você está pálida. Está tudo bem, querida? — Já estávamos fora do palácio, os guardas a todo momento mantendo os olhos em mim, ordens de Benjamin para que fiquem atentos a minha segurança.

Em falar nele, durante essas últimas semanas pouco nos temos visto. Ele sai cedo e chega à noite e muitas vezes eu já estou dormindo, mas ele nunca sai pela manhã sem antes me desejar bom dia e dizer que me ama. Sei que ser

rei não é fácil, ainda mais agora, com todos os projetos novos para que Genovia se torne um país de primeiro mundo. Ele tem se empenhado dia e noite e eu me sinto muito orgulhosa.

— Só acho que comi algo que não me fez bem no café, botei tudo para fora e ainda me sinto enjoada e com tontura, por isso vim para o jardim, respirar um pouco. — Ela me olha com espanto.

— Filha, você e Ben tem... Sabe... Transado? — Fico surpresa com sua pergunta.

— Ultimamente não muito, devido a tanto trabalho dele, mas sempre que dá, sim, e a última vez que fizemos sexo para valer foi há um mês, eu acho. Foi nossa primeira vez juntos, mas por que mamãe?

— Vocês se cuidaram?

— Oh, mãe, é claro que... — Paro de falar ao me lembrar.

Ah não!

— Mãe... Não, não nos cuidamos. — Ela arregala os olhos.

— Aline, o Ben chegou, ele está te... Por que estão com essas caras? — Driana pergunta preocupada.

— Aline! Você pode estar grávida.

— O quê? Aline! — Driana diz assustada.

— Não... Eu não posso estar grávida, não agora, eu... Eu não posso...

Grávida? Eu? Não, não, não, agora não!

— Temos de contar isso ao Benjamin.

— Não, mãe, não quero dizer nada sem ter certeza.

— Fica calma, vamos ao médico e lá podemos saber melhor — sugere Driana.

— Não, se a Aline sair os guardas irão acompanhar, eles podem dizer algo a Ben e lembre que você é a futura esposa de um rei; qualquer coisa que fizer fora do palácio, vai ter uma enxurrada de repórteres te vigiando e eles podem descobrir tudo, sempre conseguem — salienta minha mãe.

— Então o que vamos fazer? — pergunta Driana.

— Driana, vamos sair, eles só vão nos seguir se a Aline for junto; vamos à farmácia comprar testes de gravidez. — Não tenho tempo de falar nada, minha mãe sai puxando Driana e eu fico ali, igual uma tonta sem saber o que fazer.

Eu estou muito fodida.

— Aline? Amor? — Sinto Ben me agarrar por trás, viro-me para encará-lo e ele beija meu rosto.

— Amor... Você não tinha de resolver umas coisas?

— Hoje não, sou todo seu durante hoje e amanhã, pedi para que resolvêssemos tudo depois do evento, assim não fico sobrecarregado. E eu também me sinto mal por estar tão distante durante essas últimas semanas — diz segurando-me pela cintura.

— Ah, que bom, amor. — Ele me olha como se estivesse me avaliando.

— Está tudo bem, querida? Você está pálida, quer ir ao médico?

— Não! — digo tão alto e rápido que ele se assusta. — Quer dizer, não é necessário, vamos aproveitar esse tempo para ficarmos juntos.

— Tem certeza?

— Sim, amor. — Fico na ponta dos pés para beijá-lo e ele sorri.

— Você está linda; esse vestido combina com você e o azul lhe cai bem, assim como seus olhos. — Abro um sorriso espontâneo.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro, Aline.

— Você quer ser pai? — Ele me olha surpreso.

— Por que essa pergunta agora?

— Ah... curiosidade.

— Bom, acho que não. Não me vejo sendo pai e não sei se seria um bom pai. — Meu sorriso murcha na mesma hora.

Não! Ele não quer ser pai... O que vou fazer se estiver mesmo grávida?!



Aline Cooper

Observo os dois pauzinhos cor de rosa no teste de gravidez, indicando o que eu mais temia.

Eu estou grávida!

Meu Deus, o que eu vou fazer? Há algumas horas Ben me disse que não

queria ser pai, que não se via sendo um, e agora? Como vou chegar para ele e dizer que o que não quer se concretizou? Droga! Estava tudo indo tão bem, isso era bom demais para ser verdade. Obviamente ele vai me abandonar, ele não vai querer saber de mim e nem do nosso bebê.

Nosso bebê.

Essas duas palavras eram para soar como algo mágico e incrível. Sempre quis ser mãe, era um dos meus planos quando eu estava com James e depois da morte dele nunca mais pensei nisso e agora... Justamente agora, veio de forma inesperada.

Abro a porta do banheiro para sair e duas mulheres aflitas me encaram completamente apreensivas.

— E então, querida? Qual o resultado? — Minha mãe não esconde sua felicidade.

— Eu vou ser mãe. — Me assusto quando minha mãe vem me abraçar.

— Oh, minha filha, eu estou tão feliz por você. É um pouco cedo porque você ainda não está casada, mas... — Ela para de falar ao olhar para a minha cara nada boa. — Aconteceu algo?

— Quando vocês saíram para comprar o teste, Ben apareceu e eu meio que joguei um verde — murmuro.

— Como assim? — pergunta Driana.

— Perguntei se ele queria ser pai e Ben disse que não, que não se imagina sendo pai... Ele acha que não vai ser um bom pai. — Sinto as lágrimas se formarem em meus olhos.

O que vou fazer?

— Oh, minha filha, não fique assim, talvez ele mude de ideia se você contar para ele.

— Não! Eu não quero contar.

— E como pretende esconder uma gravidez, oh inteligência?

— Eu vou contar, mas não agora, preciso primeiro me acostumar com a ideia de... De que vou ser mãe. — Me jogo na cama completamente desolada.

— Mas, filha...

— Por favor, nenhuma palavra disso com ninguém.

— Aline, você não...

— Me deixem sozinha. — Demora alguns segundos até eu ouvir a porta sendo aberta e logo em seguida sendo fechada.

Aproveito o momento para me jogar nas minhas lágrimas; eu preciso disso, preciso chorar e depois pensar no que eu vou fazer. Escuto algo vibrar e tocar em cima da mesa de cabeceira, estico a mão e vejo que se trata de Benjamin e respiro fundo antes de atender.

— Oi, amor, eu já estou com muita saudade. — Não escuto nada, só ruídos e um aperto muito forte assola meu peito. — Benjamin, está tudo bem? — Novamente escuto ruídos. — Pelo amor de Deus, Ben, você...

— Acho bom falar baixo. — Essa voz não é do Benjamin.

— Quem é você? O que faz com o celular do Benjamin? — Escuto gargalhadas, mas não só uma e sim outras duas.

— Seu Benjamin ficará bem se colaborar, afinal de contas, queremos você, não ele. — Essa voz... Eu já ouvi antes.

— Por favor, não façam nada com ele. — Tento me manter calma, exatamente como meu pai e meus avós me ensinaram para essas situações. Tenho de pensar que a vida de Benjamin corre perigo se eu me exaltar.

Oh, meu Benjamin.

— Tem uma *van* na parte de trás do palácio, há uma passagem secreta no *closet* do quarto dos antigos reis que dá para essa passagem um pouco afastada do palácio. Vá até lá sem que ninguém perceba e deixe o celular no seu quarto, vamos revistá-la quando chegar. Um guarda infiltrado vai te aguardar no final da passagem, não dê um jeito de avisar ninguém, estou te olhando nesse momento. Seja rápida, você só tem alguns minutos. — Antes que eu diga algo, ele desliga.

Observo o celular, tentando assimilar tudo que ouvi. Minhas lágrimas molham o mesmo, fecho os olhos e solto uma respiração pesada. Eu preciso me concentrar, preciso controlar as minhas emoções. A vida de Benjamin corre perigo, ou melhor dizendo, a vida de um rei.

Não tem como eu levar nada, nem uma arma, nada, eles vão me revistar, então tudo que vou precisar é usar o meu cérebro e pôr os anos de treinamento do meu pai e meus avós em prática. Troco de roupa rapidamente, coloco uma calça jeans escura e uma blusa azul, prendo o cabelo em um rabo de cavalo, coloco um tênis e saio às pressas do quarto. Olho para trás antes de abrir a porta do quarto real. Vou até o *closet* e procuro a tal passagem secreta; ao encostar na parede a mesa se afasta, dando a visão de um túnel branco que se ilumina até a saída a poucos metros.

Como eles sabiam disso?

Ando a passos largos até a saída e, ao chegar, um homem negro, alto e careca, me encara e, com a arma apontada para mim, pede para eu levantar os braços. Ele começa a me revistar e quando se dá por satisfeito pega no meu braço.

— Me solta! Posso andar sozinha. — Começo a caminhar na frente em direção à *van* escura e, ao chegar perto, a porta se abre e me surpreendo ao ver de quem se trata. — Você?

Eu mal tenho tempo de assimilar tudo; sinto uma coronhada forte na cabeça, que me faz cair no chão e ficar meio tonta, tudo à minha frente fica embaçado.

— Coloquem-na na *van*. — É a última coisa que escuto antes de apagar completamente.



Benjamin Nikolai

Essa vida de rei simplesmente está sugando todo o meu tempo; mesmo tendo tirado esses últimos dias de folga até o evento, meu celular não para de tocar. Tive de sair do lado da minha Aline do jardim para atender uma ligação importante da Inglaterra e não podia deixar de atender o príncipe, eles virão ao evento e possivelmente ao casamento; na verdade, toda a realeza virá.

Ainda estão chocados com a notícia do meu casamento com Aline Cooper, filha de um dos homens mais importantes do mundo, mas acho que estão mais chocados pelo fato de eu estar me casando. Nunca tinha pensado nisso, na verdade nem em namorar eu pensava, e agora, encarando a foto de Aline no meu celular, percebo que eu só não havia encontrado a pessoa certa.

— Benjamin. — Levanto da minha cadeira no escritório com a entrada de Caleb, avô de Aline.

O pai dela foi junto com a guarda real e o motorista buscar a família no aeroporto da cidade. Seu avô chegou hoje de manhã junto com sua esposa, Sandra.

— Olá, Caleb, espero que esteja gostando de ficar aqui, me desculpe por não ser um bom anfitrião, eu...

— Eu te entendo, você é rei, é seu dever com o seu povo — murmura com as mãos no bolso.

— Amo sua neta e tenho medo de não ser um marido presente devido a essa vida — confesso.

— Aline sabe dos seus deveres e o amor que tem pelo seu povo; acho

que esse foi um dos motivos pelos quais você a conquistou.

— Ela é uma mulher incrível.

— Sim, ela é. — Ele caminha até o sofá e se senta, retira as mãos do bolso e me encara com sua expressão ilegível e intimidadora, mas não me intimida nem um pouco.

— A Aline sofreu muito durante esses últimos anos; James era um homem maravilhoso e ela realmente o amou muito, perdê-lo foi como arrancar um pedaço dela. Por anos tivemos de lidar com uma espécie de depressão e também com a tentativa de suicídio. Vê-la sorrir depois de anos, para mim, é como ganhar na loteria. Ela, Theodore, Christian, Bryan e Tânia são meus netos e as pessoas mais importantes da minha vida, então só te peço uma coisa, meu jovem, não a decepcione porque isso vai me afetar e me deixar zangado e tenho certeza que você não vai querer me ver zangado e muito menos ao pai dela. — Abro um sorriso sarcástico.

— Não vou fazê-la feliz por causa da sua ameaça e sim porque a amo.
— Ele sorri.

— Gostei mesmo de você.

— Majestade! — Um dos guardas entra correndo dentro do escritório, fazendo Caleb e eu nos assustarmos.

— O que houve? Por que está gritando?

— Seu primo Raymond está ferido! — Corro na mesma hora, seguindo o guarda e Caleb vem logo atrás.

Entro na sala de visitas e vejo Raymond deitado no sofá com a perna sangrando, enrolada em um pano. Driana, Christa, Sandra e Angel entram na sala e ficam apavoradas.

— Meu filho! — Minha tia entra em desespero.

— Encontramos ele se arrastando pelo jardim, ele levou um tiro de raspão, então não tem bala, já estancamos o sangramento — murmurou Christian.

— Vou chamar um médico! — Driana pega o celular.

— Tia, dê o número do médico particular e diga para que ele não

comente isso com ninguém, não queremos alardes. — Caminho até ele, que está com uma cara terrível de dor.

— Ei, cara. O que aconteceu com você?

— Eu tentei impedir. — Posso ver as lágrimas se formarem em seus olhos.

— Impedir? Impedir o quê?

— Ela e o bebê correm perigo! — Ele tenta se levantar, mas para ao sentir dor.

— Do que você está falando, Raymond? — pergunta Caleb.

— Aline! — Vejo Angel levar as mãos à boca. Em um estalo, eu já estou correndo para os quartos da ala real com Christian, Caleb e Theodore logo atrás.

— Amor? Aline? — A chamo, mas sem obter resposta.

Droga, não, isso não, por favor, tivemos tanto cuidado!

— Theodore, vá até um dos guardas e peça para eles puxarem todas as câmeras de segurança da ala real e dos arredores do palácio. — Ele sai correndo do quarto.

— Benjamin. — Christian murmura, me estendendo algo que pegou em cima da cama, ao pegar vejo que se trata de um teste de gravidez.

— O que isso quer dizer? Não entendo essas coisas — digo já desesperado.

— Ela está grávida.



Benjamin Nikolai

Sinto o impacto do punho de Alex se chocar com o meu rosto, fazendo-me cambalear para trás. O sangue escorre pela minha boca, seus filhos o

seguram para contê-lo e seu irmão, o tal Liam, entra na frente. Os dois guardas na sala estavam prontos para atacar e com um sinal os fiz ficar em seus lugares.

— Você perdeu o juízo? Por que bateu nele, seu bastardo?!— Liam diz alto.

— Ele me prometeu! Disse que minha filha ficaria a salvo aqui, antes eu a tivesse levado para casa. — Tenta se soltar de seus filhos.

— Meu sobrinho fez o máximo que pode, e meu filho também. — Minha tia diz perto de Raymond.

— Ele é ausente, quase não fica perto dela, como iria protegê-la assim?

— Alex, Benjamin é um rei, ele tem deveres! Não diga besteiras e pare de agir como um homem das cavernas; vamos focar em encontrar a nossa filha! — Alex para de tentar me socar e quando se acalma, seus filhos saem de perto e ele vai até a esposa, que se debruça em lágrimas em seus ombros.

— Raymond, por favor, conte tudo que viu. — Peço fazendo o possível para manter a calma enquanto minha tia se aproxima para fazer um curativo em mim.

— Eu subi para a ala real para te procurar, e como a porta do seu quarto estava aberta eu entrei, não vi você e nem a Aline, mas achei o teste de gravidez dela em cima da cama. Saí do quarto e vi que a porta do final do corredor estava aberta.

— O quarto do Eduardo e da Íris? Mas aquela porta está fechada desde a morte do rei.

— Eu também estranhei, por isso entrei e vi o *closet* aberto, logo lembrei da passagem secreta que dá para os fundos do palácio e a mesma estava aberta. Andei pelos túneis e de longe vi uma *van* escura se abrir e Aline logo em seguida levar uma coronhada na cabeça e cair no chão. No momento em que um dos caras a pegou no colo para pôr na *van*, eu corri para tentar salvá-la; gritei, mas um deles me deu um tiro na coxa, de raspão, e eu caí. Um dos homens estava com o uniforme da guarda real.

— Eu cuido disso. Theodore, Bryan, vamos torturar alguns guardas. — Vejo ambos caminharem para fora da sala de visitas, seguindo Christian.

Bryan é filho de Liam.

— Angel, venha, vamos tomar algo para você se acalmar, por favor. — Diana, esposa de Liam, tenta puxá-la dos braços de Alex.

— Não, eu só quero a minha filha. — E chora novamente.

— Por favor, Angel, escute Diana, você tem de ser forte, pela Aline. — Agora Sandra, esposa de Caleb, murmura.

— Vá com elas, querida, vamos conversar e prometo só sair dessa sala quando descobrir para onde levaram nossa menina.— Ele beija seus lábios e ela sai da sala e junto com Sandra, Diana, Driana, Royce, a esposa de John, pai da Angel, Melissa, prima da Angel, esposa de Owen, Brenda, filha de Owen e Tânia, filha de Liam e Diana.

— Não vou sair de perto do meu filho, então nem me olhem desse jeito. — Minha tia já deixa claro.

— Tudo bem. Theodore pediu para checarem as câmeras de segurança do local, realmente tinha uma *van* nos fundos do palácio. A placa é raspada então não dá para saber de quem é ou era, nós pegamos a foto de um dos homens que Raymond disse não reconhecer e pedi para que imprimissem. — Faço sinal para que um dos guardas se aproximem.

— Como podemos confiar nesses guardas? Um deles era um infiltrado... — pergunta Gustavo, filho de Melissa e Owen.

— Dukan e Peter são da guarda real há anos, eles são da minha guarda pessoal, são como da minha família, então realmente nesses dois vocês podem confiar. — Mostro a foto para ambos e eles arregalam os olhos.

— Filho da...

— Eu não acredito!

— Vocês o conhecem? — pergunto.

— Alex, esse não é o pai da Driana? — John indaga incrédulo.

— Esse filho da puta abraçou a minha filha antes dela vir para Genovia!

— A esposa dele é que odeia a Aline, eu não esperava isso dele, nunca levantou nenhuma suspeita — murmura Liam, surpreso.

— Já procuraram saber da esposa dele, se está em Nova York? — pergunta Caleb.

— Sim, mantive homens a vigiando desde a ameaça de morte, eles estavam se separando e ele foi embora de casa assim que Driana veio para Genovia com Aline, ela nem sabe desse detalhe. — Alex murmura com raiva.

— Isso vai ser um golpe terrível para ela — murmura Raymond e minha tia concorda.

— O foco é: por que ele fez isso? — pergunto.

— Acho que ele soube mascarar bem a raiva que sentia da Aline. James entrou na frente para que ela não morresse, ele deve culpá-la também, assim como a esposa. Eu posso imaginar como deve ter sido duro para eles perder seu filho de forma tão brutal, mas culpar a minha filha já é demais — diz Alex.

— Ok, Dukan, Peter, vão o mais rápido ao aeroporto e levem homens de confiança, liguem para o aeroporto antes e peça para cancelarem todos os voos, fechem tudo, ninguém entra ou sai do país, nem de avião, barco ou qualquer meio de transporte. — Eles saem correndo da sala. — Eu tive uma ideia. — Eles me olham surpresos. — O que foi?

— Você não está parecendo nada com um rei agora, nem precisamos dizer nada e já está tomando as rédeas da situação, sabendo o que fazer... — disse Caleb surpreso.

— Não faz mais que a obrigação dele.— Liam dá uma cotovelada em Alex.

— Que ideia você teve? — pergunta Owen.

— Podemos anunciar o desaparecimento de Aline na mídia.

— Isso seria loucura, poderia ser arriscado demais para ela. — Liam questiona.

— Ela é futura rainha de um país e o que mais essas pessoas querem é ver um reinado completo. Meus súditos são leais e tenho certeza que podemos fazer isso para encurralar o inimigo, ele ficaria nervoso e daria um passo em falso, mas antes disso, vou pedir para Alex acionar o localizador. — Todos olham para Alex, que esconde o celular na mesma hora.

— Colocou um localizador na sua filha? — pergunta minha tia, incrédula.

— Ela estava sob ameaça de morte, nada mais justo. O prendedor de cabelo dela tem um *microchip* localizador que mandei fazer, a mãe dela tem um também.

— Todas as mulheres da família têm. Pode parecer doentio, mas é eficaz, vivemos em um mundo onde tudo é possível e o nosso histórico meio que nos obriga a isso; elas são importantes para nós — explica Caleb a minha tia.

— Mas nós também temos, só não podemos dizer onde — complementa Owen.

— Vocês são estranhos e loucos. — Raymond murmura com a mesma expressão de espanto da mãe.

— Achei! Ela está em uma parte afastada da cidade. — Alex diz.

— Ótimo, assim que sairmos do palácio, espalhem a notícia. Todos vão ficar alvoroçados e fazer a segurança, caso tiver uma, focar somente na Aline, isso vai nos dar passe livre para agirmos e encurralá-lo.

— Benjamin, você não vai a lugar algum, devem chamar a polícia.

— Tia, a polícia pode piorar a situação e, pelo que Aline me contou dessa família... — Olho brevemente para todos. — Eles sabem bem o que fazer.

— Eita, já gostei dele, mano! — exclama Liam, dando leves tapas no ombro de Alex, que olha para ele de cara feia.

— Tem armas em um ala especial do palácio, onde só eu tenho acesso, vamos nos equipar lá.

— Armas? Benjamin, meu querido, você...

— Está na hora de colocar em prática minhas aulas de tiro e de defesa pessoal. — Raymond balança a cabeça concordando.

— E se com isso da mídia espalhar só apressá-lo a fazer o que realmente quer? — Gustavo pergunta preocupado.

— Se ele quisesse fazer isso, teria feito quando entrou no quarto. Ele

quer provar que é mais esperto que a gente e não vai matá-la agora..., mas temos de ir rápido, ele pode a estar torturando ou algo do tipo.

Se ele fizer isso, vai sofrer na minha mão.

— Alex, você subestima muito a minha neta, ela deve estar dando muito trabalho a eles. — Caleb diz e John ri.

— Como assim, ela pode estar dando trabalho para eles? — questiona minha tia, assustada.

Liam abre um sorriso sarcástico igual ao de John e Caleb.

Minha tia tem razão, essa família só tem estranhos e loucos, e eu adorei.

— Tem de ter cuidado, ela está grávida. — Lembra Raymond.

Eu vou ser pai! São tantos acontecimentos que ainda não parei para pensar nisso. Eu vou ser pai de um filho da Aline. Eu ainda estou chocado com essa ideia e diria assustado também. Benjamin Eduardo Nikolai III, você se supera a cada dia.



Aline Cooper

Dou uma cabeçada em um dos homens que vem na minha direção para me segurar, ele cambaleia para trás com o nariz sangrando. Logo sinto o outro tentar me segurar por trás, outro vem na minha direção e quando ele

está perto o suficiente, tomo impulso no corpo dele, dando um chute no seu rosto; o homem que me segurava me solta e aproveito para dar um mata-leão, ele cai, batendo a mão no chão em um ato de desespero.

— Já chega! — Kendrick grita ao entrar no galpão, que obviamente deve ser no meio do nada.

Depois de levar a coronhada, acordei nesse lugar estranho. Três homens estavam tentando me amarrar, mas eu impedi batendo nos três; os treinamentos que me deram foram bons.

Eles armaram uma boa cilada para mim, copiaram o número de Benjamin para que eu acreditasse e eu caí feito uma boba, meu pai ficaria chateado com isso.

— Bando de imprestáveis, podiam ter usado as armas. — Os homens colocam as mãos no cós da calça, mas não acham as armas, eu aponto para o canto e duas delas estão lá e logo saco a terceira.

— Eu já imaginava que você ia dar trabalho — debocha.

— Seus homens são bem fraquinhos, mas, mudando de assunto, já que Benjamin não está aqui, posso te dar uma bala no meio da cabeça, o que acha? — Ele ri.

— Você se acha esperta por ser uma Cooper, mas não é. Se fizer qualquer coisa, uma bomba foi instalada nos arredores do palácio e em casas próximas, é só eu apertar esse botão aqui. — Mostra um aparelho que parece celular e aponta para a parte preta. — Bum! Vários corpos vão voar.

Merda!

— Isso é mentira!

— Quer tentar a sorte? — Sorri sarcasticamente.

Jogo a arma no chão e levanto as mãos para o alto, os três homens vem na minha direção, receosos, me sentam na cadeira e me amarram. Kendrick se aproxima com sua arma apontada para mim.

— Você já deve imaginar o porquê estou fazendo isso, não é?

— Kendrick, eu jamais queria que tivesse sido assim, eu amava muito seu filho. — Ele ri.

— Tanto amava que vai casar com outro.

— Eu fiquei quatro anos em luto, entrei em depressão, tentei o suicídio; eu me culpo até hoje por tudo que aconteceu, mas ficar remoendo isso não o trará de volta. — Sinto o impacto da sua mão se chocar com o meu rosto.

— Meu filho tinha um futuro brilhante! Era para seguir os meus passos no FBI ou os da mãe dele como policial, meu casamento foi destruído, a relação da minha filha com a mãe dela acabou por sua culpa e da sua família.

— O que minha família tem a ver com isso?

— Ah, acho que esconderam isso de você muito bem. — Olho completamente confusa.

— Do que você está falando?

— Era para *você* ter morrido naquela porra de assalto falso.

O quê?

— Assalto falso?

— Sua família fez diversos inimigos com o decorrer desses anos, pessoas perigosas, e uma delas queria atingir seu avô e seu pai. Como você era o xodó dessa família maldita, eles focaram tudo em você e aproveitaram aquela noite para te pegar, mas era para você estar sozinha. — Balanço a cabeça, não acreditando.

Não, isso não pode ser verdade.

— Por anos andei investigando tudo e cheguei aos mandantes do crime. Dei um jeito em todos, um a um, por terem tirado a vida do meu filho e agora só falta você.

Começo a chorar compulsivamente, sem acreditar no que eu acabara de ouvir.

— Meu filho sabia dessa ameaça e uma vez comentou comigo. Seu pai pediu para ele te proteger, a qualquer custo. Ele, além de namorado, virou uma espécie de guarda-costas. Seu pai sabia o que podia acontecer e tinha certeza que meu filho jamais iria deixar que fizessem mal a você. Ele se aproveitou do amor dele por você para pedir isso. — Papai, não!

— Meu pai... Ele não... Ele...

— Sua família é amaldiçoada! Por culpa de todos vocês a minha se desfez e agora vou completar a minha vingança. Eles vão sofrer, assim como eu estou sofrendo. — Disparos são ouvidos no lado de fora, mas eu simplesmente não estou me importando com isso.

Minha família... Eles sabiam que eu podia morrer e sacrificaram James, eles já sabiam o que ia acontecer... Meu Deus, eu não posso acreditar.

Meu James, me perdoe. Eles se aproveitaram de você.

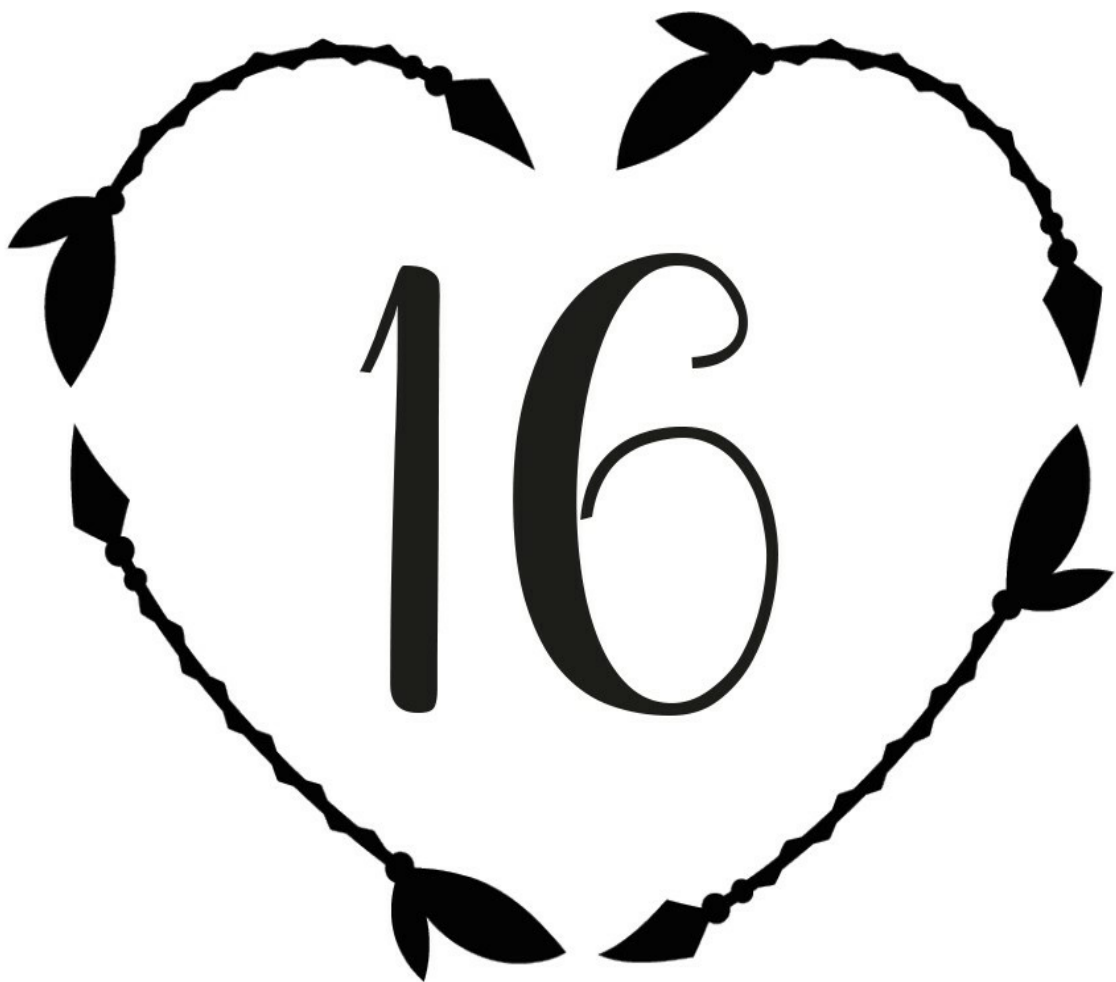
— Eles estão aqui. Vão lá fora. — Kendrick ordena. — Você vai sofrer antes de morrer. — Logo em seguida sinto um soco forte no meu rosto, fazendo-me cair no chão ainda amarrada.

Ele atinge minha barriga com um chute e tento fazer o possível para protegê-la.

Meu bebê! Ele pode matar meu bebê.

— Maldita mulher! — Ele pragueja a cada golpe e eu faço o possível para suportar aquilo.

Eu só não posso deixar que nada aconteça com o meu bebê.



Benjamin Nikolai

— A *van* não está aqui, deve estar dentro do galpão — afirmo.

Observo atentamente o momento em que Alex derruba um dos homens

que estava em frente ao galpão com um tiro de longa distância com silenciador, bem na testa; o outro homem que estava com ele saca a arma na mesma hora em que vê seu parceiro cair no chão e começa a apontar para todos os lados; sem saber de onde veio o tiro, começa a atirar a esmo, Liam entra em ação e dá um tiro na mão dele. Quando ele cai no chão, gemendo de dor, nos aproximamos.

Eu, Alex e Liam na frente, Christian, Theodore e Bryan nos dando cobertura e Caleb, John, Owen e Gustavo fazendo a varredura em volta do galpão para ver se há mais homens. Ao entrarmos no mesmo, três homens nos recebem a tiros e nos protegemos como dá; Alex e eu atrás de uma parede, Liam atrás de uma mesa velha virada. Atiro em um, que é atingido na perna. Outro lhe dá cobertura enquanto puxava o atingido para trás da *van*, onde se refugiam.

— Ela deve estar no andar de cima, naquela porta, é a única existente — murmura Alex apontando para o alto, onde há uma porta de ferro.

Escuto um grito de mulher; por impulso, Alex e eu saímos de trás da parede desesperados, o grito era de Aline.

— Não façam merda! — grita Liam tentando nos dar cobertura. Logo entram Christian, Theodore e Bryan, atirando nos outros dois homens.

Alex e eu aproveitamos a cobertura para correr na direção da escada, mas paramos ao ouvir um tiro vindo de lá. Logo a porta de ferro é aberta e Aline aparece no topo da escada com uma arma na mão e completamente machucada. Sinto um alívio enorme ao vê-la e um sorriso bobo se abre em meu rosto. Os três homens que estavam atirando foram contidos e, com certeza, Aline deu um jeito no tal Kendrick. Ela me encara com seus olhos azuis enormes, Alex começa a subir as escadas para ajudar a filha, mas paralisa quando outro disparo é ouvido.

O sorriso no rosto de Aline some, ela cai debruçada no corrimão da escada, logo em seguida escorrega e cai com força em cima da *van*, a amassando com o impacto.

— Aline! — Corro para tirá-la de lá; ela está desacordada e suas costas banhadas em sangue. A puxo de cima da *van* com cuidado e a coloco no meu colo para levá-la dali urgentemente.

Incontáveis disparos são ouvidos, Alex estava descarregando sua arma em cima de Kendrick.

— Um carro, rápido, ela precisa ir para um hospital! — Olho para ela, desacordada, com a pele bem pálida e o rosto machucado.

— Minha rainha, por favor, não me deixe.



Aline Cooper

ALGUNS MINUTOS ANTES

Novamente sou atingida, agora com um chute no rosto e não pude evitar de soltar um grito bem alto, não queria, para não dar esse gostinho a ele. Kendrick aponta a arma para mim quando a voz do meu tio Liam é ouvida.

— Bom, não vou poder te torturar mais, então é melhor acabar de uma vez com isso. — Sinto as cordas frouxas, aproveito o momento para dar uma rasteira nele, o fazendo largar a arma; junto toda a minha força e me levanto do chão com rapidez, me jogo perto da arma dele, que havia caído e, ainda deitada, me viro para dar um tiro, ele cai para trás e um alívio bem grande me toma.

— Deu tudo certo, meu amor — murmuro para a minha barriga.

Novamente levanto do chão e abro a porta de ferro.

Sinto uma alegria gigantesca quando vejo Benjamin. Ele abre um sorriso lindo ao me ver, olho brevemente para meu pai, que está subindo as escadas. Depois disso tudo, preciso ter uma conversa bem séria com ele. Se realmente for verdade o que Kendrick falou, eu vou ficar extremamente magoada com ele. Sei que Kendrick não deveria ter feito tudo isso, mas ele também não deveria ter feito o que fez; colocar a vida de James em risco para me proteger da merda que os próprios Coopers procuraram.

Escuto um disparo, uma ardência nas costas seguida de algo molhado. Me sinto fraca, olho para Benjamin, que está com os olhos arregalados; na verdade todos ali estão e por alguns segundos fico confusa, mas logo entendo, quando caio debruçada automaticamente em cima do corrimão e a única coisa que lembro antes de apagar é do impacto do meu corpo se chocando com a *van*.



Benjamin Nikolai

Duas horas, esse é o tempo em que Aline está naquela mesa de cirurgia. Foi preciso que seus irmãos doassem sangue, o tiro pegou nas suas costas e a bala ficou alojada. Tenho medo de ter alguma sequela devido ao local onde ela levou o tiro.

Todos estão no hospital geral de Genovia. A imprensa em peso está lá

fora, louca para um furo, todos querem saber o motivo do sequestro da futura rainha. Foi preciso reservar uma ala em um dos andares do hospital para nós, porque, além do grande assédio dos repórteres, também éramos muitos e ninguém queria ir embora, os únicos que não vieram foram Raymond, minha tia, que ficou para cuidar dele, e Driana. Tiveram de contar tudo a ela e a coitada se trancou no quarto e não quer falar com ninguém; Driana deve estar muito mal com essa situação toda.

Angel está em completo silêncio, com a cabeça encostada no ombro do seu marido, John, Royce, Owen, Brenda, Tânia e Melissa estão bem quietos em um canto da sala, Bryan e Gustavo foram fazer companhia aos meninos que doaram sangue, Caleb está conversando com Sandra, que parece bem abalada.

— Como você está? — Me assusto quando Diana e Liam se sentam do meu lado.

— Péssimo — murmuro, sinto a mão de Diana em meu ombro esquerdo e a de Liam no direito.

— Isso me faz lembrar quando a Angel foi hospitalizada. Foi uma coisa muito grande para todos, pensávamos que ela ia morrer, mas ela era forte demais e não podia deixar seus filhos. Aline tem a mesma garra da mãe e agora tem um motivo a mais para lutar. — Se refere ao bebê; levo as mãos ao rosto, tentando conter as lágrimas.

— Ela não pode me deixar, eu não permito isso — sussurro.

— Majestade. — Um médico entra na sala e todos o olham apreensivos; Alex, Angel e eu nos aproximamos dele.

— Então, doutor, como está nossa filha? E nossos filhos? A doação foi válida?

— Angel, fique calma, amor, e deixe o médico responder. — Alex abraça sua mulher.

— A doação foi perfeita, o sangue repostado e seus dois filhos estão no quarto, eles doaram muito sangue, o que os faz ficar fracos; achei melhor deixá-los em um quarto em repouso para recuperarem as energias.

— Por que especificou que só meus dois filhos estão bem? O que

aconteceu com a minha filha? — Agora Alex pergunta, extremamente preocupado.

— A paciente chegou em estado muito grave no hospital, conseguimos retirar a bala e felizmente ela não atingiu nenhum local que possa prejudicá-la fisicamente. Ela sofreu fraturas no corpo devido ao espancamento e à queda, fora que ela bateu a cabeça e a barriga bem forte na *van*. Tem um coágulo que se formou na cabeça dela, conseguimos tirar, mas ela entrou em coma e não sabemos quando irá acordar ou se esse coágulo deixou alguma sequela. Só vamos saber quando ela acordar. — Todos ficam apreensivos.

— Ela corre risco de morrer? — pergunto.

— Fizemos tudo que podíamos, agora só depende dela mesma para sair dessa. Um paciente em coma não é bom, pois em alguns casos ele não aguenta e morre ou entra em estado vegetativo com o tempo, por isso que as primeiras setenta e duas horas são cruciais para vermos como ela reage a tudo, e ainda tem o bebê.

— O que houve com meu filho?

— Ele está bem, mas depende da mãe para sobreviver; se ela não acordar, pode perdê-lo. — Solto uma respiração pesada.

— Podemos vê-la? — Angel pergunta.

— Desculpem, mas no momento não. Majestade, é crucial que a paciente fique em repouso, ela acabou de sair de uma cirurgia e um entra e sai de pessoas agora não é uma boa opção por conta das bactérias. Nesse estado ela fica exposta e não queremos que isso aconteça. — Balanço a cabeça, concordando.

— Preparem um quarto aqui mesmo para mim. — Todos me olham surpresos.

— Majestade... Eu...

— Eu sou o rei e estou mandando me arrumar um quarto e o mais próximo que puder de onde ela está. Não vou sair daqui até que ela acorde.

— Eu também quero ficar com a minha filha.

— Angel, você pode ir para casa, na verdade todos podem ir para casa, eu fico aqui e não saio até ela acordar.

— Não quero sair de perto dela. — Ela chora.

— Amor, Benjamin vai ficar aqui e cuidar dela e você precisa comer algo. Precisamos conversar com Driana, mandei um jatinho buscar a mãe dela em Nova York; ela também ficou chocada com tudo que o pai fez e Driana também vai precisar muito de nós. — Ela fecha os olhos e solta uma respiração pesada.

— Por favor, Ben, qualquer coisa, avise. — Ela me dá um abraço, em seguida Alex me dá um aperto de mão e, junto com sua esposa, saem da sala de visitas. Todos os seguem, dando breves acenos de despedida.

— Vou pedir para prepararem seu quarto, Majestade. — O médico se vira para sair, mas o impeço e ele me olha assustado.

— Quero vê-la e não aceito questionamentos, me diga onde ela está e enquanto vou vê-la preparem o quarto para mim, de preferência algum que tenha um banheiro, preciso de um banho. — Ele pondera várias vezes.

— Está no último andar, no CTI. Por favor, use as roupas adequadas para entrar, use luvas, máscara e touca. — Saio andando, o deixando falando sozinho, tomo o elevador e aperto o último andar.

Deus, por favor, que minha pequena sobreviva, que nada de ruim aconteça a ela ou ao meu filho.

Uau, um filho. Eu vou ser pai de um filho de Aline Cooper, quem diria. Acho que foi por isso que ela me perguntou aquilo antes. Merda! E eu disse que não queria ser pai, ela deve ter ficado tão mal com a minha resposta...

Ao chegar no andar, praticamente corro para a porta no final do corredor. Antes de entrar coloco todo o aparato e logo em seguida abro a porta; a primeira coisa que me vem à cabeça é chorar.

Aline está ligada a vários aparelhos, com um tubo na boca, uma touca, curativos no rosto, na boca, com aquela roupa azul coberta por um lençol também azul. Sua pele está bem pálida, me aproximo mais dela, e mesmo com a luva, posso sentir sua pele um pouco gelada, afasto a máscara para baixo do meu queixo, me aproximo do seu rosto e dou um beijo na sua testa, logo depois ponho a máscara novamente, puxo uma cadeira para perto da cama e fico ali, segurando a sua mão e olhando para ela, enquanto um choro estridente reverbera em meu peito e minha garganta sem que eu consiga

conter.

— Por favor, meu amor, não me deixe... Eu preciso tanto de você, eu te amo — sussurro entre lágrimas.

Por favor, Deus, salve a minha mulher e meu filho, amém.



Benjamin Nikolai

DOIS DIAS DEPOIS

Levo as mãos ao rosto, secando as minhas incontáveis lágrimas, fecho os olhos e os abro novamente, na esperança de isso ser só um pesadelo, mas constato que não. Estou no quarto do hospital, sentado na cama logo depois de um banho. Enrolo as mangas da minha camisa branca e passo a mão no

cabelo, na esperança de dar algum jeito nele, deve estar uma bagunça. Para falar a verdade, eu estou uma bagunça e devo estar com uma aparência péssima.

Não quero que ela me veja assim quando acordar, penso.

— Benjamin. — Levanto a cabeça e vejo Driana encostada na porta; fico surpreso, pois ela não queria vir aqui, estava muito abalada com tudo.

— Como você está? — Ela abre um sorriso fraco e se aproxima, vejo nitidamente como seu rosto está inchado; deve ter chorado muito nesses últimos dois dias.

— Se eu disser que estou bem, vou estar mentindo, ainda não consegui assimilar tudo. — Responde com tristeza ao se sentar do meu lado.

— Eu imagino como você deve estar se sentindo — murmuro.

— Minha mãe me convenceu a vir. Assim como eu, ela está bem chocada com tudo isso, jamais iríamos imaginar que meu pai fosse capaz de uma coisa dessas... Ele tratava Aline como uma filha, mesmo depois da morte de James.

— Driana, eu sinto muito de verdade. — Ela leva as mãos ao rosto e começa a chorar, eu a puxo para abraçá-la.

— Eu sinto que vou enlouquecer! Meu pai é um sequestrador, minha amiga foi espancada e está em coma com risco de morte e podendo perder o bebê por culpa dele e, ainda de quebra, ele está morto. Meu paizinho, que tanto vi como um herói, está morto — diz entre o choro e me dói vê-la assim.

— Sei que o que ele fez foi horrível, mas sempre foi um bom pai para você, não acho que deve odiá-lo.

— Mesmo se eu quisesse não consigo, e isso me faz me sentir péssima.

— Driana, Aline diria a mesma coisa que eu, se pudesse. — Ela fica quieta por alguns segundos e logo em seguida balança a cabeça concordando.

— Eu vou embora — diz de repente.

— Embora? Vai voltar para a casa da sua mãe?

— Não, vou embora para bem longe.

— Driana eu...

— Preciso ficar fora por um tempo, preciso ficar sozinha. — Abro a boca para falar, mas me calo sabendo que seria inútil. — Espero que Aline entenda.

— Eu tenho uma casa em Las Vegas, fica afastada de tudo, eu raramente vou lá. Pode ficar lá se quiser, use meu jatinho particular para ir; se precisar de dinheiro ou algo do tipo, eu ajudo. — Seu olhar é de extrema confusão.

— Por que está fazendo isso?

— Porque vejo em você uma irmã mais nova e me sinto no dever de te ajudar. Gosto de você, Driana, e sei o quanto é especial para Aline. Por favor, aceite a minha ajuda. — Ela abre um sorriso em meio às lágrimas.

— Obrigada Ben, muito obrigada. — E me envolve em um abraço. — Promete não contar a ninguém onde estou, nem mesmo à Aline?

— Prometo, vou ligar para o piloto e pedir para ele aprontar o avião; assim que quiser, pode ir.



Aline Cooper

Abro meus olhos bem devagar até que eu consiga me acostumar com a luz forte do ambiente. Sinto todo meu corpo doer, inclusive a cabeça. Só em virar o rosto sinto uma dor absurda. Tento me mexer, mas é como se algo

estivesse me prendendo. Também sinto algo me pressionando, do peito até a cintura, deve ser algo enrolado em volta do meu corpo. Ao tentar mexer a boca sinto algo nela, abaixo um pouco o olhar, percebo que estou entubada e arregalo os meus olhos na mesma hora. Tento me mexer e paro ao ouvir o barulho de vários aparelhos em volta, observo bem e percebo que há muitos deles ligados a mim.

O que aconteceu comigo?

Rapidamente começo a me recordar de tudo, das coisas que Kendrick fez, falou e... Deus! James morreu por causa do meu pai, ele o sacrificou no meu lugar! Preciso falar com ele, Alex Cooper passou dos limites.

Viro meu rosto para a porta e vejo Driana paralisada, me olhando, começo a ficar confusa pela reação dela. Tento falar, mas a minha voz não sai, ela se aproxima rapidamente e posso ver lágrimas em seu rosto.

— Aline — sussurra meu nome.

— Senhora, não pode entrar aqui sem a roupa adequada. — Uma enfermeira fala ao entrar no quarto.

— Eu ia fazer isso, mas quando olhei, ela estava acordada. — A enfermeira rapidamente me olha, surpresa, e logo em seguida corre para fora do quarto. — Deus! Eu estou tão feliz de te ver acordada. — Driana pega na minha mão.

— Dri... — Não consigo terminar ao menos uma palavra e ainda saiu bem baixo, minha boca e minha garganta estão muito secas.

— Não precisa falar nada. Você está fraca, acordou depois de quase três dias. — Arregalo os meus olhos.

Quase três dias? Eu estou tão mal assim? Deus! E o meu bebê?

Tento o máximo que posso levar uma de minhas mãos à minha barriga e falar, mas tudo está sendo difícil de fazer. Driana pega na minha mão e diz:

— O bebê está bem e, agora que você acordou, ele não corre risco de morrer. Os médicos tinham medo de você demorar a acordar e o bebê não resistir. — Solto uma respiração de alívio e ela sorri.

— Filha! — Ouço a voz da minha mãe e logo em seguida o quarto é tomado por todos. Oh, meu Deus! Meus tios, primos, todos estão aqui.

— Aline. — Escuto a voz que faz meu coração disparar, um arrepio extremo passa pelo meu corpo ao vê-lo se aproximar. Sem conseguir me conter, começo a chorar; ele leva uma de suas mãos até meu rosto e seca as minhas lágrimas. — Eu estou aqui, meu amor. — Até para sorrir é difícil.

— Querida. — Meu pai se aproxima, ao olhar para ele sinto uma extrema vontade de agredi-lo, de gritar pedindo para que se afaste. Começo a me mexer o máximo que eu consigo, a tentar falar, mas só coisas desconexas saem da minha boca.

— Vo... câ... sai... sai... pa... i. — Os aparelhos começam a apitar mais alto e mais rápido, mais médicos entram no quarto, meu pai me olha extremamente confuso e eu começo a chorar sem parar, um choro de soluçar.

— Meu amor, fique calma, você não pode ficar nervosa, isso não faz bem para o nosso filho e você acabou de acordar de um coma. — Ignoro tudo que Benjamin diz e por fim consigo dizer.

— James morreu por sua culpa. — Sai baixo, mas sai. Vejo todos olharem completamente surpresos para meu pai, incluindo minha mãe.

Vejo Driana olhar para meu pai com os olhos arregalados. Ela se aproxima dele, mas minha mãe se apressa em perguntar.

— O que está dizendo? Alex, por que ela disse isso? — Posso sentir a dor na voz da minha mãe.

— O que a morte do meu irmão tem a ver com você?

— Não é exatamente assim, ele morreu para proteger Aline. — Ele tenta se explicar, mas tiro forças do além e começo a falar.

— Você pediu para ele me proteger a qualquer custo porque sabia que eu era o alvo para atingir você e o vovô. Ele era como meu guarda-costas e você se aproveitou do fato dele me amar para pedir algo assim. Kendrick me contou tudo, tentou me matar para te fazer sofrer o que ele está sofrendo. O assalto era falso, foi armado só para me pegarem, era para eu ter morrido, independentemente de qualquer coisa; James sabia disso e por isso entrou na frente daquelas balas. — Minha avó olha abismada para meu pai.

— Alex... Meu filho... Por que fez isso? — Sua voz sai chorosa.

— Ele daria a vida por ela, se eu pedisse ou não. E eu não poderia deixar

que minha filha morresse. — Um estalo é ouvido quando a mão da minha mãe se choca com o rosto dele.

— Você salvou a vida dela e deu outra para eles. A família de Driana se desfez depois disso tudo. Alex, você tem ideia da merda que você fez?! — A voz dela sai alta. Ninguém se mete e vejo Theodore consolando Driana, que chora compulsivamente.

— Era ele ou ela. Eu não queria que fosse assim, eu o adorava. — Posso ver as incontáveis lágrimas no rosto do meu pai.

— Alex, acho melhor irmos — diz meu tio Liam.

— Eu tenho que me ex...

— Não tem o que explicar, por favor, vamos. Aline não pode se alterar. — Meu avô diz.

— Me perdoa, meu amor, fiz isso em um ato de desespero — pede antes de sair.

— Não é a mim que você precisa pedir perdão. — Ele automaticamente olha para Driana, que se vira e sai do quarto sem falar ou olhar para ninguém, Theodore vai atrás dela.

— Querida, quer alguma coisa? — Pergunta minha mãe, secando as lágrimas; a maioria saiu, ficaram apenas minha avó, minha mãe, minha tia Diana, Christa e meu Benjamin.

— Eu só preciso... Ficar sozinha — murmuro.

— Tudo bem, vamos estar lá fora. — Dona Angel se aproxima e dá um breve beijo na minha testa, é o momento que sinto que estou com uma faixa na cabeça e curativos no rosto.

Quando todos saem, Benjamim puxa uma cadeira e se senta bem perto de mim.

— Antes que eu saia, por favor, me escute; eu entendo como deve estar se sentindo, mas peço que não fique com raiva do seu pai, ele fez isso em um ato de desespero.

— Eu não consigo sentir raiva dele, mas há uma mágoa tão grande aqui no meu peito... Ele me decepcionou. — Ben pega uma de minhas mãos e leva

à boca, dando um breve beijo.

— Só não se altere, lembre-se que está grávida e precisa se recuperar. —
Solto uma respiração pesada.

— Pensei que me deixaria se soubesse da gravidez. — Ele ri.

— Que espécie de pai, futuro marido e homem eu seria se fizesse isso?

— Mas você me disse que...

— Aline, esqueça o que eu disse. O que importa é que vamos ser pais e amar muito essa criança. Ela é fruto do nosso amor.

— Eu te amo tanto...

— Eu também te amo, pequena.



Aline Cooper

DOIS DIAS DEPOIS

A minha recuperação tem ido bem, mas ainda assim, é necessário que eu fique ao menos uma semana aqui e, quando for para casa, permanecer em repouso absoluto. Benjamin não queria sair de perto de mim um segundo sequer, mas como já estou acordada, ele teve de voltar aos seus deveres de rei da Genovia. A notícia do que aconteceu comigo liderou o topo de noticiários do mundo. Christian foi o encarregado de transmitir a notícia e, de alguma forma, sem muitos detalhes e omitindo algumas coisas, ele explicou tudo.

A notícia da minha gravidez também foi algo que dominou os noticiários; o país inteiro ficou muito feliz em saber que não só a futura rainha está bem, mas como também, em breve, a coroa terá um novo herdeiro, ou herdeira.

A festa para a minha apresentação como noiva de Benjamin e futura rainha foi adiada para depois que eu estiver totalmente recuperada. E o casamento, marcado para dois meses após o nascimento do bebê.

— Posso entrar? — Christian pergunta.

— É claro que pode. — Ele sorri ao se aproximar. Puxa uma cadeira e se senta bem perto de mim.

— Como você está?

— Melhor e louca para ir embora.

— Não seja tão impaciente, isso é para o seu bem e do meu sobrinho e também, quando tiver alta, terá de ficar em extremo repouso em casa. — Dou de ombros.

— Notícias da Driana?

— Benjamin a ajudou a sair do país sem que ninguém soubesse, ele disse que ela estava louca para ir embora e o fez prometer não revelar seu paradeiro para ninguém.

Sim, Driana, depois do que houve aqui no quarto, foi embora e não foi vista mais, a não ser por meu noivo, que a ajudou a ir embora. Nem a mãe dela sabe e ficou possessa quando soube do que o meu pai fez; foi embora para casa amaldiçoando ainda mais a minha família e eu não a culpo.

— Benjamin não quer me dizer também, e eu não vou insistir. Ela

precisa desse tempo, muita coisa aconteceu e remexer no passado a fez ficar pior. — Christian concorda. — O papai e a mamãe estão sem se falar durante esses últimos dois dias, para falar a verdade, todos estão meio que... Brigados com ele. O que o Alex fez foi muito ruim. Entendo que foi um ato de desespero, mas ainda assim.

— Eu sofri anos com tudo isso e quando finalmente penso que estou conseguindo superar...

— Ei, calma. Você não precisa se martirizar por isso, mana.

— Chris, de alguma forma, a culpa foi minha e não há nada que diga que fará eu mudar de ideia. Ainda tem a Driana, que foi embora, e eu acho que perdi minha melhor amiga. — Sinto as lágrimas se formarem em meus olhos. Christian pega uma de minhas mãos e beija.

— Você não tem culpa, e realmente, uma coisa que nosso pai falou ontem é verdade.

— O quê?

— James daria a vida dele por você, independente se papai pedisse ou não, porque ele te amava e jamais iria deixar algo te acontecer. Ele era uma pessoa incrível e sempre será lembrado por todos nós. James seria um verdadeiro Cooper, todos se orgulhariam em tê-lo na família. — Eu nem preciso dizer que estou em prantos. Meu James... Oh, meu Deus!

— Eu não queria que fosse assim...

— Talvez, Benjamin seja o homem que James te enviou.

— Como assim?

— James sabia que você iria sofrer por sua perda e, juntamente a Deus, lhe enviou um homem incrível. — Fico um pouco surpresa com as palavras dele. Christian nunca foi de conversas, ainda mais assim.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque você tem a segunda chance de ser feliz com um homem que te ama, tanto quanto o James te amava, e não quero que deixe isso passar por culpa ou luto... A vida é uma só e ela deve ser vivida com intensidade e sem arrependimentos.

— Obrigada, Chris, eu amo você. — Ele abre um sorriso maravilhoso.
— Eu também te amo, irmãzinha.



UMA SEMANA DEPOIS

Finalmente! Enfim em casa, quer dizer, no castelo de Benjamin. Todos da minha família estão na minha casa e vão ficar até a festa. Nem preciso dizer que foi uma loucura para sair do hospital. Haviam dezenas de repórteres na porta e muitos seguranças foram necessários para que eu conseguisse chegar até o carro e, ainda assim, tive de ser levada em uma cadeira de rodas. Ainda estou fraca e Benjamin achou melhor para não haver esforços.

O portão do palácio também estava abarrotado de repórteres.

— Aline, resolvemos fazer um jantar de boas-vindas, todos estarão reunidos — murmura Christa.

Minha mãe, meus irmãos, Raymond e Benjamin foram ao hospital me buscar. Minha mãe disse que meu pai preferiu me esperar aqui para conversar sozinho comigo.

— Onde ele está? — O semblante da minha mãe já muda.

— Está no nosso quarto, amor, pedi para ele esperar lá. — Balanço a cabeça, concordando.

Quando ameaço me levantar, Benjamin já toma a frente e me pega em seus braços. Olho para seu rosto coberto pela barba bem aparada, olhos extremamente azuis e alegres, sua expressão está muito mais feliz.

— Não precisa fazer isso... — murmuro envergonhada.

— Treinando para depois de casados — diz ele, fazendo todos ali sorrirem.

Benjamin começa a andar em direção às escadas. Confesso que estou bem nervosa com essa situação toda, minha melhor amiga foi embora e eu não sei se ela odeia a minha família. Não a julgaria se fosse assim, ela tem todos os motivos.

— Não seja tão dura com o seu pai, já basta todos da família estarem indiferentes a ele — murmura Benjamin, enquanto caminha pelo extenso corredor da ala real.

— O que ele fez foi muito grave..., mas não vai deixar de ser meu pai e não vou amá-lo menos por isso. Só que a imagem que eu tinha dele... Não sei se será a mesma, isso me deixou muito deprimida — afirmo.

Benjamin para em frente ao nosso quarto e, antes de abrir a porta, dá um beijo em meus lábios e diz logo em seguida.

— Ele te ama e assim como eu, faria o possível e o impossível para te proteger....

— Sim, eu sei. — Ele abre a porta comigo em seu colo. Logo vejo meu pai parado, em pé em frente à sacada. Assim que nos vemos, ele se aproxima. Benjamin, com cuidado, me coloca em cima da cama e sem dizer nada, se retira, nos deixando sozinhos.

Alex caminha até uma cadeira e a puxa para se sentar bem na minha frente. Ele está abatido, cabelo com mais fios brancos, barba maior e também com fios brancos. Olheiras e o rosto bem inchado, como se estivesse... Chorando.

— Sei que, por mais que eu me explique, nada vai justificar o que eu fiz..., mas quero que saiba que tudo foi um ato de desespero. Não poderia deixar que nada acontecesse com a minha princesa.

— Mas e o James? Como foi capaz de pedir algo desse tipo a ele? — Ele abaixa o olhar.

— Eu não pensei nisso, eu só queria te proteger... Quando temos filhos, não nos importamos com o que fazer para vê-losãos e salvos; quando você tiver o seu, vai me entender.

— É, quem sabe. — Meu pai pega em minhas mãos.

— Filha, eu não queria que fosse assim. James era um homem

maravilhoso, seria um marido ideal para você... Por favor, não se culpe pelo que aconteceu. — Solto uma risada sarcástica.

— Como não? Pai, de alguma forma, a morte de James é minha culpa. Nada que diga vai me fazer mudar de ideia.

— Nem mesmo uma carta dele? — Olho extremamente confusa para ele, mas logo entendo quando meu pai puxa um envelope branco do bolso de trás da sua calça e me estende.

Pego o envelope, na frente está escrito meu nome e a letra é de James.

— Onde... Você conseguiu isso? — Meu rosto está banhado por lágrimas.

— Ele escreveu dias antes do seu aniversário. Disse que se algo acontecesse a ele, que te entregasse. Mas depois, da forma como você ficou quando ele morreu, não achei certo te entregar, poderia te deixar pior. Tinha medo de você não suportar tudo, até porque eu não sei o que está escrito nessa carta. — Meu pai se levanta. — Eu vou deixar você sozinha, por favor filha, me perdoe. — Meu pai se vira e sai. Quando fico só, abro a carta, sentindo meu peito arder de tanta emoção, medo e tristeza.

Olá meu amor... sei que para você estar lendo isso, é porque algo não saiu como planejamos. Imagino como deve estar se sentindo nesse momento, afinal eu sou um cara incrivelmente lindo; me perder assim é terrível e um crime contra a humanidade. — Sorrio ao lembrar do quão convencido ele era. — Mas, enfim, querida, por favor, não se apegue ao passado, não se prenda a algo que não está mais em corpo presente. Quero que você seja feliz e viva cada segundo como se não houvesse amanhã, viva a segunda chance que Deus está te dando. Jamais deixe de fazer nada por minha causa, até porque eu já iria morrer... Sim, meu amor, há três meses descobri que estou com um tumor no cérebro e não há nada que possa fazer para me curar, então, eu não poderia deixar que você morresse. Não contei isso a ninguém e nem mesmo ao seu pai, não queria que as pessoas sentissem pena de mim. Eu dei a minha vida por você porque te amo e é isso que pessoas que amam fazem, o possível e o impossível pela pessoa amada. Aline Cooper, eu te amo e a única coisa que peço é que guarde boas lembranças do que vivemos. Viva a vida e seja feliz, pois você é uma mulher incrível e pode achar alguém à sua altura. Vou estar sempre por perto, te protegendo. Eu

sempre vou te amar, minha princesa, até depois da vida.

Com amor, seu James Miller.

Se estou chorando? Acho que soluçar seria a palavra certa! Meu amor estava morrendo aos poucos e eu não sabia! Meu Deus, meu James, meu eterno amor que nunca vou esquecer. Olho na direção do espelho e, por alguns segundos, tenho a impressão de vê-lo do meu lado, me olhando, com uma roupa branca e um sorriso enorme no rosto. Olho para meu lado e não vejo nada, e quando volto a olhar para o espelho, ele sumiu.

Fecho os olhos e com um sorriso enorme sussurro:

— Eu também te amo, até depois da vida....



Aline Cooper

O GRANDE EVENTO...

Respiro fundo, tentando me manter calma. Hoje é o grande dia, o dia em que vou ser apresentada oficialmente como futura rainha da Genovia. Muitas morreriam para estar no meu lugar, mas agora que estou aqui, começo a

questionar se eu realmente sou apta a ocupar esse cargo tão importante. Afinal de contas, uma rainha é um símbolo da realeza e tem de agir como tal... Não sei se vou conseguir. Tentei me preparar para isso durante dois meses, enquanto me recuperava.

Durante minha vida inteira eu nunca me importei com o que as pessoas pensam ou deixam de pensar sobre minha pessoa, mas agora é diferente, vou ser uma espécie de presidente e, ao lado do meu futuro marido, liderarei milhares de pessoas.

Jesus, Maria, José! Estou ferrada!

— Filha, por que está demorando tanto? Benjamin está te esperando, todos os convidados já estão presentes, líderes de países e monarquias estão lhe aguardando. — Ela só piora a situação.

— Mãe, fica quieta, por favor — murmuro, mantendo meu olhar no espelho.

— Que foi, querida? Parece nervosa. — Me viro para encará-la.

— Eu estou com medo — confesso.

— Querida... Eu imagino como deve estar sua cabeça, mas foi o destino que escolheu. Se quer realmente ficar com Benjamin, deve aceitar tudo isso também.

— Acho que não vou ser uma boa rainha. — Angel se aproxima e pega em minhas mãos.

— Você é uma pessoa incrível e tenho orgulho de ser sua mãe. A Aline que eu conheço tiraria isso de letra.

— Mas mãe, eu vou governar um país!

— Junto ao seu futuro marido. O homem que você ama, e que é pai do filho que espera. Você tem a sua família, que vai estar sempre de braços abertos e disposta a te ajudar, principalmente eu.

— Não me deixe sozinha. — Minha mãe me puxa para um abraço e, em seguida, encosta sua cabeça na minha.

— Nunca.



Saímos do quarto e, sem soltar a minha mão, dona Angel caminha comigo em direção à escada que dá acesso ao hall do castelo, onde há centenas de convidados me aguardando.

— Está linda — murmura.

— Obrigada, mamãe, você também está. — Ela sorri.

— Eu sei disso. — Ah, tão convencida.

Meu vestido é vermelho escuro, longo, mangas compridas, fechado na frente e com decote V nas costas. Cabelo solto e liso, colar de diamantes com detalhes prateados, brincos do mesmo estilo do colar, uma maquiagem básica que se resume a lápis de olhos, batom *nude* e uma sombra clara. Minha está com um vestido preto, longo, com mangas 3/4 e um pequeno decote na frente. Cabelo preso em coque perfeito, brinco de esmeraldas pequenas, um colar também de esmeraldas com detalhes em ouro. E assim como eu, está usando salto alto de tiras, o meu é prata e o dela dourado.

— Driana não veio, não é?

— Não, querida, Benjamin mandou o convite para ela, onde quer que esteja, mas não chegou até o momento, e acho que não virá. Eu sinto muito. — Respiro fundo para reprimir o choro.

Ao começarmos a descer as escadas, o falatório e a música acabam, as atenções são voltadas para mim e sinto um friozinho na barriga. Minha mãe aperta a minha mão para tentar me tranquilizar.

Vejo Benjamin parado no pé da escada me aguardando, com sua coroa de ouro, que parece pesada devido à quantidade de pedras preciosas. Um traje real, com medalhas de ouro, calça branca e bota escura. Arregalo os olhos quando vejo um dos funcionários do castelo se aproximar com uma almofada vermelha, e em cima dela, uma pequena coroa prateada, com pequenos diamantes e no meio uma pedra maior, que suponho ser um rubi.

Eu vou matar esse rei!

— Vou matar o Benjamin — sussurro para a minha mãe.

— Eu que o ajudei com a confecção da coroa. — Minha mãe sorri, culpada.

Ah, dona Angel!

Quando estou para descer o último degrau, Benjamin toma a mão que minha mãe segurava, ela se afasta e vai para o lado do meu pai, que a propósito, teve de se dobrar em dois para conseguir o perdão dela.

— Está linda, como uma verdadeira rainha. — Ben estende a mão para a almofada e pega a coroa. Com cuidado, ele a coloca no topo da minha cabeça e uma sessão de *flashes* e aplausos é ouvido. Tenho certeza que estou muito vermelha.

Ele me puxa para um beijo, e novamente flashes, aplausos é até mulheres dizendo “Oh”, são dirigidos a nós.

— Quero que vocês conheçam a mulher da minha vida, futura rainha, esposa e mãe do meu filho. — Ele leva a mão até a minha barriga, que ainda continua pequena. Respiro fundo para conter as lágrimas. — Que a festa oficialmente comece! — Gritos são ouvidos, a música se inicia novamente e a multidão se dispersa.

— Amor, por que fez isso? — Aponto para a coroa.

— Achei que iria gostar, sua mãe ajudou. — Enrosca seu braço na minha cintura.

— Eu achei que só teria uma, no dia da coroação, ou melhor dizendo, no dia do nosso casamento. — Ele sorri e me beija.

— Essa não é a coroa oficial, a sua está guardada à sete chaves e é tradição todo rei e rainha usarem a mesma coroa, passada de geração a geração.

— Ben... Obrigada, mas não precisava.

— Você está linda! Pode guardar essa como um presente, ou dar à nossa menina. — Dá de ombros.

— Como sabe que é uma menina?

— Eu sinto isso... Parando para pensar, se ela for tão linda quanto você,

eu vou estar oficialmente fodido. — Dou uma gargalhada e ele ri.

— Não seja bobo, o bebê nem nasceu e já está se mostrando um pai ciumento?

— Claro, ela vai ser muito cobiçada por todos e terá o mundo aos seus pés. Fora que será nossa herdeira. — Ergo uma sobrancelha.

— Nossa?

— Sim, isso tudo é seu também, até mesmo esse país inteiro.

— Amor...

— O que foi? É verdade, tudo que há nesse castelo é seu... Inclusive eu.
— Encosta seus lábios nos meus.

— Eu te amo, meu doce rei.

— E eu te amo, minha eterna rainha.



Admiro meu vestido de noiva, digno de uma rainha. Com renda e tule impressionantes, saia de volume A com a delicadeza de ramos rendados aplicados de forma muito sutil na saia e no corpo, realçando as costas com transparências que o elevam a outro nível. Na cabeça, um véu de renda que vai até o fim das costas e que cobre o rosto. Um buquê de rosas brancas e um salto branco. Maquiagem simples e linda.

— Querida... Está na hora. — Abro um sorriso enorme para meu pai, que está lindo, vestido de terno. Respiro fundo para não chorar ao ver minha linda Raven, nos braços da minha mãe. Ela é muito parecida com o pai, bastante cabelo loiro para um bebê de apenas três meses. Minha filha está com um vestido branco com detalhes azuis, tão bela.

— Nossa netinha veio levar a mamãe até o papai — murmura minha mãe.

— Eu simplesmente estou muito feliz e nervosa ao mesmo tempo. Meu casamento é hoje e depois dos votos, vem a coroação. Espero que nada dê errado. — Alex se aproxima, estende seu braço e eu aceito de bom grado. Com um braço minha mãe segura Raven e com o outro ela faz o mesmo que meu pai, e eu aceito.

Caminhamos para fora de um dos quartos da basílica Genovia. Como tradição da família real, todos devem se casar aqui, e novamente o bispo Joseph estará casando um membro da monarquia.

Saio pelos fundos para poder entrar pelo portão principal. Uma limusine branca me aguarda para dar a volta e me levar até a entrada. Achei exagerado, mas Benjamin disse que seria necessário, pois a basílica é muito grande, e para chegar até o portão principal, tinha de andar pela extensa rua do centro da cidade. Eu não poderia fazer isso, ainda mais vestida de noiva.

Alguns minutos depois a limusine para; meu pai ajuda a minha mãe a sair, junto com a minha menina, e logo em seguida ele me ajuda. Centenas de pessoas nos rodeiam até o caminho da basílica, todos eufóricos e felizes com o casamento, uma chuva de *flashes* é dirigida a mim. A imprensa mundial está aqui e tudo isso está passando ao vivo para todos.

— Filha, fique calma. — Olho confusa para meu pai, mas logo entendo quando percebo que estou apertando seu braço muito forte.

— Desculpe, eu só não sei o que fazer. — Ele sorri, minha mãe toma seu lugar ao meu lado e sorri, segurando o meu braço.

— Você consegue, Aline; você é uma mulher incrível e tenho orgulho de ser o seu pai. — Ele dá um beijo na minha testa.

— Seja você mesma e lembre-se que sempre estaremos aqui, meu amor. — Solto a respiração que nem sabia que estava prendendo, e, me sentindo mais confiante, murmuro.

— A rainha chegou.

Epílogo

Christian Cooper

— Negócio fechado, senhor Cooper. — Com um aperto de mão, fecho mais um projeto para a empresa. O quinto, só esse mês.

Quando o senhor Dylan Savage sai da sala, acompanhado de seus dois assistentes, aproveito para relaxar. Tiro o paletó preto e a gravata e enrolo as

mangas da camisa branca.

Escuto batidas na porta e peço para entrar.

— Senhor, seu irmão ligou enquanto estava em reunião, disse que está na cidade e vai te aguardar em seu apartamento. — Rita, minha secretária, me avisa.

— Obrigado. Tenho mais alguma reunião ou algo importante para hoje?

— Não senhor, só alguns relatórios dos lucros dos demais projetos que já estão em andamento, mas já mandei para o setor financeiro avaliar. — Ela ajusta seus óculos enormes no rosto, enquanto mantém seus olhos no *tablet*.

— Tudo bem, peça para que, assim que o financeiro terminar a avaliação, me entregar o mais rápido possível. São projetos que valem bilhões e são importantes para a empresa.

— Sim, senhor.

— Está dispensada, Rita. Vou para casa mais cedo. Para meu irmão sair de Las Vegas e voltar para Nova York, algo não está indo bem. — Fazia dois anos que não nos víamos, desde o casamento e a coroação de nossa irmã.

Sim, minha irmã há dois anos se casou com o rei da Genovia e juntos tiveram a pequena Raven. Recebo várias fotos dela, ela já está com dois anos e cresce rapidamente.

Pego meu paletó e minha gravata, minha pasta e saio do escritório. Normalmente costumo sair bem tarde da noite, mas graças aos trabalhos adiantados e a volta repentina do meu irmão, estou saindo às cinco horas da tarde.

Desde que assumi a presidência da empresa, há um ano, precisei rapidamente procurar alguém para o cargo da vice-presidência. Meus primos, Bryan e Tânia, filhos do meu tio Liam, abriram um estúdio e trabalham com fotografia, minha irmã se casou com um rei e Theodore assumiu os negócios do nosso avô, John. Ele comanda diversos cassinos e, pelo que tenho ouvido, Theo está fazendo um trabalho maravilhoso.

Sobrou para eu assumir os negócios da família, e graças a Deus, tenho alguém para me ajudar. Meu amigo de infância, Ivan. Ele me lembra muito meu irmão Theodore, mas diferente dele, Ivan é casado há três anos e pai de

um belo filho.

Architecture Cooper's é uma empresa voltada para a arquitetura e, desde que assumi o comando, tem crescido muito. Modéstia à parte, eu sou muito bom no que faço e sei que posso ir muito além, por isso, estamos discutindo a possibilidade de fecharmos contrato com duas empresas, a Del Frari e a Lavisck's Marketing e Investimentos. Os donos dessas empresas são amigos do meu pai, Matteo Del Frari e Adam Lavisck. Ambos pretendem fundir as empresas e torná-las uma só, e ainda decidirão quem ficará no comando.

Abro a porta do meu apartamento e já dou de cara com Theodore, sentado na minha poltrona, com um copo de uísque em mãos, camisa social escura com as mangas enroladas até os cotovelos e uma cara nada boa.

— Você está uma droga — murmuro me jogando no sofá e colocando a pasta do meu lado.

— Sabe o motivo — diz com desdém.

— Já faz quase dois anos, deveria esquecê-la.

— Fala como se fosse fácil, eu amo essa mulher.

— Sim, mas ela não quer saber nada da nossa família e tem razão; de uma certa forma, trouxemos desgraça para a vida dela.

— O irmão dela iria morrer mesmo.

— Isso não importa, a questão é que ela não liga para a gente e é melhor você superar. — Ele bufa.

— Você é completamente frio. — Dou uma breve risada.

— Sou realista.

— Mamãe tem razão, você ficou pior quando assumiu o comando da empresa. — Vira o copo de uísque na boca.

— Alguém tinha, todos recusaram.

— Você sabe que não tinha...

— O importante é que assumi e ponto. — Não gosto de falar disso.

— Ok, não falo mais. — Levanta as mãos em sinal de rendição.

— Bem, agora me diz, o que faz em Nova York?

— Eu só vim ver você, faz tempo que não nos vemos. Depois daqui vou ver nossos pais, meus tios e primos e por último, ir à Genovia ver minha irmã.

— Melhor dizendo, implorar para Benjamin dizer onde está Driana.

— Já te mandaram se foder hoje?

— Não, já me pediram para foder, mas ir se foder não. — Ele revira os olhos.

— Olha, estou a fim de sair para beber, faz tempo que não fazemos isso.

— Não posso, tenho trabalho.

— Você é insuportável, aposto que não come nenhuma mulher há um tempo... — Abro um sorriso malicioso.

— Para a sua informação, minha vida sexual está ótima, eu só não exponho, como você fazia para ter a fama de mulherengo que tinha e ainda tem. É até estranho te ver tão apaixonado.

— Em breve é você. — Dou uma gargalhada falsa.

— O dia que isso acontecer, pode me internar.

— Vamos à uma boate? Fiquei sabendo de uma nova que abriu.

— Não sei, eu tenho...

— Deixa de ser insuportável e vamos. — Ele se levanta e coloca o copo na mesa de centro da sala. — Vou descansar um pouco, às dez horas em ponto saímos daqui, ainda é cedo. — Sem esperar que eu diga algo, ele se vira e sai, indo em direção às escadas.

Moro em uma cobertura em tons cinza, branco e marrom, com decoração moderna projetado pela minha empresa; eu mesmo tive o prazer de desenhar o projeto. Piso de porcelanato, teto de gesso rebaixado, móveis em tons escuros, de madeira viva e envernizada.

Nunca trouxe mulher alguma aqui e nem vou, a única que vive aqui é Lenita, minha governanta e segunda mãe.

— Seu irmão está horrível. — Em falar nela...

— Ele vai ficar bem, vamos sair hoje.

— Vão encher a cara?

— Como ousa falar assim de minha pessoa? — Me finjo de ofendido.

— Digo isso porque eu me preocupo. — Levanto do sofá e vou até ela.

— Eu sei, por isso te amo. — Ela abre um sorriso enorme quando me inclino para beijar suas bochechas de senhora de sessenta anos. Ela tem cabelo comprido e com fios brancos, é baixinha e de pele negra, olhos extremamente verdes e um incrível dom de me acalmar.

— O jantar está quase pronto. Seu irmão eu já vi que não vai comer, assaltou a geladeira quando chegou, mas você vai.

— Lenita, eu...

— Não me faça te tacar as panelas — murmura saindo da sala e eu rio.

Essa é a minha vida; gosto dela assim, e nada vai mudá-la.

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer a Deus por esse incrível dom que Ele me deu e também as minhas conquistas.

Quero agradecer a minha revisora Angélica Podda, linda♥

Ao Aurélio Collins, diagramador de meus e-books, parceiro na escrita e meu melhor amigo.

A April Kroes, minha diagramadora dos físicos, maravilhosa, arrasa em tudo esse mulherão da porra.

Aos Capistas da Série Os Coopers: Will Nascimento, P. V. Capas, Ester Costa e Kathy Seraph.

As minhas leitoras maravilhas; já disse e repito: sem vocês, nós escritores não seríamos nada.

Aos meus familiares, principalmente aos meus pais e meu namorado.

Table of Contents

<u>Prólogo</u>	
<u>Capítulo 1</u>	
<u>Capítulo 2</u>	
<u>Capítulo 3</u>	
<u>Capítulo 4</u>	
<u>Capítulo 5</u>	
<u>Capítulo 6</u>	
<u>Capítulo 7</u>	
<u>Capítulo 8</u>	
<u>Capítulo 9</u>	
<u>Capítulo 10</u>	
<u>Capítulo 11</u>	
<u>Capítulo 12</u>	
<u>Capítulo 13</u>	
<u>Capítulo 14</u>	
<u>Capítulo 15</u>	
<u>Capítulo 16</u>	
<u>Capítulo 17</u>	
<u>Capítulo 18</u>	
<u>Capítulo 19</u>	
<u>Epílogo</u>	
<u>Agradecimientos</u>	